UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

CURSO DE MESTRADO

ANA APARECIDA ROCHA

A POSIÇÃO FEMININA NO ENSINO DE LACAN E SEU MANEJO NA DIREÇÃO DO TRATAMENTO ANALÍTICO

RECIFE

2024

ANA APARECIDA ROCHA

A POSIÇÃO FEMININA NO ENSINO DE LACAN E SEU MANEJO NA DIREÇÃO DO TRATAMENTO ANALÍTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestra em Psicologia Clínica.

Linha: Psicopatologia Fundamental e Psicanálise.

Orientadora: Edilene Freire de Queiroz.

RECIFE

2024

R672p Rocha, Ana Aparecida.
A posição feminina no ensino de Lacan e seu manejo na direção do tratamento analítico / Ana Aparecida Rocha, 2024.
147 f. : il.

Orientadora: Edilene Freire de Queiroz.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica, 2024.

1. Psicanálise. 2. Mulheres - Aspectos psicológicos.
3. Lacan, Jacques, 1901-1981. I. Título.

CDU 159.964.2

Luciana Vidal - CRB-4/1338

A POSIÇÃO FEMININA NO ENSINO DE LACAN E SEU MANEJO NA DIREÇÃO DO TRATAMENTO ANALÍTICO

BANCA EXAMINADORA

Profa Dra. Edilene Freire de Queiroz (UNICAP) - Orientadora

Documento assinado digitalmente
gov.br
CLEYTON SIDNEY DE ANDRADE
Data: 29/11/2024 17:36:19-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof Dr. Cleyton de Andrade (UFAL) – Examinador externo

Profa Dra. Paula Cristina Monteiro de Barros (UNICAP) – Examinadora interna

Recife

2024

Aos pacientes que ao longo de meu trabalho como analista, apostaram e continuam a apostar na caminhada de uma análise. Sem vocês, este trabalho não aconteceria.

Agradecimentos

A Deus, energia maior deste universo que com sua regência nos convoca a buscarmos um sentido para nossa vida.

Aos meus pais, *in memorian*, que logo cedo e, ao modo deles, me ensinaram o valor do caminho do estudo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica-PPGPSI/ UNICAP que em suas linhas de pesquisa, concede um lugar à Psicanálise levando-nos a percorrer estradas em nome desse encontro.

À Prof.ª Dr.ª Edilene Freire de Queiroz por ter respondido sim ao e-mail que lhe enviei acerca de meu interesse. Estas três letras me abriram um universo de tantas outras. Sou grata ao rigor de sua leitura ao que tentei pôr no papel.

Aos professores Dr. Cleyton Andrade e Dr.ª Paula Cristina Barros por estarem presentes na qualificação e banca de defesa deste trabalho indicando pontos e aspectos valiosos à realização do mesmo.

Aos psicanalistas que se dispondo a participar desta pesquisa, contribuíram para dar a mesma material de análise acerca da questão suscitada e manter a vivacidade da Psicanálise.

À Lais que com seu trabalho e disposição me apoiou quando nesta aventura de fazer um mestrado, esbarrei em suas diversas etapas. Muito obrigada mesmo!

À Graça que gentilmente abriu a porta de sua casa e me acolheu, causando um bom reencontro que espero manter com a “doutora da bíblia”.

As amigas do quarteto em cy, Alzirene, Katarina e Sonia com quem dividi a alegria e angústia postas neste percurso. Gratidão por seguirmos além dos muros da UNICAP.

À Raquel e Sales, que de modos e, em lugares distintos, estiveram comigo neste percurso. Obrigada a vocês, com amor.

Resumo

A partir da definição do que vem a ser a posição feminina no ensino de Lacan buscamos refletir sobre a compreensão da mesma junto aos psicanalistas de orientação lacaniana, assim como as suas manifestações na clínica psicanalítica e a sua relação com a posição do analista. Fizemos uma revisão da literatura pertinente sobre a posição feminina, de Freud à Lacan e autores brasileiros e estrangeiros de orientação lacaniana que discutem sobre o tema em questão. Como trabalho de campo entrevistamos treze analistas de orientação lacaniana oriundos de cinco instituições de formação psicanalítica com 10 ou mais anos de experiência clínica, de ambos os sexos e localizados na Região Nordeste do Brasil. Considerando a compreensão de cada analista sobre a posição feminina e o manejo do lugar do analista nas intervenções, tentamos identificar: 1) como os analistas compreendem a posição feminina; 2) Se percebem as manifestações desta posição feminina em suas clínicas; e 3) se a posição do analista, tem relação com a posição feminina na direção do tratamento. Os analistas consideraram que Lacan avançou com a noção da posição feminina, podendo esta ser ocupada por homens e mulheres, por não se tratar de uma questão ligada ao sexo biológico. Afirmam que observam manifestações dela na clínica como também reconhecem uma articulação desta com a posição do analista na direção do tratamento. Porém, verificamos que ao analisarmos as respostas sobre as questões formuladas, a despeito da compreensão expressa, encontramos percepções diversas e, nem sempre relacionadas àquilo que está proposto no ensino de Lacan como sendo a posição. Entendem que não cabe mais dirigir o tratamento apenas pela via do sentido e sua decifração.

Palavras-chave: 1. Posição feminina, 2. Posição do analista, 3. Clínica psicanalítica, 4. Direção do tratamento.

Sumário

Introdução **10**

Capítulo 1: A posição feminina no ensino de Lacan **17**

1.1 Indagações freudianas acerca da mulher 18

1.2 A construção da posição feminina em Lacan 23

Capítulo 2: Os analistas e a posição feminina **37**

Capítulo 3: A identificação das manifestações da posição feminina na clínica psicanalítica **46**

3.1 A clínica psicanalítica sob a orientação lacaniana 47

3.2 O que falam os analistas sobre as manifestações da posição feminina em sua clínica. . 53

Capítulo 4: A posição do analista e a posição feminina: haveria alguma articulação? .. **64**

4.1 A direção do tratamento e a posição feminina no ensino de Lacan 65

4.2 O que os psicanalistas dizem sobre a relação da posição do analista com a posição feminina no contexto de suas práticas? 70

Considerações Finais **79**

Referências **82**

A mulher não existe.

Por que Antígona não seguiu os conselhos de Ismênia? Por que Diadorim não revelou seu segredo a Riobaldo? Por que Anna Karenina se jogou debaixo de um trem e Virgínia Woolf no rio? Por que Duras escreve? Por que Lol se calou?

Porque não há A.

De um lado da humanidade estão aqueles que existem, sabem fazer e fazem saber. Sabem fazer indústrias, pontes, coador e fraldas descartáveis, guerras, bebês de proveta, remédios, bombas, carros, tortura, fortuna, doenças, fast food e charuto. E de outro estão as que não existem e só fazem com o impossível, desafiando a Deus: desespero, suicídio, traição, paixão, loucura, ferocidade, ficção, poesia e êxtase. Por quê?

Na época de Freud, elas eram mandadas para as clínicas de repouso. Achavam que elas precisavam de repouso, que estavam cansadas. Cansadas de quê? Seria um cansaço de tentar ser homem? Ou tentar fazer existir a mulher? Ou eram eles que ficavam cansados de vê-las, assim, tão nãotodas. Lá elas podiam tecer na solidão. (*Holk, boletim infamiliar, XXIII EBCF, 01/12/2020)*

Introdução

Do tempo inicial da Psicanálise para os dias de hoje a ordem simbólica vem se esgarçando e os ideais norteadores da relação do sujeito com o seu desejo são alterados, passando a imperar no zênite de nossa civilização, atualmente, o empuxo a gozar. As incidências disso chegam no discurso daqueles que buscam uma análise e provocam repercussões na prática dos analistas.

Na esteira de tantas alterações, a Psicanálise se posiciona buscando através de conceitos e princípios, um lugar e um dizer acerca do que se passa. Do ato inaugural de Freud (1856-1939) até o ato de Lacan (1901-1981) de sustentar o que para ele seria a lâmina cortante iniciada pelo mestre de Viena, encontramos no ensino deste noções que norteiam a formação e o trabalho do analista e contribuem com a tarefa de manter viva a invenção freudiana.

Jacques Lacan, psiquiatra e psicanalista francês é conhecido como aquele que com sua transmissão e trabalho clínico teria feito um retorno a Freud tentando resgatar e realçar do legado freudiano pontos cruciais para a sustentação da Psicanálise. O campo da sexualidade feminina é um deles, que aliado à sua compreensão da noção de gozo e do registro do real, o fez avançar além do mito edipiano como passagem e definidor de saídas para os sujeitos frente a encruzilhada que a sexualidade causa a cada um, homem ou mulher.

Atento particularmente ao que se passava do lado da mulher, Lacan se interessa por aquilo que se manifesta nos místicos. Encontrou uma condição de gozo, do lado destes homens e mulheres, de não se representar por inteiro na ordem do significante. No centro da experiência mística haveria um êxtase indizível e será deste campo que Lacan extrai a noção de um gozo que fará parte de um dos lados da tábua da sexuação.

Compreendermos as consequências dessa formulação é um exercício que põe em pauta pensarmos os seus efeitos na edificação epistêmica do pensamento de Lacan e na articulação desta noção à clínica psicanalítica e a formação dos analistas.

Consideramos ser a posição feminina uma noção que traz não só um ponto de destaque no olhar de Lacan sobre a sexualidade como também colocaria importantes questões presentes na direção do tratamento. Entendemos que ela tanto diz respeito ao processo de sexuação em que cada sujeito atravessa para formular a sua posição de gozo, como também guarda ligação com os conceitos de real e de objeto *a*, aportes teóricos cruciais na episteme e prática da Psicanálise de orientação lacaniana.

Se a Psicanálise surge do encontro de Freud com as histéricas, pensamos que o encontro de Lacan com o gozo das mulheres faz a Psicanálise avançar. A posição feminina no ensino de Lacan não seria algo próprio das mulheres. Diria de um modo de gozo onde homem e mulher podem se situar. Apontaria para uma posição em que a significação fálica como resposta à castração não deteria o poder de responder ao sujeito acerca de seu movimento frente ao desejo, como também cernir o que se passa frente ao seu gozo.

Encontrei ao longo do tempo em que passei por Unidades do Programa de Estratégia de Saúde da Família (ESF), Centro de Atenção Psicossocial Infanto Juvenil (Capsi), Centro de Atenção Psicossocial III, Centro de Referência de Saúde do Trabalhador (CEREST) situações que muito me faziam questionar a direção do tratamento frente às demandas tão permeadas de aspectos diversos a perpassar o trabalho a ser realizado.

Aliado ao trabalho que desempenhei na saúde pública, juntou-se o trabalho como analista praticante no consultório que desenvolvo até os dias de hoje. Estes espaços portam peculiaridades que os distingue quanto a natureza do dispositivo como também a participação de outros profissionais na direção do tratamento. Entretanto, a questão que me salta aos olhos, a posição do analista, faz-se presente em ambos e me põe a indagar sobre a direção do tratamento.

Perante os pacientes que escutava e ainda escuto alguns se destacavam frente a natureza de suas demandas. A saber: crianças, mulheres, psicóticos e usuários de álcool e outras drogas.

Ajudar a buscar dar um destino ao sofrimento deles não seria possível sem contar com o apoio de alguns conceitos e princípios da Psicanálise, particularmente a de orientação lacaniana.

As crianças, conforme percebemos, são colocadas na posição de objeto condensador de gozo sendo etiquetadas e submetidas a protocolos de tratamento criados por um saber que se supõe adequado, completo e perfeitamente indicado para o tratamento daquilo que elas apresentam. Aquilo que elas buscam inventar como resposta a essa desordem nem sempre é levado em conta.

Recebemos mulheres imersas na posição de empoderamento que, no entanto, estão tomadas de angústia frente a maternidade ou ao encontro de suas parcerias amorosas onde temem perder-se frente ao enigma de seu desejo e de sua posição frente ao desejo do Outro. Chegam com diagnósticos diversos para tentar nomear aquilo que do mal-estar não conseguem tratar.

Escutamos também sujeitos tomados por uma toxicomania em que fica mais difícil ver o seu laço com o uso de substâncias ou medicações, não se dispondo a repensar e ceder do uso destas. Afetados por um discurso que os enebria e os coloca a serviço tanto dos bens e serviços que o capitalismo e a ciência ofertam, não estão isentos de uma angústia que, ao retornar sobre seus corpos, os acossa e os põe em confronto, sem mediação com um gozo que os enlaça colocando-os em um circuito frenético de um mais de gozar implacável.

Participar da equipe de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPSIII e Capsi) e encontrar as psicoses também me pôs frente a desafios na direção do tratamento destas em articulação com a proposta de trabalho na saúde mental. Aqui, mais uma vez, recorria à Psicanálise para me fazer suportar lidar com a loucura e com a angústia de chegar tão perto das manifestações do real, das invasões de gozo perturbadoras e que apontavam que o projeto terapêutico proposto a estes sujeitos não se coadunava a uma só vertente.

As questões apresentadas me punham a indagar que além da demanda de cura, havia um funcionamento outro circulando nas palavras destes sujeitos e que escapava à política institucional dos cuidados de saúde mental. Tratava-se da noção de gozo presente em meio aos diversos aspectos envolvidos no tratamento destinado a estes sujeitos. Seja do lado da instituição, da família, da equipe de profissionais, do próprio paciente.

Buscar o que na Psicanálise poderia nos indicar uma direção de trabalho que tocasse nestas demandas, de um modo distinto na direção de sua cura, tornou-se um ponto de pesquisa. Uma questão me ocorria com mais frequência: como lidar enquanto profissional orientado pela Psicanálise com as questões advindas destas demandas? Havia algo que sobressaia a este questionamento, a saber, a posição do analista. E, para pensar sobre esta, a noção da posição feminina poderia ser um salutar ponto a nos conduzir nesta empreitada. Ponto de virada no ensino de Lacan se dá quando ele trata da sexuação, da noção de gozo, e do registro do real frente ao trabalho a ser realizado na clínica, representando para nós um ponto de ancoragem que jogaria luz no nosso fazer com a Psicanálise.

Esta pesquisa então surge destas questões encontradas na clínica institucional e particular, considerando a relevância da noção da posição feminina, tanto do ponto de vista teórico como clínico. Assim, temos como objetivo identificar qual a compreensão e o manejo que os analistas de orientação lacaniana têm acerca da posição feminina no ensino de Lacan e como eles identificam e trabalham com esta noção em suas clínicas.

Para tanto, fizemos uma revisão da literatura pertinente, incluindo Freud, Lacan e autores brasileiros e estrangeiros de orientação lacaniana que discutem sobre o tema em questão. Nesta trilha, autores ligados a Escola Brasileira de Psicanálise tiveram uma presença mais acentuada visto que é nesta instituição em que realizo a minha formação, participando do trabalho epistêmico e clínico desenvolvido na mesma e acompanho mais de perto as discussões acerca do que vem ocupando os analistas em seu percurso na clínica e no processo de formação.

Se de um lado isso possa ser visto como limitante e parcial, por outro, cabe ao pesquisador a liberdade de escolher seus pares guiado pela sua transferência de trabalho, sobretudo numa pesquisa que não pretende questionar ou problematizar a noção da posição feminina em Lacan e sim discutir seu manejo na clínica. Enfim, trata-se de um recorte possível, evidentemente não o único. Ao fazer este recorte abrimos espaço para que outros saberes e orientações possam apontar distintas possibilidades.

Entrevistamos treze analistas de orientação lacaniana pertencentes a cinco instituições de formação psicanalítica. A saber: Centro de Estudos Freudianos do Recife (CEF), Círculo Psicanalítico de Pernambuco (CPP), Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) (Seção Nordeste), Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL), Rede Diagonal Brasil e Fórum do Campo Lacaniano. Os analistas entrevistados têm entre 14 e 40 anos de experiência clínica, sendo 4 homens e 9 mulheres, com faixa etária variando de 37 a 73 anos de idade, atuando todos na Região Nordeste do Brasil.

O número treze foi aleatório, pois encaminhamos convites a vários analistas dessas instituições e treze foram os analistas que aceitaram participar da pesquisa. Elaboramos uma lista de analista das diferentes instituições que trabalham com a orientação lacaniana e, a partir destes solicitamos novas indicações. Entramos em contato, explicando do que se tratava, e, conforme iam aceitando o convite, enviávamos o projeto aprovado pelo comitê de ética para leitura. Uma vez concordando em participar da pesquisa agendávamos um horário. Iniciamos pela EBP, instituição na qual a pesquisadora pertencia, seguida das demais instituições já citadas.

Formulamos a todos eles três questões relacionadas ao tema, a saber: 1) Como você compreende a noção de posição feminina no ensino de Lacan? 2) Você percebe em sua clínica, manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado à posição feminina segundo

o ensino de Lacan? 3) Como se daria no seu trabalho como analista o manejo da posição feminina na direção do tratamento?

As entrevistas aconteceram na modalidade online, pois os analistas residiam em estados distintos. Ajustamos cada encontro conforme a comodidade e agenda de cada um. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos analistas, assegurando-lhes o sigilo e evitando criar situações que pudessem constranger ou dificultar a participação deles. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas e analisadas, uma a uma a partir do referencial que sustenta a discussão teórica desta pesquisa e buscando destacar os pontos convergentes e divergentes quanto às questões propostas.

A articulação advinda da pesquisa bibliográfica e a análise realizada a partir do trabalho de campo estão apresentadas em quatro capítulos.

No capítulo 1 nos detemos na compreensão do que seria a posição feminina no ensino de Lacan. Retomamos a origem da Psicanálise apontando que já em Freud há um encontro com as mulheres e, de certo modo já com o real que a posição feminina engendra – uma espécie de antecipação ainda não formulável -, pois toca naquilo que há de inominável e estranho dessa posição. Em Lacan, fizemos uma pesquisa desde os primeiros seminários até o Seminário 20, *Mais ainda,* onde ele apresenta e discute a posição feminina. Apoiando-se na matemática, na lógica e na mística Lacan realiza um outro olhar sobre a diferença entre os sexos, chamando a atenção para os modos de gozo presentes e repartidos entre as posições masculina e feminina

Nos demais capítulos 2, 3 e 4 nos detivemos, mais diretamente na análise das entrevistas buscando nesta destacar os pontos que pareceram mais importantes a partir do objetivo da pesquisa como também em particularidades que mereciam destaques. A cada questão colocada, dedicamos um capítulo.

No capítulo 2 apresentamos e discutimos acerca do que os analistas entrevistados falaram sobre a compreensão da posição feminina em Lacan. Buscam**os** analisar quais aspectos

e pontos foram ressaltados nesta compreensão e se os elementos indicados se aproximavam ou não do que está posto na elaboração lacaniana sobre a posição feminina, sem deixar de registrar outras ideias em torno do que vem a ser pensado como a posição feminina a partir de suas formações e atuação clínica.

No capítulo 3 refletimos sobre como os analistas entrevistados identificaram na clínica as manifestações da posição feminina a partir de sua escuta frente àquilo que lhes chega como pedido de análise. Trata-se de uma discussão importante no sentido de verificarmos se esta noção além de ser compreendida, ela é identificável e operável na clínica.

No capítulo 4 buscamos analisar se os entrevistados articulavam ou não seu trabalho enquanto analistas com a posição feminina segundo o ensino de Lacan. Investigaremos se encontram ou não alguns pontos de diálogo entre a posição feminina e a posição do analista e, caso existam, quais seriam estes.

Tecendo as considerações finais esboçamos algumas impressões acerca do trabalho de pesquisa realizado articulando o objetivo com as leituras e as falas advindas das entrevistas. A ideia de um avanço em relação a Freud foi quase que unanimemente citada. Escutam a posição feminina como podendo ser ocupada tanto por homens quanto mulheres e, encontram na clínica manifestações do que se passa, hoje, com os sujeitos frente a posição de gozo. Acreditam que a noção do gozo feminino suplementar, não-todo pode ser um princípio norteador do trabalho como analista. Mas, verificamos que entre dizer e relacionar com o que acontece na clínica, não é fácil. Nem todos conseguiram falar sobre isso. Percebemos também distinções no modo como definem e manejam o seu trabalho como analistas mediante a compreensão da posição feminina.

Capítulo 1: A posição feminina no ensino de Lacan

> O que quer uma mulher? Freud adianta que só há libido masculina. O que quer dizer isto? – senão que um campo, que nem por isso é alguma coisa, se acha assim ignorado. Esse campo é o dos seres que assumem o estatuto da mulher – se é que esse ser assume o que quer que seja por sua conta. Além disso, é impropriamente que a chamamos a mulher, pois, a partir do momento em que ela se enuncia pelo não todo, não pode se escrever. Aqui o artigo "a" só existe barrado (Lacan, 1972-73/1982, p. 108).

Este capítulo, apresenta dois relevantes momentos para compreensão da pesquisa: No primeiro momento, retomaremos a origem da Psicanálise apontando que já em Freud há um encontro com as mulheres e porque não dizer com o real que a posição feminina engendra tocando naquilo que há de inominável, estranho e presente no caminho da mulher. Acreditamos que em seu percurso ele não tenha se deixado guiar apenas pela medida fálico/castrado. Reconheceu a distinção entre os sexos e, do lado da mulher, tocou em algo que portando um enigma o pôs frente a uma indagação. Ele falou das saídas para o Édipo feminino, mas, não deixou de perceber que há no caminho do tornar-se mulher, algo da ordem de um impasse. Deixou para outros campos de saber a tarefa de definir e esclarecer o enigma feminino.

Em um segundo tempo, seguindo em Lacan, faremos uma pesquisa em seu ensino dos tempos iniciais até a altura do seminário 20, *Mais ainda* (1972-1973/1985) para adentrarmos sobre o que seria a posição feminina, objeto de nossa pesquisa. Apoiando-se na matemática, na lógica e na mística, Lacan sustenta um outro olhar sobre a diferença entre os sexos. Desperta para os modos de gozo presentes e repartidos entre a posição do lado do homem e a posição do lado da mulher e coloca essa construção em suas fórmulas da sexuação. Do lado da posição feminina, a qual pode ser ocupada tanto por homens quanto por mulheres, aponta que a referência ao falo não recobre o que aí se passa. Há um mais, uma divisão em seu gozo que a faz não-toda submetida à castração, ampliando a questão do gozo presente nos sujeitos, homens e mulheres.

1.1 Indagações freudianas acerca da mulher

Ao iniciar sua pesquisa acerca do adoecer histérico Freud (1893/1895) descobre uma causa e inventa um método para se lidar com esse sofrimento. Mas, a despeito de sua investigação e descobertas realizadas reconhece nesta um desconhecido, um não todo sabido naquilo que diz respeito a mulher.

Freud (1905) é mestre em, detendo-se numa realidade, ver além do que esta alcança. Dedicando-se à escuta daquelas que o buscam, acentua sob um outro olhar, o caráter da sexualidade humana. Além de perversa, polimorfa e infantil, ela designa a constituição subjetiva naquilo que lhe traz prazer e satisfação, mas também lhe faz trauma, lhe adoece, lhe causa dor. Tornar-se homem ou mulher não corresponde a um caminho determinado e estabelecido em consonância com o organismo biológico que se porta. Há algo da ordem de um trauma em ser sexuado e que não escapa à elaboração freudiana**.**

De acordo com Marcos (2010) encontramos já em Freud aquilo que seriam os antecedentes da posição feminina em sua relação como real e o não-todo na elaboração feita mais à frente por Lacan.

Na conferência XXXIII *Feminilidade*, Freud (1931) ele reconhecendo o que ainda teria por esclarecer sobre o que se passava do lado da mulher, ressalta que haveria muito o que estudar sobre os seres femininos, mas, não caberia à Psicanálise descrever o que é a mulher. Para ele seria uma questão sem solução. O que poderia a Psicanálise fazer neste universo seria "investigar como uma criança predisposta à bissexualidade se torna uma mulher, como chega a ser uma mulher." (Freud, 1931, p.117).

O sonho da injeção de Irma apontaria para o encontro de Freud (1900) com o feminino naquilo que ele teria de relação com o inominável. Neste sonho aspectos como a carne viva lembrando o órgão feminino dessexualizado, a morte associada ao mutismo e o umbigo que

lembra a lacuna no psiquismo acerca deste inominável, fez Freud aproximar-se do que viria a ser mais tarde nomeado como real por Lacan.

Outro caso atendido por Freud e que também realça uma relação com este indizível é o caso Emmy (Breuer & Freud, 1893/1965). Paciente que falando em voz baixa, apresenta interrupções chegando a gaguejar e produzindo um barulho bizarro com a boca. Assinala Marcos (2010) que:

> [...] em seu discurso, parece que uma interrupção torna literalmente presente a lacuna que Freud situa o trauma. Estes espasmos na palavra de Emmy parecem reenviar ao buraco, à lacuna pela qual o real se manifesta. Não se trata simplesmente de um silêncio, mas da presença de alguma coisa de inominável que impõe a ruptura da cadeia discursiva. (p. 152).

Logo, já em seus primórdios a Psicanálise toca no feminino naquilo em que, a despeito da cura pela palavra e do encontro de uma reminiscência que causasse a ab-reação e a libertação do trauma, faz irromper que há um silêncio, há uma zona de limite neste dizer, não recoberto pelo significante, algo que se apresenta sem ornamento, fora do simbólico, escapando e resistindo ser apreendido por este.

Freud (1893/1895) percebe que as histéricas sofriam com algo que em seu corpo se apresentava e em seu discurso, era difícil de dizer. Havia algo que as acometia e que mexia com suas cabeças, seus nervos. Ele persiste e encontra na fala delas uma repetição que segundo Maia (1999) indicam para Freud que há um lamento por não possuírem um ponto de apoio, uma sustentação que permitindo com que elas reconheçam seus desejos, oferte-lhes uma identidade feminina. “O que é uma mulher é a questão que elas, via seus sintomas, endereçam a Freud na esperança de que ele produza um saber sobre” (Maia, 1999, p. 22).

Em seu percurso, Freud (1925) investiga a sexualidade infantil e, nesta distingue o que é específico da menina, ou seja, o que está em questão para a travessia da menina no Édipo e

em sua constituição subjetiva. Há uma perda ou constatação de uma ausência, enfrenta a separação da mãe e é preciso dirigir o amor ao pai como uma promessa de lhe restituir e restaurar a ordem na qual estava imersa. Aí ela enfrenta três mudanças: de parceiro amado, de zona erógena e de objeto desejado (Rosa, 2014).

O caminho da menina a levará pela via do simbólico fazer do falo um caminho para se dizer, se nomear, existir. O falo velará a sua falta através de atributos dados a seu corpo e lhe apresentará a via do amor. No caso, o amor ao pai, para lhe dar consistência e uma sensação de completude. O falo lhe arranja um sentido, um lugar, um nome: ser mãe. Posteriormente, por exemplo, após um trabalho de análise, onde se esvaziam o amor ao pai e ao sentido dado pelo falo, ela vai se deparar com o não há.

Para aquilo que em sua constituição lhe falta, lhe faz ver não tendo, onde poderia encontrar o seu ser? A questão preciosa se mantém a despeito da busca. “O que quer uma mulher?” Responde Freud (1933): “Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes” (p. 165).

A feminilidade apontaria para este continente que na busca de uma definição, presente desde o começo do que Freud escutara, põe a mulher em um lugar que oscila, que à relança ao sintoma, à uma máscara que pode devastá-la ou como nos diz Miller (2010), a põe em uma relação distinta frente aos semblantes.

Situada mais próxima daquilo que o real encarna enquanto algo que o significante não recobre e se mantém como um buraco aberto que insiste em não se inscrever, em não ser circunscrito todo pelo simbólico, a mulher tem uma relação com o nada, com o real mais de perto do que o homem. A partir de uma marca corporal que remete a uma ausência, a uma falta, descortina-se para ela buscar situar-se frente a esta e verificar que a mesma é impossível de ser recoberta. Não há semblante que a recubra por inteiro.

Percebam que aqui tocamos de um lado na feminilidade, relação da mulher com a castração e, de outro lado, a posição feminina em Lacan, tema de nosso próximo ponto neste capítulo. Articulamos estes dois pontos, pois pensamos que o que Freud toca ao tratar da feminilidade, guardaria uma relação com o que Lacan tocará em sua construção acerca da posição feminina. São noções que tem suas peculiaridades, mas se articulam ao tentarmos discernir o que se passa do lado direito da tábua da sexuação. As saídas pensadas frente à primeira procuradas na dimensão do ter ou de ser o falo, parecem, em certa medida responderem ao que seria tornar-se uma mulher. Entretanto, não respondem ao que se passa com as mesmas além do registro fálico. Assim, ao se relacionarem, parecem nos apontar que há um mais além do falo naquilo que diz respeito à posição feminina sob o olhar de Lacan.

Para Faria (2004), Freud em seu percurso de se dedicar ao que se passa do lado da menina visando a sua mudança de menina para mulher esbarra em dificuldades. Na passagem que envolve uma dupla mudança de objeto, o Édipo feminino é dividido em duas etapas. Lembra-nos que, do lado da menina, é algo distinto, complicado e implica uma abertura, uma indefinição, um labirinto diferenciado do Édipo masculino. Privada e sem um caminho determinado a seguir para situar-se, lançará mão de recursos que dispõe para dizer-se e reconhecer-se como sujeito, identificando-se a uma posição de objeto, fazendo um semblante de modo a vislumbrar um ponto de ancoragem para o seu ser e a sua falta.

Destacamos que dentre as saídas para o Édipo feminino Freud não deixa claro, ou melhor, deixa sem resposta a questão das identificações na mulher. Basta lembrarmos de dois casos conhecidos dele com Dora (Freud, 1905) e a Jovem homossexual (Freud, 1920) para vislumbrarmos o que aí escapou à Freud naquilo que envolve uma mulher e a sua sexualidade. No caso *Dora* lhe escapou o que ela buscava na relação com Sra K como insígnias do que seria uma mulher e do que esta quer. No caso da *Jovem Homossexual*, não se deu conta da questão

que esta se deixara afetar ao ver sua mãe grávida e, dirigir a seu pai um desafio no caminho de sua orientação sexual o provocando a pensar sobre o desejo em uma mulher.

Em seu texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos,* Freud (1925) ressaltando as peculiaridades do Édipo feminino, elenca alguns pontos próprios às mulheres e que além de distingui-las, a colocariam em um lugar particularmente difícil naquilo que diz respeito à lei, às regras, à justiça, ou seja, no que perpassa o supereu.

Diz Freud (1925): "Seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens" (p. 320). Em uma primeira compreensão mais imediata parece um menos que faz as mulheres impróprias e incapazes para ocupar certas posições na cultura. No entanto, nos indagamos se, até certo ponto, este superego distinto já apontado em Freud, não guardaria uma relação com o que Lacan vai apontar como modalidade de gozo do lado da posição feminina na tábua da sexuação.

Nesta percepção freudiana encontramos aquilo que levou as feministas e alguns psicanalistas contemporâneos de Freud a não concordarem com o lugar que ele colocou para a sexualidade. Não receberam com bons olhos o falo, estabelecido por Freud como o ordenador da sexualidade, tanto para homens quanto para mulheres, e visavam em suas críticas uma outra ordenação para a sexualidade humana, como se fosse possível estabelecer uma "igualdade" ou "paralelismo" entre os caminhos da sexualidade masculina e feminina.

Em Freud, de acordo com Bonfim (2014), a primazia fálica seria uma tentativa de responder e definir o que se passaria na constituição do lado masculino e do lado feminino envolvendo o que da sexualidade causava a cada um em sua particularidade. Dividiam-se, neste contexto, homem e mulher para Freud, respectivamente em o medo de perder o falo e a vontade de tê-lo. Ele sofre críticas por isso e, ainda deixa como questão aquilo que se passaria do lado da mulher, a despeito de ter elencado para a mesmas saídas diante da encruzilhada edípica.

Retomando a conferência XXXIII *Feminilidade*, vemos Freud (1933) assinalar que ao longo da história, o enigma relacionado a feminilidade já fez muitos quebrarem a cabeça tentando dissecá-lo, defini-lo. No entanto, ressalta que não se está isento de se deparar com a problemática que envolve a cada um, seja homem ou mulher em seu processo de se constituir como tal. Diz Freud (1933): "quando encontramos um ser humano a primeira distinção que se faz é: É homem ou mulher?" (p. 140). Qualquer que seja a resposta ela não será da ordem da anatomia ou mesmo da Psicologia. Para ele a natureza peculiar de cada um, a Psicanálise não tenta descrever. Entretanto, faz parte do olhar da Psicanálise acerca da constituição subjetiva de cada um, homem ou mulher, indagar-se o que tanto aí estaria implicado em sua escolha frente o enigma que a sexualidade coloca para cada um.

Acreditamos que a despeito de tomar ao falo como organizador da sexualidade no inconsciente Freud, no que diz respeito ao que se passa do lado da mulher desde quando menina até a idade adulta, porta uma condição de não toda definida, restando algo que não teria o seu esforço de analista e pesquisador, alcançado e definido. Haveria um mais, ainda.

1.2 A construção da posição feminina em Lacan

Jacques Lacan (1901-1981) também deteve uma particular elaboração acerca da sexualidade e, dentro desta, o que veria ser a posição feminina. Com seus aforismos e fórmulas em sua tábua da sexuação revigora o campo da sexualidade na Psicanálise e retira esta do campo da compreensão orgânica e biologicista assim como já fizera Freud (1905), em outro momento.

Aquilo que diz respeito ao feminino no ensino de Lacan, percorre um arco que vai da mascarada feminina, com seu peso simbólico e imaginário, até o gozo feminino mais além do Édipo, passando pelo empuxo à mulher em que nos encontramos com A Mulher, tocando na outra mulher presente para a histérica e a posição da mulher como causa de desejo do homem

(Kruger, 2013). Facetas diversas e que parece-nos chegar até a posição feminina descrita na tábua da sexuação.

Concordamos com Bessa (2020) quando esta afirma que nas fórmulas da sexuação Lacan introduzirá o feminino como um problema de existência que estaria no centro de todo ser falante, homem ou mulher, pois ele diria respeito a inexistência do significante que nomeie o ser d'A mulher e, ao mesmo tempo introduziria um gozo não regulado pela castração. Para a autora "cada um, a seu modo, toca o feminino – seja com horror, seja com angústia, seja como devastação, seja como *sinthoma*" (Bessa, 2020, p. 21).

Estamos a falar da posição feminina e introduzimos um outro conceito: o feminino. Como já exposto com relação a feminilidade, são noções diferentes, mas, mantêm uma articulação. Acreditamos que o que aqui é nomeado como feminino, a inexistência do significante que nomeie a mulher, está posto como um dos princípios que dão origem ao gozo não todo regulado pelo falo conforme posto do lado da posição feminina na tábua da sexuação. O feminino diria de um caminho onde cada sujeito poderá se deparar com a ausência de um significante que nomeie e decifre o que se passa com a mulher. A posição feminina, por sua vez, no ensino de Lacan envolve dois tipos de gozo colocados do lado mulher no quadro da sexuação. A saber: o fálico e o não todo fálico, não reduzido e decifrado pela significação fálica e que será reconhecido como o gozo feminino.

Trata-se de um trabalho difícil tocarmos na posição feminina e não a relacionarmos com outros elementos da teoria de Lacan no que diz respeito a sexualidade e a mulher. Podemos pensar que são aspectos que se articulam quando verificamos que já em Freud (1925) destacando as consequências psíquicas da distinção anatômica uma outra percepção aí se impõe e faz a cada um, homem e mulher, se deparar com uma resposta frente àquilo que do lado da menina falta. A visão de que deste lado há uma diferença, um vazio, um buraco não recobertos por inteiro pelas saídas edípicas leva-nos a destacar que algo da posição feminina aí já encontra

um sinal que se aproximaria da compreensão que deteremos sobre a mesma. À medida que formos relacionando, tentaremos discernir e justificar a relação entre essas denominações.

De modo a entendermos o que essa diferença no percurso de Lacan traduz acerca da posição feminina, buscaremos na sua obra textos relativos à sexualidade feminina desde os anos de seu primeiro ensino até o seminário 20, *Mais, ainda* (1972-1973/1985).

No Seminário 3, *As Psicoses*, Lacan (1955/1956) se refere à determinação simbólica que a sexualidade deteria. Para ele o sujeito encontra seu lugar em um aparelho simbólico pré-formado que, por sua vez, instaurando uma lei na sexualidade, determina que esta se realiza no plano simbólico. Ser homem, ser mulher não se define sem passar pela lei do significante. O Édipo seria uma demonstração do valor que a presença de uma lei simbólica deteria sobre a encruzilhada que o sujeito empreende ao se encontrar frente o enigma do desejo, o falo e a lei da castração.

No entanto, neste mesmo seminário dedicado às psicoses, Lacan (1955/1956) atenta para a questão histérica acentuando que esta giraria em torno do que é ser uma mulher e, já apontando algo da ordem de um vazio, de uma falha no simbólico no que diz respeito à mulher.

Em suas palavras, Lacan (1955/1956) destaca que:

> Não há, propriamente, simbolização do sexo da mulher como tal. [...] Ali onde não há material simbólico, há obstáculo, falha, na realização da identificação essencial à realização da sexualidade do sujeito. Esta falha provém do fato de que, num ponto o simbólico está falho – pois lhe é preciso algum. O sexo feminino tem uma característica de ausência, de vazio, de buraco [...] (p. 202).

No texto *A significação do falo,* Lacan (1958) retomará o falo da leitura freudiana e o colocará como aquele conceito que dirá da interrelação entre sexualidade e linguagem. O simbólico, registro presente no ensino lacaniano, dará ao falo esta especificidade. Elemento simbólico e estruturador para a mulher e para o homem, no campo da sexualidade e que

apontará para uma outra leitura e olhar sobre o que se passa do lado feminino e do lado masculino. A relevância do falo como ordenador do que se passa entre os sujeitos no que diz respeito a sua posição sexuada se mantém.

Ainda na década de 50, no texto intitulado *Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina* (1958), Lacan acentua que algo da sexualidade feminina não se recobre pela dinâmica do falo. Ressalta que nem tudo que diz respeito à sexualidade pode vir a ser falado e colocado em análise, nos introduzindo algo da posição feminina: ser mãe não preenche o espaço de nomeação para uma mulher. Haveria algo no campo da mulher com a sexualidade que não se abre ao significante, não se dimensiona pela significação que tenta responder ao sujeito qual a sua posição sexuada. O falo não recobre tudo.

Os pós-freudianos, recusavam considerar a falta fálica como o núcleo da feminilidade e parecia pairar um certo obscurantismo sobre a sexualidade feminina. Lacan não descarta Freud. Como nos lembra Barros (2012), apesar de Freud não ter teorizado sobre o além do falo deixa pistas na sua incursão pelo encontro com as mulheres, as pedrinhas brancas que na história de João e Maria, deixaram seu rastro no caminho da floresta. Lacan as aproveita de alguma forma, reconhece do lado da mulher uma mediação fálica, porém, a mulher se trata de um ser que não se enquadra por inteiro na saída edípica e, consequentemente, não se submete do mesmo modo que o homem à lei da castração.

No seminário VII, *A ética da Psicanálise*, Lacan (1959-1960/1988) se aproxima do conceito de *Das Ding* abordada por Freud (1895) no *Projeto para uma Psicologia Científica*. A partir da Dama do amor cortês colocada na categoria de um inatingível embora por demais sentido e desejado, este modo de lidar com o amor parece elevar a mulher à altura de um objeto com um lugar inacessível, a ser idealizado, impossível. Na tentativa de reencontrar o objeto que entre prazer e realidade move a cada um em sua busca, Lacan (1959-1960/1988) destaca já aí a ética que regeria a Psicanálise: a ética do desejo.

Qual desejo? Inicialmente ele introduz algo que não se coaduna sempre com a realidade, Diz Lacan (1959-1960, p. 129) sobre *das Ding*:

> Trata-se para nós não apenas de aproximar *das Ding*, mas seus efeitos, sua própria presença no âmago da tramoia humana, ou seja, de se ir vivendo no meio da floresta dos desejos, e dos compromissos que tais desejos estabelecem com uma certa realidade [...].

Podemos articular que *das Ding* enquanto objeto que constitui o enlace do sujeito com o desejo, mas ao mesmo tempo permanece inatingível, introduziria assim uma proximidade com o registro do real. Remete à origem, mas, permanece fora da significação.

Afirma Aran (2003) que essa definição de *das* Ding como um gozo que será interditado pela lei do desejo, opondo-se ao prazer e se distinguindo de felicidade e plenitude, remeteria a passagem da Coisa Materna para a Dama do amor cortês elevando a dignidade do objeto à dignidade da coisa. Encontramos aí já duas faces do feminino no ensino de Lacan.

A invenção do objeto *a* nos levará a acompanharmos em Lacan a constatação de que na relação do sujeito com o desejo do Outro, acontece um resto de simbolização, um limite irredutível nesta. Frente a um desejo que não reencontrará o seu objeto e trazendo a angústia para a cena, Lacan introduz uma passagem distinta de Freud: o objeto *a s*eria não aquilo que se insistia em encontrar, mas a causa do desejo, um resto, e por que não dizer um ponto de angústia a mover o sujeito em sua relação com o Outro, com o mundo e consigo, como efeito de sua castração.

A este respeito ressalta Aran (2003, p.305):

> [...] daí a necessidade de transformar o Outro em objeto para dar conta da posição desamparada do sujeito. É nesse subterfúgio que vai se expressar a dialética sujeito objeto, no que ela pode se relacionar com a dialética masculino-feminino, e dar suporte à angústia de castração.

Caberia aqui pensarmos como será do lado masculino e do lado feminino colocar-se frente ao objeto *a*. Diante deste resto e nunca pleno, posto a cada um, a fantasia pode ser lembrada como o anteparo que se coloca frente a esse não encontro. Não haveria a realização do desejo e nem a total satisfação da pulsão. O que nos resta? Parece já percebermos aí algo que mais tarde se transformará em um conhecido aforismo lacaniano. "A relação sexual não existe".

Retomando a questão posta lembramos que por cada um ter feito sua entrada no simbólico, consentiu com a castração e deparou-se com uma falta. Diante desta, o objeto vai se constituir preso a uma fantasia que terá a função de sustentar o desejo e colocar-se como anteparo frente ao real. Lacan chegará à conclusão de que o sujeito se relacionará sempre com um objeto e não com um outro sujeito.

Para Dafunchio (2014) Lacan entra na Psicanálise sabendo da importância que o Édipo detinha na obra freudiana. Inicialmente ele teria formalizado o percurso edipiano na operação da metáfora paterna traduzindo-o na lógica do significante. A significação fálica advinda desta operação aconteceria quando o significante do nome do pai substitui o significante do Desejo da Mãe. A segunda iniciativa lacaniana de formalizar o Édipo se daria, pela teoria dos discursos. Neste ponto, Lacan prescinde das figuras do pai e da mãe traduzindo o que se passa na dinâmica edípica em significantes S^1 e S^2, o que era o significante nome do pai passa a ser o S^1. Surgirá de um lado a cadeia significante encadeando a ordem simbólica e do outro lado a fantasia. Destacamos que, neste ponto, algo paradoxal, o que denominamos de desencontro, entre o sujeito e o objeto se impõe.

As fórmulas da sexuação esboçadas em seu Seminário XX, *Mais ainda* poderiam ser vistas como mais uma formalização que Lacan (1972/1973) fez sobre o Édipo. Na metáfora paterna e na teoria dos discursos não há lugar para a diferença masculino e feminino. Nas fórmulas esta divisão se apresentará como posições de gozo.

Antes de nos determos nas fórmulas consideramos importante esboçarmos uma sucinta compreensão do que seria sexuação, gozo e real no ensino de Lacan, como também o seu interesse pelos místicos.

Concordamos com Bassols (2022) ao dizer que para Lacan, sexuação é um termo distinto do que costuma se entender por identidade sexual ou de gênero. Diria respeito, na leitura de Lacan, ao ser que está interessado, concernido e implicado no gozo e que a causa da sexuação, desde seus princípios funda suas raízes no enigma do real. Para Bassols (2012) já em Freud encontramos o real sob o véu do fantasma e será no campo da sexualidade e da morte onde cada sujeito tentando em seu caminho encontrar uma localização daquilo que não cessa de ser escrito e representado, deparar-se-á com o buraco negro chamado de real.

A definição do real aponta para um percurso no ensino de Lacan em que ele retira da ciência a ilusão de ser um saber que poderá decifrar tudo sobre este real. Restaurando a lâmina cortante inventada por Freud, Lacan fará do real aquele ponto que não se ordena, não se diz dele pelos caminhos do sentido, da lógica da significação. Ele é desordenado e fura a captura que o significante se dispõe a dizê-lo. Em suas palavras: “O real, eu diria, é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 178).

A noção de gozo em Lacan sofreu mais de uma definição. Bittencourt e Fontenele (2013) citando Braunstein afirmaram que são três as concepções essenciais para o discernimento da noção de gozo em Lacan: o gozo do ser, o gozo fálico e o gozo do Outro. O gozo do ser seria aquele localizado fora do simbólico, mítico, no período pré-edípico, na interseção entre o registro do real e do imaginário e anterior ao acesso do sujeito ao significante. O gozo fálico, inscrito na articulação entre os registros do simbólico e do real, localizando-se fora do corpo e portando o efeito da castração e do acesso do sujeito a linguagem. O gozo do Outro também se encontra na interseção entre o imaginário e o real, mas, implica uma passagem pela castração e pela lógica da linguagem, embora as extrapola colocando-se além

e, não podendo ser acessado pelo simbólico. Nesta categoria de gozo, encontramos o gozo feminino, o gozo psicótico e o gozo místico.

Iremos nos deter na noção de gozo introduzida por ele nas suas fórmulas da sexuação. Estas apontaram segundo Murano (2011) conforme citado por Landi, Carvalho e Chatelard (2016, p. 669):

> [...] uma abordagem que interroga os efeitos da diferença sexual nos sujeitos para além da distinção anatômica entre os sexos, questionando qualquer falante acerca da sua posição frente ao gozo. Constatamos assim que para além da satisfação sexual, há algo da ordem de um gozo que se impõe a homens e mulheres, a partir de duas possibilidades: o gozo masculino e o gozo feminino.

Interessa-nos o gozo feminino.

Na distinção ocorrida entre as consequências psíquicas já apontadas por Freud (1925/1972) no texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* encontraremos que se para o menino, a castração o envia para a direção do desejo, para a menina há uma diferença. Com o avanço do olhar de Lacan (1972-1973/1985) sobre o Édipo na mulher ele destaca que esta tem mais uma duplicidade: além de duas zonas erógenas clitóris/vagina, dois objetos de amor mãe e pai, dispõe de dois gozos: um regulado pelo falo (tal qual o menino) e outro gozo não-todo submetido, escapando à ordem da significação fálica. Seria nesta descoberta em relação ao gozo do lado feminino da sexuação, não todo ordenado pelo simbólico que Lacan se aproximará do campo do real e do campo do gozo. Mais uma vez, a mulher, participa de uma descoberta na Psicanálise. Lacan (1972-1973/1985) recorre aos místicos, a Matemática e a Lógica para tentar cernir no campo sexual, onde se situa o lugar do gozo enquanto posição sexuada e não mais como diferença sexual.

Lacan demonstra interesse por aquilo que se passa na relação dos místicos, homens e mulheres, com o sagrado, com o seu encontro com Deus. Ele sustenta que a experiência mística ultrapassa o campo da linguagem e o da sexualidade, introduzindo em sua observação um gozo mais além do fálico, apesar da castração, a qual seria considerada uma prerrogativa necessária. Haveria no relato destes uma descrição que os toma em um grau de entrega, de arrebatamento inigualáveis e indescritíveis, porém experimentados na dimensão do corpo que os deixa em êxtase, em comunhão ímpar com Deus.

Encontramos nessas observações de Lacan algo que lhe servirá na descrição das fórmulas da sexuação naquilo que diz respeito à nomeação das posições de gozo e, em particular o gozo do lado da mulher. Ele acentua que: “Há um gozo dela, desse *ela* que não existe e não significa nada. Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimente _ isto ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece. Isso não acontece a elas todas” (Lacan, 1972/73, p. 100).

Cavalini et al. (2018) destacam aquilo que Lacan ao se debruçar sobre a experiência dos místicos, captou na sua relação com o que se passa enquanto posição de gozo, independente do sujeito masculino ou feminino. O êxtase místico tem um mistério, pois não se pode falar dele. Indizível, obscuro, permeado por uma certa aflição e desespero não porta, assim como para o gozo feminino, palavras que possam dizer dele. Lacan citará o gozo místico como o Gozo suplementar, próprio à posição feminina enquanto esta identificada como portando uma parte não toda regulada pela função fálica.

Assim, a partir do que entendemos sobre o que vem a ser sexuação, o registro do real, a noção de gozo e o interesse de Lacan pelos místicos, tentemos nos aproximar das fórmulas da sexuação para delimitarmos o que se passa de cada lado sob o olhar de Lacan.

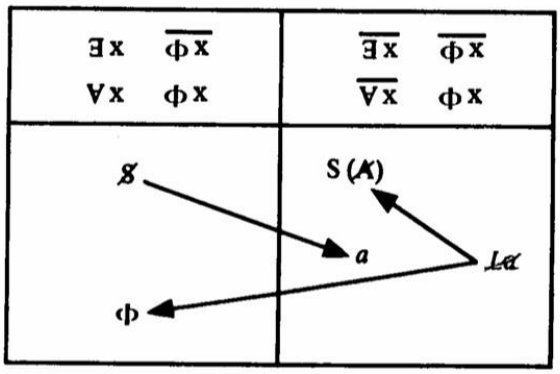

Figura 1. Quadro da tábua da sexuação de Lacan (1975, p. 73).

A tábua da sexuação se apresenta como uma construção matemática que visa traduzir em termos de uma lógica o que se passa dos lados masculino e feminino no campo da sexuação. Lacan recorre a ensinamentos do matemático Frege a fim de conseguir representar em elementos da aritmética o que representaria a posição dos sujeitos às voltas com a sua posição de gozo.

Para Grasseli (2008) Lacan realiza um trabalho de pesquisa e inovação sobre a gramática e a lógica matemática que o permitirá a introdução e o uso dos termos não-todo e não-nenhum, apresentando uma outra maneira de lidar tanto com a afirmação quanto com a negação e elaborando um modo singular de dizer o que estaria do lado masculino e do lado feminino, à luz da Psicanálise.

Dirá Lacan (1972/73, p.178) que "quem quer que seja ser falante se inscreve de um lado ou de outro" destacando a assimetria entre estes e deslocando a divisão do sujeito frente à sexualidade em função de duas modalidades de gozo e não de sexos.

Iniciaremos pela descrição do que se passa do lado esquerdo, apresentando o lado masculino na tábua da sexuação. No canto superior esquerdo temos a seguinte tradução: Existe ao menos um homem para quem a função fálica não incide e é verdadeiro afirmar que para todo homem a função fálica incide. O que isto significa?

Baseado no texto de Freud *Totem e Tabu* (1912/13) conhecemos o mito da horda primitiva onde haveria um homem, o pai primevo, para quem a castração não incidia. Ele teria acesso a todas as mulheres, sem exceção. Por deter esta posição, ele não permitia que os demais tivessem acesso às mulheres. Ele era aquele para quem a função da castração não se aplicava. Ele gozava de todas. Entretanto, os filhos, se reúnem e o matam, promovendo uma lei; Ele, o pai morto e gozador, faz fundar uma lei. Agora, nenhum homem estaria isento de não ser castrado. Afora o pai que estava morto, nenhum outro poderia ter acesso as mulheres parentes e mães. O pai fundou a regra que determina que todos os homens são castrados, resguardando a exceção do pai primevo e que agora, está morto. Há uma exceção fundadora que faz referência aos demais homens, tem um gozo e torna-se um elemento que definirá o conjunto dos homens.

A segunda parte do lado masculino, ou seja, a parte debaixo do quadrante esquerdo diz que sendo este regido pela exceção paterna busca no enquadramento fálico um caminho para lidar com o gozo. Recorrerá à fantasia, dirigindo-se a mulher como objeto causa de seu desejo e buscando neste uma maneira de satisfação que responderá pela sua posição de gozo. A saber, a posição fálica, limitada e submetida à ameaça de castração.

Esta se constitui pelo fato de que o homem temendo a castração que o faria perder, buscar através da fantasia, um enlace com aquilo que o faria gozar sem perder a sua integridade. Ele gozaria do órgão ao qual se atribui um brilho fálico. Este seria o gozo circunscrito e mediado pela significação fálica. A fantasia faria o enlace fálico entre o sujeito e o objeto. Esta seria a posição de gozo masculina que tanto pode ser ocupada por homens e mulheres.

Demes, Chatelard e Celes (2010, p. 669) ressaltam que:

> Ao se posicionarem no quadrante masculino, homens e mulheres se inscrevem na lógica do todo, na qual a significação fálica é o eixo de estruturação do desejo. Atentos ao jogo simbólico e totalmente limitados à linguagem, eles respondem ao gozo fálico, também conhecido como gozo do sentido, finito [...] pode-se dizer que foi pela via fálica que,

> historicamente, tentou-se apreender o impossível, o universal do feminino. Porém, ao se buscar respostas sobre seu mal-estar estrutural, algo sempre escapava. [...] É no quadrante, dito feminino, que está localizada a lógica não toda.

Do lado feminino, a primeira parte, no quadrante superior direito nos diz que não há uma mulher que tenha escapado à castração e que se apresente como referência para as demais. Não há uma exceção que possa fundar o conjunto das mulheres. Não há um mito que lhes aponte um caminho, uma lei, um modo se dizer e estabelecer um conjunto. Estas, na relação com o significante drenam uma parte do que se define como tal frente à castração.

Destacamos que há um lado que não tendo uma que lhe diga, aponte e nomeie o que seria uma mulher, diante da falta do significante do Outro, ela se dirige a um além do falo, além do caminho traçado pela significação fálica. Sem um significante universal, sem a exceção, ela se desdobra entre dois gozos, a saber: o gozo fálico drenado pelo simbólico e que passa pelo significante e um gozo suplementar, gozo do corpo que não está submetido à lógica fálica. Ou dito de um outro modo: gozo fálico e o gozo não-todo fálico. Este seria não simbolizado, sem limites e fora da linguagem. Esta seria a posição feminina, dividida entre dois gozos.

A respeito dessa divisão do gozo no lado mulher, Lacan ressaltou que "[...] é justamente por ser não-toda, que ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar" Lacan, 1972/73, p. 99)

Não há uma mulher que escape à castração, que diga não à função fálica. Portanto, não se pode falar de um conjunto das mulheres e, por isso, se diz que 'A mulher não existe'. Onde está a sua nomeação que a funde e a decifre? O que rege este lado não é o princípio universal, e não há o equivalente ao pai originário. Não há mulher que fique neste lugar de exceção, por isso não se pode falar A Mulher. E se não há possibilidade de estabelecer relação entre termos que não se equiparem, portanto não existe relação sexual. É impossível relacionar o todo

(posição masculina) com o não-todo (posição feminina). Não há uma correspondência entre eles.

Para Brandini (2018) no trabalho que Lacan esboça acerca da sexuação na tábua, distinguindo estes dois gozos é como se constatasse que o sentido nunca recobre integralmente o sem sentido e que a linguagem não dá conta do encontro entre um homem e uma mulher. O que daria a ilusão de que a relação sexual existe, seria o amor, fazendo suplência a esta. Ainda assim, podemos encontrar duas maneiras distintas de se colocar perante a forma de amar. Modo fetichista, do lado do homem e o modo da erotomania, do lado da mulher.

Lembramos aqui da passagem de Lacan (1993, p. 70) em que situa que entre a loucura e as mulheres têm algo a se sublinhar, diz ele:

> Todas as mulheres são loucas, como se diz. É justamente por isso que elas não são todas, isto é, não loucas-de-todo, antes conciliadoras: a tal ponto que não há limites às concessões que cada uma faz para um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens.

Retomando esta citação de Lacan nos vem a lembrança pensarmos sobre a posição feminina e o amor. As parcerias amorosas tanto para o homem quanto para a mulher evocam situações em que os sujeitos tomados cada um em seu programa de gozo, ocupam posições em que a devastação, o excesso, o extravio, o estrago, a loucura podem se fazer presentes nesta empreitada.

Frente a estas peculiaridades que perpassam a posição feminina atrelada a um gozo suplementar e não regulado pela medida fálica, nos remetemos à direção da experiência analítica. Se a mesma visa cernir o real, verificaremos em que a posição feminina pode ou não nos guiar frente a direção do tratamento.

Realçamos que, embora Lacan distinga os lados da tábua da sexuação como masculino e feminino, não podemos perder de vista em nenhum segundo que ele está tratando de posições de gozos e não de gêneros. Portanto, queremos saber como os analistas compreendem a posição

feminina, como ela aparece na clínica e qual o seu manejo. É o que apresentaremos nos capítulos que se seguem.

Capítulo 2: Os analistas e a posição feminina

> [...] homens e mulheres, para um analista de orientação lacaniana, são semblantes e não tem outro ser que não de linguagem, ou seja, de falta a ser. Um déficit de ser, eis o que caracteriza o ser sexuado (Brousse, 2019, pp. 94-95).

A Psicanálise nos assinala que no humano, aquilo que se passa da ordem da sexualidade não cabe todo em uma determinação pré-estabelecida e, nem tão pouco não se traduz inteira pela ordem do sentido contida na significação fálica.

Lacan introduz, a partir da noção de gozo e do registro do real, um ângulo diferenciado no processo de sexuação, seja homem ou mulher. Não se fala da sexualidade como tendo ou não o falo apenas. Há um outro modo de se pensar o que constituirá a nomeação de cada um frente ao enigma do sexual a partir de um gozo que se apresenta em sua assimetria e com o qual os sujeitos precisam lidar.

De acordo com Bonfim (2014) Lacan, no Seminário X, Angústia (1962-63) constata dois pontos problemáticos: 1) Freud apesar de identificar algo de inassimilável do lado da mulher não conseguiu junto com seus discípulos dar passos acerca do gozo feminino e 2) Reconhece que a mulher está inscrita na lógica fálica, mas não-toda submetida a ela. Como se Freud já antevisse que o Édipo produz o homem, mas, no que diz respeito a mulher, nessa encruzilhada, algo faltou. Ela não se enquadra inteiramente ao Édipo e à lei da castração.

Destacando estes pontos Lacan se põe a investigar o que se passaria do lado da mulher no que diz respeito a sua posição de gozo. Ele não descarta Freud. Ele tenta em sua pesquisa adentrar em outros campos de saber até chegar às fórmulas da sexuação. A diferença anatômica se estabelece em outra denominação. O homem é definido pelo regime de gozo todo fálico e a mulher como não-toda fálica. Os seus gozos seriam nomeados respectivamente, fálico e suplementar.

A partir desta nomeação acreditamos que essa virada teórica produzida por Lacan e partindo do que Freud iniciou no que diz respeito à sexualidade feminina, chega à clínica e, consequentemente aos analistas. Incluindo, como já exposto, as noções de gozo e do real, a clínica sofreria uma alteração: passamos da clínica do sentido para a clínica onde o gozo e suas manifestações teria uma primazia assim como o real.

Já há alguns anos a comunidade dos analistas da orientação lacaniana se dedica a pesquisar sobre as alterações ocorridas com o tempo e os efeitos delas sobre a formação dos analistas e o seu trabalho na clínica. Ela discute a importância da noção da posição feminina para o trabalho clínico e epistêmico do analista, razão pela qual buscamos escutar os psicanalistas, de ambos os sexos, com 10 anos ou mais de experiência clínica, que trabalham na região Nordeste e que realizam sua formação em uma instituição psicanalítica em que o ensino de Lacan se faça presente.

Este capítulo e os que se seguem (3 e 4) versarão sobre a análise das respostas dadas pelos analistas entrevistados. Aqui, em particular, nos debruçaremos sobre o que os analistas falaram acerca da primeira questão, ou seja: Como você compreende a posição feminina no ensino de Lacan?

Iniciaremos pelos pontos que convergiram. Em sua maioria afirmaram que Lacan partiu de Freud e avançou. Freud se deparou com algo na sexualidade feminina, mas, não conseguiu persistir e decifrar aquilo que seria o enigma presente na condição própria da posição feminina. Ele teria ido até onde foi possível com os recursos e leitura que dispunha. Lacan munido de noções como a do gozo e do real fez uma outra leitura do que vem a se passar no lado homem e no lado mulher naquilo que diz respeito a suas posições de gozo.

Os depoimentos confirmam o já assinalado por Musachi (2018) no texto *Ser sexuado no século XX: o que há de novo?* Ela destaca que Lacan, inicialmente parte da teoria falocêntrica de Freud, mas introduzirá em sua visada acerca do que se passa com a sexualidade

feminina um avanço. Para ela, a partir do ensino de Lacan, "[...]o ser sexuado poderá ser lido em termos de sexuação, ou seja, levando em conta sua posição de gozo não mais em termos de identificações, mas da escolha do sujeito como resposta ao gozo pulsional". Existiriam agora dois focos a orientar a sexuação: o falo e o gozo do Outro" (Musachi, 2018, p. 1).

Encontramos nas respostas dos entrevistados posições que a despeito de acentuar o avanço de Lacan, fizeram questão de dizer que Freud já tocara em algo que Lacan traria posteriormente ao compor o quadro da sexuação.

Como aponta a entrevistada 1:

> *[...] quem descolou o masculino e feminino desse modo que o google pensa o que é masculino e feminino, foi Freud. Feminino e masculino pra Freud, não tem nada a ver com homem e mulher. Nada a ver. São posições subjetivas que transcendem anatomia, que transcendem gênero né?... Lacan pôde fazer uma precisão maior a esses conceitos por conta do trabalho dele com o simbólico, com a linguagem, com o real e com o imaginário [...]*

O entrevistado 2, por sua vez, relembra que *"E o próprio Freud, quando ele diz que algo não sucumbe ao recalque, uma espécie de moção pulsional que o recalque não resolve, ele tá falando ali também de um além*."

Para a entrevistada 1 tanto Freud quanto Lacan, de acordo com seu pensamento, já falavam do feminino como algo distinto, não todo representável. Faz a distinção: Freud colocou com a ênfase no falo, o feminino mais sob a égide do simbólico e Lacan, com o conceito de real, afirma que as mulheres guardam uma aproximação e simpatia maior por este registro. Ressalta que nem todas as mulheres deteriam essa proximidade. E para o entrevistado 2 Freud já se deparava com algo, no funcionamento psíquico, não todo recoberto pela ação do recalque, ou seja, nos levando a associar com aquilo que mais tarde seria o real em Lacan.

Retomaremos aqui a distinção que esboçamos sobre a relação entre o feminino e a posição feminina. São noções que têm suas particularidades, mas se entrelaçam. A posição feminina, situada no lado direito da tábua da sexuação, nesta pesquisa, é aquela que se coloca com uma posição de gozo dividida entre duas modalidades: uma parte pautada na significação fálica, submetido à castração e uma outra parte como não toda nomeada por esta significação. Ela teria uma outra possibilidade de nomear e circunscrever o real através do gozo suplementar, o gozo feminino, aquele para o qual inexiste um significante que o represente, que o defina. Esta seria a característica do feminino. A posição feminina poderia ser entendida como se referindo a um sujeito, homem ou mulher. O feminino apontaria para a condição de um gozo para o qual inexiste um significante que o defina.

Os analistas entrevistados também, de forma unânime, consideraram que as posições referentes ao lado mulher e ao lado homem escritas na tábua da sexuação não correspondem a divisão anatômica dos sexos, podendo cada uma delas tanto ser ocupada tanto por homens quanto por mulheres. Precisam onde se coloca esta nomeação, ou seja, reportam-se ao seminário XX e, chegam à definição de que a posição feminina é aquela que se põe de um modo não-todo fálico frente à castração.

Esta perspectiva apontada pelos entrevistados no remete ao pensamento de Lacan no qual ele assinala que “Pode-se também colocar-se do lado do não-todo. Há homens que lá estão tanto quanto as mulheres. Isto acontece. E que, ao mesmo tempo, se sentem lá muito bem.” (Lacan, 1972/73, p.102)

Reportam-se as saídas elencadas por Freud para o Édipo feminino como estando no âmbito do gozo fálico e que será Lacan com a ideia do gozo não-todo fálico que definirá a posição feminina. Afirma a entrevistada 6 que “A *mulher no Édipo entra como mãe. Só conhecemos o que diz respeito a posição fálica*” reconhecendo que a despeito do que Freud já

assinala acerca do enigma feminino, em alguns momentos, se manterá preso a esta posição fálica.

Os entrevistados apontam que será Lacan com a construção da tábua da sexuação que ampliará o olhar sobre o que seria a posição feminina indo além de Freud, descolando da mulher. A entrevistada 6 assinala que:

> *Seja homem ou seja mulher o sujeito pela via do Édipo constrói alguma coisa que diz respeito a posição fálica e a mulher nessa versão, só pode aparecer como fazendo essa mascarada, né? Do falo. Então eu acho que ele vai se deparando com isso como um impasse [...]*

Confirmam assim, de acordo com Marcos (2011) em Lacan "As fórmulas lhe permitem alojar, se assim podemos dizer, o falo do lado masculino e escrever um lado feminino que, embora passe pelo falo, assinala um além do Édipo, um além do falo, escrevendo assim uma outra lógica, a lógica do não todo" (p. 155). Como se o lado feminino tivesse no falo uma referência, porém, este não drenaria o que tudo desse lado se passa e, haveria uma busca, uma saída para um gozo não todo regido pela significação fálica.

Um ponto distinto que gostaríamos de ressaltar: as analistas da Escola Brasileira de Psicanálise se aproximaram mais de uma definição alinhada ao texto da tábua da sexuação. Confirmam que o gozo feminino não é exclusivo das mulheres e o gozo fálico não é prerrogativa dos homens. Estas teriam uma relação privilegiada com o real e colocam a distinção entre feminino e feminilidade. O primeiro seria um gozo que vai além do falo e se dá também nos homens. Embora, seja um gozo que dele não se saiba muito dizer sobre.

Destacamos como resposta que articulou o que está esboçado no quadro da sexuação e a clínica, a resposta da entrevistada 13, pertencente à Escola Brasileira de Psicanálise (EBP). Reconhece o avanço de Lacan em relação a Freud lembrando o giro, a invenção que Lacan trará até do ponto de vista epistêmico e clínico e ficará no legado de Lacan para a Psicanálise.

Ressalta que a psicose para Lacan também o levou a ir além das saídas edípicas. A entrevistada, indaga:

> *O que fazer com esse outro gozo que o próprio Joyce e que as mulheres místicas já anunciavam pra Lacan? Então, onde Freud teve medo de avançar, Lacan ele teve uma coragem e ele quis saber um pouco mais, ele quis se deixar ser orientado, ser guiado por essas mulheres e pela própria obra de James Joyce que o arcabouço teórico ancorado na castração e na lógica fálica não dava conta né [...] então, é nesse sentido que a posição feminina foi a grande saída que Lacan encontrou para os impasses freudianos.*

Destacamos nesta fala uma aproximação entre o gozo na psicose e o gozo feminino. Sabemos que, na Psicanálise de orientação lacaniana uma das hipóteses para a psicose é a não realização da significação fálica tal qual ela acontece na estrutura neurótica com o auxílio do nome do pai. Porém, no que diz respeito ao gozo feminino suplementar este se distingue do gozo psicótico porque ele pressupõe ter o sujeito inscrito no lado mulher, uma passagem pelo falo, pela castração.

Escutamos também nas respostas a esta questão falas que articulam a posição feminina a aspectos como lidar com a falta e à condição e um saber fazer com esta, assim como, atentaram para o que desta posição auxiliando a posição do analista indicaria um modo de pensar o corpo frente àquilo que escutam na clínica.

Acreditamos que se trata de lidar com a falta do significante no Outro, daquilo que não tendo, como no lado masculino, uma medida, uma lei, uma nomeação, padece de uma definição e se põe a tocar neste desmedido. Pensamos que o saber fazer não se trata de qualquer um, mas daquele que concerne a sua posição de gozo. No caso do lado da posição feminina, vemos que por ser um gozo do qual não se sabe até onde levá-lo, algumas vezes se cai na devastação, no extravio, na loucura.

Como nos coloca a entrevistada 12:

> *[...] O feminino trata-se de um enigma tanto para homem quanto pra mulheres. É aquilo que toca um gozo que a gente não sabe dizer. Gozo que está no corpo, é um enigma que pode provocar aflições, pode provocar curiosidade, e também pode provocar o horror, no campo do que a gente chama em psicanálise lacaniana, do estrago. [...]*

Encontramos também entre as respostas a indicação de que a posição feminina, na sua vertente não toda, auxiliaria aos analistas a escutar as diversas nomeações no que diz respeito a relação do sujeito com o corpo. Sobre a questão, o entrevistado 4 assinala que:

> *[...] será do lado feminino que eu vejo as diferentes formas do sujeito gozar e aí é uma posição que abre a perspectiva de pensar na singularidade de gozo, quer dizer, ela sai dessa dimensão da lógica fálica, do lado masculino para pensar as diferentes dimensões de possibilidades de gozar e, o corpo não é mais agora uma relação com o grande Outro, que a gente está pensando aqui, mas é a dimensão do gozo com o corpo. Eu acho que aí também tem algo da posição feminina.*

Alguns entrevistados, já na resposta a esta primeira questão, apontam que haveria uma relação entre a posição feminina e a posição do analista. Ambas guardariam proximidade com o lado não todo, presente na divisão do gozo do lado da posição feminina no quadro da sexuação. A entrevistada 6 destacou que a posição feminina tem relação com a posição do analista por esta

> *[...] situar-se numa outra lógica que não seja a lógica toda fálica. Porque é uma lógica que vai abrir pra contingência, é uma lógica que vai abrir os furos, que vai abrir pra*

posição da diferença absoluta que cada um é ao final da análise. [...] A singularidade, a diferença absoluta [...]

Associam que esta proximidade se daria também no aspecto de não preencher, não completar e, com isso, pôr a trabalho o sujeito que busca uma análise, fazê-lo mover-se com a sua falta. Articulam esta proximidade também pelo fato de a profissão de analista não ser regulamentada, não ter uma formação instituída com regras estabelecidas, guardando com a posição feminina uma afinidade. Esta articulação é algo interessante a ser pensado: o analista, assim como a mulher, não existe. Por mais que existam instituições que agrupem analistas, estes se autorizam no um a um.

Dentre as respostas que se aproximam do que está colocado no quadro da sexuação, encontramos aquelas que citam o quadro, os três registros, inclusive o real, a presença do objeto a, mas demonstram dificuldade em traduzir isto em um modo que os leve a articular com suas próprias palavras. Parece-nos que não é à toa alguns terem afirmado que é difícil falar do feminino, e que é um conceito nada fácil de ser entendido. Nas respostas encontramos alusão à música, à peça de teatro, como tentativa de responder às questões formuladas.

Ao nos determos sobre o que os analistas dizem compreender da posição feminina no ensino de Lacan encontramos em uníssono que se trata de uma posição de gozo e que não se restringe à questão anatômica. Diz respeito à homens e mulheres e denomina a existência de um gozo não regulado e definido pela lógica fálica. Sinaliza para um gozo não mediado pelo significante, não determinado pela lei do simbólico e que se aproxima do real, enquanto algo que não se reduz a um sentido, a uma significação. Apontaria para uma outra lógica e teria relação com o percurso de uma análise e o trabalho do analista.

Os diferentes enfoques interpretativos da posição feminina indicam o quanto esta posição se abre para uma clínica não restrita ao simbólico. No capítulo que se segue analisaremos as respostas dos analistas no que diz respeito as identificações deles quanto a

posição feminina nas demandas dos analisantes. Trata-se de tentar aproximar o que eles entendem da posição feminina de sua prática clínica.

Capítulo 3: A identificação das manifestações da posição feminina na clínica psicanalítica

> A festa do Édipo não é para ela. Na festa do Édipo, ela não tem com que se apresentar. Trata-se, aí, de quem tem, de quem não tem e, de quem tem, quanto tem: de tamanho, de competência fálica. [...] Ela se coloca com o não ter e o não ser, mas no fundo sabe que tudo isso é puro semblante. A festa do Édipo, a menina olha de fora, com um sorriso e um certo desprezo (Brodsky, 2008, pp. 59-60).

Seguindo o objetivo de pensarmos a compreensão que os analistas que pautam seu trabalho pela orientação lacaniana têm acerca da posição feminina e como eles identificam e trabalham com esta noção em sua clínica, abordaremos neste capítulo dois tempos importantes de nosso trabalho divididos assim:

Na primeira parte, tentaremos expor o que a Psicanálise de orientação lacaniana vem realizando a nível de sua transmissão e clínica de modo a manter-se atualizada com os acontecimentos da época, no que diz respeito à clínica e a direção do tratamento.

No segundo momento, recorreremos aos depoimentos dos psicanalistas entrevistados acerca do que lhes foi colocado como segunda questão. A saber: Você percebe em sua clínica, manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado à posição feminina segundo o ensino de Lacan? A partir de tais depoimentos, analisaremos se haveriam essas manifestações e que articulação os analistas fazem entre elas e a posição feminina.

Em uma experiência analítica é inevitável que vivenciemos momentos em que o significante não mais responde por aquilo que até então parecia recobrir e sustentar. As respostas de sentido até então capazes de responder ao mal-estar são perturbadas e postas em suspenso.

3.1 A clínica psicanalítica sob a orientação lacaniana

A orientação lacaniana em seu movimento epistêmico e clínico tem se dedicado a articular o que se passa na subjetividade de nossa época que pode levar a Psicanálise se indagar acerca de seus princípios na direção do tratamento, na formação dos analistas e, no próprio lugar da Psicanálise no mundo.

Kruger (2013) falando a respeito da nova ordem simbólica no século XXI lembra que a clínica psicanalítica precisa ser pensada à luz das modificações no mundo contemporâneo onde o significante mestre perdeu a sua centralidade e se discute a inexistência do Outro. Junta-se a estas modificações o avanço do saber da tecnologia e o apagamento das diferenças. Estas mudanças promovem efeitos nos sujeitos e no trabalho do analista, a partir do que se manifesta na clínica.

Inicialmente consideramos resgatar que Lacan retomando Freud e avançando em seu encontro com o a Psicanálise, com o conceito do objeto **a**, desloca a importância que o significante deterá na relação do sujeito com o Outro. Para Lacan (1964/1973), a partir de sua invenção do objeto **a**, o que descompleta o Outro diz respeito não mais a um significante primordial apresentado como exceção na cadeia simbólica. A satisfação corporal que aparecerá na extração do que o objeto **a** extrairá do Outro vai levá-lo a uma outra leitura de que o simbólico não deterá toda a significação a respeito do que se passa no encontro do sujeito com a linguagem e, nem na sua relação com o gozo.

A partir dessa nova leitura pensemos que Lacan aponta alterações no que diz respeito à noção de inconsciente como também de interpretação, colocando nova acepção a respeito destes conceitos. O inconsciente passa a ter uma função de causa, aquilo que teria o poder de furar a cadeia significante, não mais só associado à compreensão de ser estruturado como uma linguagem e, por conseguinte, a interpretação não mais só dedicada à decifração do sentido

recalcado posto no sintoma. Vemos que Lacan já antevê alterações tanto nos conceitos psicanalíticos quanto na direção do tratamento.

Relacionando à questão que estamos a pesquisar, a posição feminina e o manejo da direção do tratamento, Lacan nos indica alguns pontos para acompanharmos o que pode nos aparecer como demandas em nossa clínica. A saber: a presença de um real que não seria de todo recoberto pelo significante e, consequentemente a posição do analista frente ao trabalho de interpretação.

Lembrando o lado mulher no quadro da sexuação, recordamos a saída que existe para além do gozo fálico, regido pelo significante que, em parte, poderia dizer o que a situa no campo do gozo. Trata-se de uma outra saída frente ao gozo diferente da via simbólica. Há um real aí em jogo no campo da sexuação não todo recortado pela siginificação fálica. A decifração do sentido não consegue alcançá-lo tomando como referência a norma fálica.

Como nos assinala Lima (2011) a orientação para o trabalho do analista frente ao que se coloca como demanda em uma análise precisa levar em conta que a realidade do inconsciente a ser interpretada é a realidade sexual e que não se presta simplesmente à decifração pois toca e envolve algo que não se deixa cifrar apenas pela palavra. Destacamos aqui o já mencionado anteriormente: a posição feminina articulada ao registro do real e à noção de gozo participam nesta leitura que Lacan expôs acerca do inconsciente e, consequentemente sobre a posição do analista frente o trabalho analítico a ser buscado em uma análise.

Consideramos importante a apreciação psicanalítica de dois sintomas considerados, em sua maioria, relacionados às mulheres, a saber: a anorexia e a bulimia. Eles dizem da posição feminina tal qual exposta no quadro da sexuação e do trabalho do analista frente as manifestações destes sintomas na clínica? Estão presentes no corpo, mas não são tão engendrados ao simbólico tal qual os sintomas conversivos, obsessivos e fóbicos da época de Freud. Parecem nos indicar que agarrados ao corpo nos apontam para uma angústia que não é

drenada totalmente pelo simbólico, acentuando um gozo em que resiste ao tratamento pela maquinaria do significante. Faz-se presente nestes casos também uma relação complexa com a imagem causadora de profunda angústia que as colocam em proximidade a um real que nos faz lembrar, o gozo feminino em sua face desmedida que excede à medida fálica e está fora do simbólico.

Reportamo-nos a estes dois quadros como forma de ilustrar que manifestações poderiam estar articuladas à posição feminina e o que, por sua vez, poderiam apontar para o que no edifício na Psicanálise seria posto a pensar em virtude destes sintomas e as suas consequências na clínica psicanalítica. Afinal, trata-se de sintomas que mesmo se apresentando em sujeitos que passaram pela metáfora paterna, parecem apontar para uma distinção dos sintomas que ainda recorrem ao tratamento fálico do gozo.

Buscando atentar o que essas demandas podem nos sinalizar, tocamos naquilo que parece hoje estar predominando no horizonte de nossa época. Um comando, um estilo de vida, um modo de se arranjar com a falta onde o desejo parece ser suplantado e haveria, no zênite da civilização o movimento de se sustentar frente ao desamparo, com os objetos condensadores de gozo. Frente àquilo que nos interpela e nos angustia, há um objeto, um meio para se encontrar a solução, o remédio, o gozo cabível que nos apaziguará de nosso sofrimento.

A clínica psicanalítica apresenta desde seu início conteúdo relacionado àquilo que leva os sujeitos ao sofrimento psíquico. Encontramos na escuta freudiana dos primeiros pacientes um mal-estar provocado a partir daquilo que o sujeito desejava e a realidade em que estava inserido. Como cada um aí iria sustentar seu desejo frente às regras do bem dizer? O sexual foi o cenário onde as perturbações sentidas eram trazidas à escuta do mestre vienense.

Sabemos do percurso freudiano sobre o que tanto se apresentou em sua clínica trazido por seus pacientes, sejam homens ou mulheres. Desde as histéricas, o romance familiar no qual cada um estaria determinado torna-se o cenário onde as falas de seus pacientes como Anna O

(Breuer & Freud, 1895), O caso Dora (Freud, 1905), A jovem homossexual (Freud, 1920), O Homem dos Ratos (Freud, 1909), O homem dos Lobos (Freud, 1914) dentre outros, parecem extrair o que os atormenta, os aflige em seu lugar de sujeito envolvido numa encruzilhada edípica, no caminho de uma escolha às voltas com o objeto de seu desejo, com a sua posição frente ao que o real do sexo os questionava.

Porém, apesar do percurso feito em sua clínica e no edifício epistêmico erguido Freud reconheceu que a Psicanálise não curava tudo e nem a todos. E, como já exposto na parte 1.1 do capítulo 1 a feminilidade apareceu para ele como aquele processo implicado na direção da análise dos pacientes, sejam homens ou mulheres. Do início ao fim da obra freudiana, algo ligado à mulher, ao encontro com esse indefinido que não se deixa decifrar facilmente, seria aquilo com o que cada um, em seu percurso analítico, se depararia.

Podemos dizer que a clínica psicanalítica está advertida do domínio do discurso da ciência e do capitalismo que muito oferta e ilude o sujeito que não mais precisa renunciar à satisfação e temer perder o amor do Outro. Ela se dispõe a recolher os efeitos deste frenesi de *gadgets* e demais objetos apreciados pelo sujeito na atualidade. A perfeição do corpo, a duração da beleza, a realização de performances espetaculares, a maternidade ao alcance de seu tempo, a nomeação do gênero aberta, plural e ao alcance da vontade. Movimentos tentadores que ao mesmo tempo, são necessários enquanto avanços, mas dizem também de uma outra ordem que parece comandar: Goza!

A psicanálise sob a orientação lacaniana vê com outros olhos esse comando. Reconhece que o nome do pai declinou, o pai evaporou-se, triunfa-se sobre a castração e a composição da família de há muito se alterou, conforme Brousse (2017) em seu texto sobre o que se passa com a diferença sexual nos dias de hoje. No entanto, o que se esperar quando o real, registro que parece desarticulado de sua lei impera, o imaginário inunda a relação dos sujeitos com seus corpos e o simbólico parece esgarçado no trabalho de regular a relação do sujeito com a

castração? Na diversidade de nomeações de envolvendo a questão dos gêneros, tornou-se menos difícil deparar-se com o que do real do sexo a cada um se apresenta.

Nas manifestações que têm chegado à clínica se percebe a primazia de um gozo que parece mais à vista e menos dedicado ao trabalho do significante. Sob o imperativo do goza, na atualidade orquestrado pelo discurso da ciência e do capitalismo, o pudor e a culpa por desejar e assumir uma posição de gozo parecem diminuídos. A falta a gozar é astuciosamente velada pelos objetos que o discurso capitalista sustenta ludibriando o sujeito dividido como se conseguisse assegurar a este que o objeto perdido pode ser consumido.

Caroz (2013) assinala que a causa sexual sustentada pela psicanálise é esvaziada por este modelo apoiado no discurso da ciência onde o lugar do real como aquilo que a posição feminina sinaliza, fica de fora, não se contabiliza, tende a ser desconsiderado, em que "estabelece-se uma corrida desenfreada pelo gozo" (Caroz, 2013, p. 383).

A esta altura poderíamos pensar a relação entre esse imperativo do goza e a posição feminina no tocante ao não-todo. Miller (2013) analisa a proximidade que poderia se perceber entre esse gozo dos sujeitos nos dias atuais e o gozo feminino não-todo. Segundo ela os tempos atuais enlouquecem homens e mulheres que na adicção buscam o sublime de um lado e o abismo do outro. Porém há uma diferença entre essa busca dos objetos mais de gozar e a posição feminina relacionada ao não todo. Enquanto os objetos visam tamponar, suturar o desencontro estrutural tornando-se uma língua de gozo, a posição feminina lida com a sua falha de um modo distinto. Há o reconhecimento de um impossível de recobrir, de nomear, de preencher.

Segundo Caldas (2013) Lacan ao descrever as fórmulas da sexuação nos lembra que o campo daquilo que move o sujeito em busca de uma nomeação, de uma posição de gozo, não pode se dar em um caminho onde o prazer prevaleça, onde os ganhos da sexualidade se façam presentes ou a conquista dos direitos seja assegurada. Há, de estrutura, para a Psicanálise uma

falha no gozo, advinda do “trauma-buraco” que o encontro do corpo com a linguagem nos causa enquanto viventes nos colocando um ponto de fracasso em qualquer construção de identidade. Além do desencontro e desamparo, ser sexuado, na Psicanálise não significa obter satisfação plena e nomeação que recubra por inteiro aquilo que se porta como posição de gozo.

E do lado dos homens será que também encontramos impasses? Para a Psicanálise o caminho para eles também não é sem questões, com o viril em declínio, portar o falo, pode lhes dar a falsa sensação de saber dispor do caminho que o indique uma nomeação, o encontro de um bom achado no campo da sexuação.

A posição feminina, colocando-se como um modo de lidar com a sexuação de maneira a não se deter em um só caminho, o da significação fálica, o da busca de um sentido que possa nomear o que se passa com cada um perante a sua posição de gozo, ou seja, nos faz verificar que haveria a possibilidade para o homem ou para a mulher de lidar com o impasse frente aquilo que lhe é proposto como programa de gozo, de modo a não se deter perante este e avançar no seu percurso analítico.

Por que pensamos em avanço? Porque supomos que a posição feminina, em sua vertente de ir além do falo, do enquadre que o significante pode cernir, abre para aquele que se dispõe a realizar a empreitada de uma análise, a abertura para se verificar o nome que se dará a invenção que cada um independente de sua anatomia dará a si, a seu modo de gozo e, por que não dizer a seu sexo.

Pensando nas demandas inicialmente elencadas como algumas que nos chegam à clínica com a proposta da Psicanálise para se lidar com o sofrimento psíquico, observamos que diante de um imperativo de goza, podemos nos deparar, enquanto analistas, com algumas manifestações que nos indicam em que elas se entrelaçam com algo da posição feminina.

Ressaltamos que dentre as diversas manifestações que possam nos chegar, entre a reivindicação fálica e o desvanecer frente àquilo que o desamparo possa causar a cada um, a

posição feminina tenha possibilidade de nos indicar alguns aspectos envolvidos no sofrimento psíquico que hoje se manifesta em busca de um pedido de análise.

3.2 O que falam os analistas sobre as manifestações da posição feminina em sua clínica

De modo a articularmos o que está presente na teoria e o que os analistas escutam e realizam na clínica, lançamos a segunda questão: Você percebe em sua clínica, manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado à posição feminina segundo o ensino de Lacan?

Todos afirmaram que encontram em suas clínicas tais manifestações, porém apresentam percepções diversas na maneira como escutam as demandas de análise e as posições de gozo. No entanto, a despeito das distintas formas de perceber e lidar com isso, demonstraram estar atentos ao que, na atualidade, os analisantes os interpelam quanto a angustia diante do enigma do sexo, do lugar de sujeito de desejo e portador de um gozo.

Lembremos que de acordo com Musachi (2018), no texto *Ser sexuado no século XXI: o que há de novo?* Lacan toma a referência de Freud em torno do falocentrismo e do Édipo, o par falo-castração e com a inclusão do não-todo elabora o mais além do continente da mulher em Freud em termos do gozo feminino. Levando em conta o feminino há uma abertura e um novo olhar acerca da sexualidade passando o ser sexuado a ser lido em termos de sexuação. Musachi (2018) ressalta ainda que:

> A novidade introduzida por Lacan é o "não-todo do gozo feminino", que importa a homens e mulheres, porque o que interessa é a posição de gozo do *falasser* e o feminino que habita em cada um, que escapa ao gozo fálico e a sua lógica binária (p. 1).

Afirmaram que estas manifestações aparecerem no modo como cada um subjetiva a sexualidade, como lida com o real e com a falta. Acreditam que no percurso da análise, envolvendo a travessia do fantasma, a queda dos ideais, convoca o sujeito a ir além do falo e,

assim, mudar a sua relação com o amor. As mulheres terão dificuldades de se haver com o próprio desejo, recorrendo à mascarada. Estas manifestações exigem do analista um manejo cuidadoso, inclusive no que diz respeito ao diagnóstico, às diversas nomeações de gênero.

Acreditam que a segunda clínica pode ser pensada levando em conta as modalidades de gozo introduzidas por Lacan frente a posição feminina auxiliando no trabalho do analista em discernir os enganches e desenganches presentes no trabalho de uma análise. Introduz uma diferença entre o primeiro e o segundo ensino de Lacan. Deparam-se com sujeitos insatisfeitos e que buscam ao consumo para lidar com a sua condição de desejante com uma posição de gozo a ser nomeada.

As respostas se apresentaram de modo singular, pois cada um dos entrevistados enalteceu uma perspectiva de como a posição feminina se manifesta em sua clínica.

Na percepção da entrevistada 1:

> *Não existem duas sexualidades iguais, porque a maneira como cada um vai subjetivar sua anatomia é totalmente singular. Então, a gente percebe isso na fala dos pacientes, você percebe como ele lida com o real que aparece, com o qual se esbarra na vida. [...] então é, você ficar atento, quer dizer, eu acho que a melhor bússola é como que o sujeito lida com a falta, com o desejo, como que ele vai se virar com essa coisa.*

Essa entrevistada destaca a singular maneira como cada um se colocará frente ao enigma de sua a falta e do encontro com o feminino, independentemente de ser homem ou mulher ou de qualquer orientação sexual. Sua resposta vai na trilha do que Santiago (2013) comenta sobre o que a civilização entende e dita sobre gênero e sexo as definições e o que a psicanálise se dispõe a escutar; ou seja, há uma diferença entre os semblantes que a civilização dita e o que cada um, em uma experiência analítica diz acerca de seu encontro com o desejo e a sua nomeação enquanto posição de gozo.

O entrevistado 2 realça que há algo no processo da análise que feminiza os sujeitos. Diz ele que:

> *[...] por isso que a gente fala dessa travessia, da queda, disso e das identificações. Tudo isso que estou lhe dizendo a meu ver estão implicados também a ideia do Lacan de que a análise feminiliza. Neste sentido de assunção da castração e de fazer uma outra coisa com isso, de poder legitimar esse real sem recorrer ao sintoma ou a tanto sintoma, mas há um saber fazer outro, talvez há um desejo de saber que não seja o desejo de amor de tamponamento. Então isso eu lhe diria que é constante na clínica, é um trabalho constante isso. A gente verifica constantemente nessa perspectiva.*

Nesta perspectiva a posição feminina se revela no percurso da análise à medida em que não se deixa guiar mais tanto pelos semblantes fálicos, levando, cada um, a atravessar o fantasma que criou para velar a sua relação com a castração e a fazer uma outra coisa com o furo. Levar a cabo uma análise é se deparar com a queda de um arranjo, um saber se colocar em outra coisa frente ao vazio suscitado, inclusive mudando a relação com o amor e o mais de gozar, não mais determinado pelo a civilização dita. Há aí uma invenção.

Ao destacar a posição feminina realça algo interessante: o que fazer com o real sem tamponar o furo? Como desenvolver uma outra forma de amar sem recorrer a ele como satisfação da demanda? É sair do campo fálico para outra dimensão, e outra vertente do amor, como acrescenta o mesmo entrevistado: "*Quer dizer, não é que o amor desapareça, mas o amor é vivido de uma outra forma que não aquela de uma certa suplência do inexistente pela via do mais de gozar*".

Para o entrevistado 4, a posição feminina articulada a segunda clínica de Lacan e não desconsiderada do seu primeiro ensino, tornou-se uma noção que pode servir ao analista nos dias de hoje quando ele se depara com as questões de gênero. Diz ele:

> *[...], por um lado temos um campo de teorização interessantíssimo que contribui pra gente dar conta, pensar o que a gente tem recebido da clínica, por exemplo, a questão dos gêneros, a questão de nomear-se, os sujeitos se nomeiam, por exemplo, eu não sou cis, eu sou cis, essa nomeação significante né? Eu sou bi, eu estou mudando o meu nome, meu nome não é mais esse, é aquele. Essa forma de tentativa de nomeações do sujeito, sem dúvida que nessa lógica da sexuação já desenvolvida por Lacan, este lado da posição feminina, dá abertura, dá um campo aí interessante de investigação para esse fenômeno [...].*

Interessante esse enfoque da posição feminina como dando abertura para pensar a pluralidade de gêneros, e para acolher as demandas de análise de sujeitos LGPTQI+, embora não tenha indicado nenhum caso.

Já para o entrevistado 5, a posição feminina começaria ter efeitos na análise quando ela desliza para algo que cada um no seu percurso se depararia quando o significante não consegue dar conta. Ele também articula a posição feminina com algo que estaria no corpo. Segue seu depoimento:

> *Assim acho que primeiro na análise pessoal [...] é interessante porque como analisantes a gente percebe essa questão do não todo, do não conseguir dizer tudo, não conseguir falar tudo, de ter sempre alguma coisa a desejar, o que fica por dizer. [...]uma análise tem uma das coisas que eu acho que isso foi um dos pontos de virada muito grande pra mim; é que a psicanálise, ela não é uma experiência só, digamos assim, intelectual ou reflexiva [...] Mas ela é uma experiência do corpo. Então quando a gente está falando dessa posição feminina a gente está falando também do gozo no corpo [...].eu acho que esses efeitos de corpo eles indicam esse algo de que não é completamente coberto pelo significante. De que não é só o significante que dá conta*

> *e de que existe, existe uma outra coisa na psicanálise. [...] É uma questão no corpo que tem dificuldade em ser colocada em significantes e eu acredito que pra todo mundo que procure uma análise, que chega, é justamente essa questão; tem alguma coisa ali que o significante não consegue dizer tudo, e que é lógico, uma análise vai permitir que se diga um pouco mais, né? [...]*

Consideramos interessante esta relação da demanda de análise com algo no corpo que o significante não consegue dar conta. Isto nos leva a pensar na posição feminina advinda de uma marca, a castração e que relança a quem se situa do lado mulher na tábua da sexuação a se deparar com o significante da falta no Outro, a se haver com o vazio onde não haveria o Outro do Outro, a insígnia que pudesse nomear o ser da mulher e responder por essa marca, esse buraco no corpo que a mulher se vê às voltas. Em uma experiência de análise onde as identificações são remexidas, algumas caem e o Outro é destituído o que restará como saber fazer frente a esse gozo que tocando o real deixa o sujeito sem palavras?

Para a entrevistada 6 o processo de análise é um caminho para os sujeitos se depararem com algo da posição feminina. Considera salutar passar por isso em uma experiência analítica e destaca não se tratar de transformar os analisantes em mulheres. A posição feminina diz de um modo de funcionamento em relação ao gozo, ao desejo e a condição de não-todo, permitindo a cada um ceder de suas defesas e se abrir para aquilo que não se configura todo dentro de um sentido. Destaca que:

> *[...] eu diria que todo processo de análise se trata de uma abertura pra essa posição e que não se trata de tornar mulher os analisantes [...] fazer análise não é um movimento de tornar homens em mulheres ou que mulheres possa se tornar mulheres, não é disso que se trata. Mas é que pra ceder ao invés de um outro sexo é preciso que o sujeito se permita acessar algo desse não todo fálico, né?*

Haveria uma experiência analítica que não tocasse em algo que remeta à posição feminina, ao não-todo presente nas modalidades de gozo? Talvez o enigma da esfinge que interpelou Édipo, talvez não dissesse respeito ao homem, mas sim, à mulher. Nos registros míticos aparece Édipo apontando o indicador para si próprio e não nomeando o homem. Por não ter um significante que a nomeie e possa cernir todo o seu gozo, o desconhecido que esse lugar detém, o ilimitado que ele pode suscitar, requer que cada um, em seu percurso de análise se depare com o vazio que a neurose tenta se defender e nos afastar. Mas, levando em conta que um dos destinos de uma análise é tentar cernir o real, pensamos ser difícil viver a experiência de uma análise e não se haver com o não todo.

Já o entrevistado 8 distingue entre a posição das mulheres e a dos homens e não propriamente sobre a posição feminina. Para ele as mulheres portam um silêncio e ao mesmo tempo uma malícia, um jeito de se colocar com o seu sofrimento trazendo uma prodigalidade, uma diferença que indica uma proximidade delas com o real, portanto, uma proximidade com a posição feminina. Enquanto os homens, apresentando a referência de seu modo de lidar com o gozo recortado pelo sentido estabelecido traria, segundo o entrevistado, um achatamento, uma chatice. Diz ele:

> *[...] Então eu me lembro por exemplo, de algumas mulheres mais silenciosas, mais caladas em relação a própria dor e ao próprio sofrimento também. Mas ainda assim elas se deixavam tocar e se deixavam envolver [...] no caso dos homens em geral é como se essa prodigalidade, eles não fossem tão pródigos assim. E mesmo os que são bastante falantes achatassem o sentido, achatassem os desenvolvimentos que essa linguagem poderia ter.*

Evidentemente que essas duas posições estão postas na tábua da sexuação. Do lado esquerdo, o lado homem há uma maneira de se inscrever na relação com o gozo direcionada pelo sentido. Este enquadraria o movimento pulsional e o percurso do desejo masculino de

modo até que o reconheçamos como todo definido, contido e “achatado” pela via fálica onde põe a mulher como objeto de seu desejo e isto circunscreve a sua posição sexuada. Já, do lado direito, do lado mulher na tábua há uma variedade. Vai daquelas que falam, daquelas que silenciam, mas estão abertas a tocar em seu sofrimento, em usar de alguns recursos, álibis para adentrar em sua dor.

A entrevistada 9 se detém ao que as mulheres trazem para análise. Insatisfeitas e apegadas à posição fálica demonstram dificuldades em lidar com o vazio que, ao seu ver, apontaria para o feminino. “*É isso que eu observo na clínica. Uma insatisfação e uma busca sistemática por alguma coisa que tampone essa falta, esse vazio. Isso é muito presente na clínica, muito, que é um vazio. O feminino”.*

Para a entrevistada 11:

> *[...] o que o analista visa e pensa é cernir esse gozo como tal. A dimensão de gozo, a dimensão real, esse aqui é o foco central de hoje do que eu escuto dos sujeitos a partir da segunda clínica de Lacan. Isso foi muito útil pra direção do tratamento. Você pensar na dimensão de gozo, na dimensão do que não se representa. Porque se você vai pela via do que representa a via é uma. Você fica muito mais em cima mesmo deste código que faz sentido. Que é um tempo da análise. A análise também precisa disso. Mas ela precisa de um analista que tenha no horizonte essa dimensão do gozo, essa dimensão do real.*

Aqui percebemos como a introdução que Lacan faz sobre o gozo feminino faz a posição do analista mudar. Junto ao conceito de gozo, vem o conceito de real. Isso muda a direção do tratamento. O sentido e a significação sozinhos, não dão conta da condução da análise. Há algo que reitera, insiste e não se reduz, não se deixa tomar pelo significante. Há algo mais evanescente enquanto solução singular frente ao que perturba o sujeito. O seu gozo é um norte para o trabalho analítico.

Ao nos debruçarmos sobre as respostas percebemos que os analistas confirmam a manifestação da posição feminina em duas frentes: junto ao pedido de análise feito pelos pacientes, às voltas com sua posição de gozo e sustentando-se em semblantes frágeis que não os isenta de se angustiarem frente ao seu desejo e, do lado dos analistas, a introdução da segunda clínica de Lacan pautada nas noções de gozo e do real.

A entrevistada 12 articula a posição feminina com a direção do tratamento. Vejamos:

> *Eu acho que o mal-estar da contemporaneidade não é o mesmo da minha clínica de vinte anos atrás. Vamos dizer, na civilização atual, pensando naquele texto do Miller que a gente gosta, Uma fantasia, com as quedas dos ideais, o objeto a no zênite sustenta sim isso que fica sem forma e que não é referente a um sentido. Não corresponde ao sintoma e que seria uma formação do inconsciente. Então se antes, há vinte anos atrás ou no início da minha clínica o trabalho era mais com o simbólico, escutar o que o significante velava, o que que se poderia dizer, o que se era decifrável de um sonho, de um chiste. No sintoma atual é um corpo que está em primeiro lugar. Então é o gozo do corpo, é o acontecimento de gozo no corpo que nos orienta para a prática clínica, orienta nossa prática clínica. Que nos aproxima da orientação que está interrogando o opaco do gozo. Eu acho que isso pra mim é orientadores fundamentais na clínica atual.*

Esta posição vai na mesma direção da entrevistada 5, já indicada, que realça a questão do corpo na análise, pois os sintomas atuais não se expressam apenas pela via do simbólico. Lembra das toxicomanias, violências, agitações nos levando a pensar na clínica do ato e a relação disso com o feminino, no que diz respeito ao fato deste nos trazer "*algo que transborda, mais além do falo, sem lei e que fica do lado do estrago*".

A entrevistada 13 ressalta o que outras entrevistadas já indicaram, ou seja, que tanto para as mulheres quanto para os homens o feminino os toma. Para ela seria mais comum a

presença de mulheres tomadas pela aflição, pelo desassossego que o ilimitado as coloca. Lembra da devastação, da experiência do arrebatamento e da loucura como possíveis movimentos que enlaçam uma mulher e o feminino. Mas, acentua uma diferença entre as manifestações do feminino no início de uma análise e no seu final. Destaca que:

> *Então me parece que esse campo da aflição que uma mulher trás pra análise tem a ver com esse feminino, essa alteridade radical onde ela se desconhece, onde ela se sente uma outra para ela mesma. [...] É quando a demanda de amor, o retorno dessa demanda de amor retorna para a mulher como devastação. Certamente que há homens que também chegam com essa afetação que é o próprio feminino, mas, ainda é mais comum chegar na clínica, mulheres tomadas pelo feminino. Agora, segundo o ensino d]e Lacan, nessa posição feminina a gente tem que se perguntar também sobre o final de análise onde essa posição feminina aparece como uma forma de consentimento, não é mais como uma aflição, não é mais como um completo desconhecimento onde a mulher é arrebatada e muitas vezes chega ao pior mas como um campo onde ela pode nomear algo do um gozo ilimitado, digamos assim, sem se entregar ao ilimitado do gozo que leva realmente muitas vezes ao que Lacan vai chamar a loucura feminina... Então me parece que a autorização à posição feminina que uma análise propicia tanto para homens quanto para mulheres é bem diferente daquele momento em que a mulher chega à analise completamente invadida, tomada pelas experiencias com esse gozo ilimitado.*

O mal-estar atual na civilização mudou e mudou o mal-estar dos que demandam uma análise. Um dos efeitos do discurso capitalista, como assim Lacan o nomeou, é a busca da forclusão da castração e o enaltecimento do um gozo desenfreado e supostamente ao alcance de todos e a perda da dimensão do amor, trazendo para o trabalho de uma análise questões

diversas que gravitam em torno do que cada sujeito faz para se haver com o que das parcerias amorosas o acomete.

Sampaio e Oliveira (2022) nos assinalam que a mulher mesmo relegada à cena doméstica a esta não se submete toda e, detém em seu caminho a criação de mistério e de mitos que buscam cernir o que ela envolve para além do estabelecido. A complexidade feminina se torna uma ameaça e deixa de ser desejável. Elas portam em seu corpo sintomas como "consequências de uma luta cotidiana para controlar os próprios impulsos quando esses não se encaixavam na ordem familiar vigente" (Sampaio & Oliveira, 2022, p. 2).

Chama-nos a atenção nesta perspectiva acerca da complexidade feminina o espectro no qual uma mulher pode ser envolvida. Vai do mito, do mistério passando por uma luta frente à ordem estabelecida, um sintoma que se manifesta como forma de lidar com algo que, partindo dela, a põe em posição de ir além. Parece que não detendo o que a define e a apazigua, luta e busca com o seu sintoma, tentar nomear e cernir algo do que lhe faz questão.

Para que a Psicanálise sobreviva e mantenha a sua eficácia, Borsoi (2001) considera que se faz necessário que os psicanalistas banhados no espírito de seu tempo, buscando operar sobre o real, o desencontro entre sujeito e objeto e a inconsistência do Outro. Estes movimentos de perto, nos lembram o lado mulher na tábua da sexuação. Nas palavras do autor:

> [...] se os limites e os impasses com que cada sujeito tem de se confrontar, quando o impossível não se deixa localizar facilmente, o lançam na submissão a um imperativo desregulado e desmedido de gozo, cabe a nós (analistas) fazer operar o real, sabendo que ele jamais se elimina (Borsoi, 2001, p. 5).

Mandil (2019), em seu texto *O mestre contemporâneo e o analista*, elenca algumas mudanças que nos levam a pensar a relação que haveria entre o discurso do mestre contemporâneo e as análises que hoje são buscadas. Estas alterações implicariam também em mudanças dos aspectos presentes na direção do tratamento. A queda dos semblantes da

tradição, como consequência do que se passa da ordem simbólica, faria emergir um modo de lidar com o real que ele nomeia de um "*mundo flex*", onde a transposição apareceria como a resposta aos encontros com o real acarretando mudanças também no que diz respeito a relação com a verdade, com o próprio corpo e com o mandato "que isso goze" (Mandil, 2019, pp. 84-86).

Assim percebemos que a despeito dos analistas afirmarem encontrar em sua clínica manifestações do que podem ser vistas como demonstrações da posição feminina, encontramos uma diversidade de interpretações sobre o que seria a posição feminina posta em sintomas. Mas, viram na presença do gozo e do registro do real, articulados às fórmulas da sexuação, um norte para auxiliá-los a reconhecer o que os pacientes trazem e colocam sobre suas posições de gozo. Insatisfeitos, aflitos, angustiados, às voltas com a falta, como conseguem fazer disso uma fala, um sintoma e produzir uma demanda de análise?

Diante destes aspectos que modificam a posição do sujeito frente a castração e, consequentemente diante do gozo que o acomete em seu processo de sexuação, pensarmos acerca da posição do analista frente a estas alterações se faz importante. A posição feminina poderia, neste percurso, nos indicar a existência de uma proximidade entre a posição do analista e ela?

Capítulo 4: A posição do analista e a posição feminina: haveria alguma articulação?

> No exercício da psicanálise, ficamos sabendo um pouco do que os sujeitos que escutamos sabem. O sujeito é efeito do significante – e do discurso. Mas não todo. É efeito também da falta de significante que faz marchar a bateria, e aí o real nos atinge como causa: o indizível é causa do desejo de dizer. (Lermen, 2022).

Chegamos ao quarto e último capítulo de nossa pesquisa. Teremos como objetivo nele pesquisarmos se haveria ou não uma relação entre a posição do analista e a posição feminina na direção do tratamento de uma experiência analítica.

Ele se divide em dois tempos. No primeiro, faremos um percurso pela literatura, buscando o que os psicanalistas que atuam pautados na orientação lacaniana têm pensado sobre a condução de uma análise na atualidade. Destacaremos a interpretação como ponto importante a sinalizar o que da posição do analista, na atualidade, se apresenta.

Em um segundo tempo, iremos nos deter no depoimento dos psicanalistas entrevistados acerca da questão colocada: Como se daria no seu trabalho como analista o manejo da posição feminina na direção do tratamento na atualidade?

Acreditamos que assim como os sujeitos, independente do sexo anatômico, podem se situar do lado direito do quadro da sexuação, a posição do analista guardaria alguma relação com essa posição em que? Na condução de uma análise pode se chegar ao ponto onde o significante da falta do Outro é tocado. Esta experiência está posta do lado da posição feminina.

Ressaltaremos de modo a pensarmos o objetivo proposto o que da posição feminina perpassa a direção do tratamento. Trata-se de uma noção que estaria não só representando um avanço epistêmico na construção do ensino de Lacan, como também teria efeitos na prática do analista frente a demanda de análise. Ela representa uma virada no ensino de Lacan, pois ao introduzir a noção de gozo e o registro do real, indica que a linguagem não recobre tudo. Passa-

se a levar em conta uma outra dimensão do corpo, do inconsciente, consequentemente, da posição do analista.

Nesta virada do ensino, o real torna-se um princípio norteador do trabalho de condução de análise. Trata-se da clínica do *sinthoma* na qual o analista terá que se abrir para aquilo que está no ponto mais íntimo e não articulado ao simbólico e daí poder surgir uma invenção, singular e própria do percurso de cada analisante.

4.1 A direção do tratamento e a posição feminina no ensino de Lacan

Lacan encontra-se com o legado freudiano. É conhecida a sua luta para manter viva e acesa aquilo que chama de lâmina cortante da Psicanálise. Busca revisitar o edifício estruturado por Freud e se depara, segundo seu olhar e escuta atentos, com direções distintas do rumo de uma experiência analítica dadas pelos pós-freudianos e se põe a questionar e, ao mesmo tempo, alterar o que considera ser a ciência da Psicanálise deixada por Freud. Evidente que isso teve efeitos na formação dos analistas e na direção do tratamento.

Seguindo a agudeza de Lacan com relação ao trabalho do analista, nos deteremos na interpretação devido a mesma guardar íntima relação com a posição do analista. Este pode ser um dos pontos em que, na orientação lacaniana, a posição feminina apresentaria um laço de proximidade e de importância para o trabalho do analista. Significa lidar com aquilo que o real aponta: um indizível, um gozo outro que não se detém na significação estabelecida pela ordem fálica. Passaríamos da perspectiva da busca de um sentido, onde se priorizava o registro do simbólico, para a busca de alcançar o sem sentido, modo de cernir o real como guia do trabalho a ser pensado na direção do tratamento.

Lacan (1958) em A *direção do tratamento e os princípios de seu poder* destacando o que o preocupava a partir do rumo que os analistas estavam dando à condução de uma análise,

busca revigorar o trabalho que caberia ao analista. O analista dirige o tratamento e não o paciente, não se tratando esta de uma direção unívoca.

Seguindo nesse texto, Lacan (1958) questiona: “Quem é o analista? Aquele que interpreta, tirando proveito da transferência? Aquele que a analisa como resistência? Ou aquele que impõe sua ideia da realidade? Qual o lugar da interpretação?” (p. 598). Incomodado com o destino e o modo de conduzir a Psicanálise feito pelos pós-freudianos, ele começa a extrair da leitura de Freud aquilo que considera crucial e fiel a sua invenção.

Para ele a interpretação ocupava um lugar ínfimo tendo sido destorcida por aqueles que praticavam a Psicanálise com abordagem de sentido embaraçoso, como se tivessem perdido o vigor e a força, colocando no lugar coisas como explicações, gratificações, confrontações.

No primeiro ensino, Lacan recorta a participação do efeito do significante sobre o sujeito subordinando-o e sendo por ele subornado. Interpretar sem levar em conta esta determinação, perde o seu peso e ela passa a ser banalizada e encontrada em todos os cantos do discurso do paciente.

Quando esta determinação não é considerada, prendendo-se a uma postura psicologizante, perde-se o peso da fala presença do paciente, os dados que são trazidos por ele em seu dizer e se estabelece um trabalho no qual a fineza do que uma análise visa, algo novo no que diz respeito a uma articulação diferente não se dá. Ao contrário, o analista supõe ser o intérprete da verdade dita e portador do saber ali detido. Sobre esse modo de situar a interpretação e o lugar do analista Lacan (1958, p. 601) vai dizer “não há outra resistência à análise senão a do próprio analista”. Realça, então, aquilo que aos seus olhos seria a luz do que Freud lançou no trabalho como analista, particularmente na condução da análise do Homem dos Ratos (1907). Dirá ele:

> [...] é numa direção do tratamento que se ordena, como acabo de demonstrar, segundo um processo que vai da retificação das relações do sujeito com o real, ao

> desenvolvimento da transferência, e depois, à interpretação, que se situa o horizonte em que a Freud se revelaram as descobertas fundamentais que até hoje experimentamos, no tocante à dinâmica e à estrutura da neurose obsessiva. Nada mais, porém nada menos (Lacan, 1958, p. 604).

Em Lacan (1958), neste tempo de seu ensino, o que seria particular à Psicanálise advinha da presença do significante sobre o inconsciente e o fato de ele ser estruturado como uma linguagem. Desta determinação se deveria extrair a sua primazia tendo a interpretação neste processo, uma participação fundamental. A partir de como a interpretação seria praticada, de como o analista articulava sua visada em relação ao inconsciente, a análise avançaria ou não.

A clínica mudou, a civilização mudou. Há um mandato feroz dizendo goza! E encontramos nas questões relacionadas ao que cada um espera encontrar como resposta à demanda de cura e de felicidade, algo que os situe na definição do que é ser homem e ser mulher, assim como sua posição de gozo diante de sua imersão naquilo que o toca no encontro com o sexual.

Concordamos com Otoni (2019) ao destacar as alterações ocorridas na ordem das coisas. Deslocando o lugar do nome do pai e o do mestre podemos encontrar na clínica e no laço social efeitos deste descentramento. Para ela o feminino toma a dianteira do viril.

Otoni (2019) ressalta que:

> Tal gozo (feminino) interpela e provoca o mestre contemporâneo, pois é ao nível da pulsão que uma disrupção se verifica, não-toda articulada, desconectada de sentido, da maestria, desamarrada da ordem das coisas, fora da lei por sua centralidade dispersa, sem borda clara, sem enquadramento. E a clínica testemunha, mais ainda, sua força tamanha, em nossos dias (p. 11).

Como nos diz Caroz (2019), momentos de alterações na história e que repercutem nas demandas de sofrimento e indagações dos sujeitos acerca de seu corpo, seu gozo e o uso da linguagem, podem representar, para a Psicanálise, uma passagem em direção à invenção, ao novo nos quais reviravoltas na condução da experiência analítica podem ocorrer.

Para Santiago (2013) quando o psicanalista tem como política o avesso do mestre ele se situa no lado feminino, pois sua atuação guarda intimidade com o lado mulher no quadro da sexuação. O analista se guiaria neste trabalho não só se orientando pela decifração do sentido, mas recortando a política do não-todo. Isto é, na experiência de sua própria análise e consequentemente em seu trabalho como analista deve ultrapassar o regime do gozo regido pelo significante e se deparar com a sua relação com o ilimitado, além do gozo fálico e dos limites estritos do significante. Situa-se, assim, além do falo e do lugar de mestria. A posição feminina junto ao analista vai se opor obstinadamente à ideia de um mestre que deteria o saber universal sobre os demais.

Observamos nesta alusão à proximidade do feminino com a posição do analista, o destaque dado àquilo que não é para todos, ou seja, o realce que se dá ao particular modo como cada um se situará em sua relação com o gozo, onde o não-todo regido pelo gozo fálico, faz a diferença. Não se trata mais da divisão fálico/castrado, mas de um encontro com um modo de gozo que distingue os sujeitos.

Reconhecemos que no decorrer de uma análise, a posição do analista não se deteria, por inteiro, visando tocar no sem sentido, apontando para o real e se aproximando do registro do gozo não-todo fálico. A depender do modo como o paciente se apresenta, o tempo de trabalho analítico que inclui a decifração do sentido, a regulação pelo nome do pai, ainda podem se fazer presentes. Algo assim: não devemos descartar ou supor que o primeiro ensino de Lacan e a primeira clínica advindas destes ensinamentos deva ser suplantada pela clínica do ultimíssimo

Lacan, a clínica em direção ao real. Devemos receber cada caso sem um saber prévio, pois a direção do tratamento não se determina *a priori*.

A direção do tratamento, ou seja, o trabalho que se realiza em nome daquilo que se nomeia psicanálise precisaria traduzir, ilustrar e cernir o que caracteriza esse saber e campo de prática clínica. A posição do analista e a interpretação, ao nosso ver, poderia demonstrar como a Psicanálise articula seus conceitos e princípios com a demanda que lhe chega para tratamento.

Diz Mandil (2019) que:

> Cabe a que pensar a interpretação analítica – como corte, como equívoco – como indo na direção contrária à acumulação de sentido produzido pelo inconsciente como o discurso do mestre. É daqui que podemos vislumbrar o inconsciente real não mais operando na direção de um gozo de sentido [...] e indicando, com a sua emergência, a possibilidade de outro modo de tocar o real. Índice da possibilidade de um novo arranjo com o gozo (p. 87).

Para que o analista não esteja apenas relacionado ao gozo fálico, requer que se mostre aberto ao que não faz série, não se coaduna ao deciframento simbólico, àquilo que parece estranho, às vezes, embora, na particularidade de cada sujeito encontre aí um lugar. Parece lembrar-nos que entre equivocar, sublinhar, pontuar, uma intervenção que cause espanto, ou algo como a presença do corpo do analista, provoque e acosse o que está aí sendo falado, mas não nomeado. Um dos aspectos presentes na experiência analítica, é a perturbação da defesa. Ele deve ter a capacidade de perturbá-la, tanto quanto a mulher.

Simone Souto (2017) nos lembra acerca dos sintomas que têm aparecido aos analistas na atualidade desprovidos de uma busca de sentido e comandados por um imperativo de satisfação sem limites. Coloca, diante desse quadro a seguinte questão: “Se o sintoma na época do mestre contemporâneo, apresenta-se cada vez mais refratário à interpretação pela via do

sentido, quais seriam, então, as possibilidades de intervenção do analista?" (Souto, 2017, p. 187).

Frente a este desafio cabe ao analista não mais tanto se situar pela via do sentido. Torna-se a matriz da operação analítica na condução de uma análise, intervenções que incidam sobre o gozo e onde a interpretação ganhará um novo estatuto: sem sentido, sem valor e muito mais próxima de um fazer que de um saber.

O destaque à interpretação nessa aproximação da posição do analista com a posição feminina indica que o analista é convocado tanto em sua análise quanto no seu trabalho de conduzir uma análise, a deparar-se com o gozo além do falo e chegar ao encontro com o significante da falta no Outro. Assim, de modos distintos, o analista e a mulher situam-se próximos ao real guardando com este uma relação de familiaridade.

4.2 O que os psicanalistas dizem sobre a relação da posição do analista com a posição feminina no contexto de suas práticas?

Iremos nos deter no depoimento dos analistas entrevistados sobre a relação da posição feminina com a posição do analista, considerando suas práticas clínicas. Ressaltamos que os analistas que norteiam seu trabalho pelo ensino de Lacan se põem em um movimento para discutir qual a articulação possível entre aquilo que constitui o edifício da Psicanálise e os acontecimentos e consequentes novos discursos dos sujeitos acerca de seu mal-estar na atualidade. Buscar identificar como os analistas escutam e manejam com esse mal-estar contribui par vivificar a Psicanálise tanto do ponto de vista epistêmico e clínico.

A entrevistada 1 ao falar a respeito do que se serve para sustentar a posição do analista e afirma que o feminino se apresenta a cada um no processo de análise. Para ela, no percurso de uma análise caberia o processo de decifração onde o sujeito se põe a tentar encontrar o significado presente nas articulações que na sua fala e, aos seus olhos, teria um sentido a se

revelar. No entanto, alguns pacientes que conseguirem seguir com sua análise até o final, verificarão que este sentido a ser decifrado esbarra em um nada.

Em suas palavras, a entrevistada 1 assinala que:

O tempo da decifração se fará presente quando o sujeito vai tentando decifrar camada por camada desta cebola supondo no final encontrar a grande resposta. No entanto, a paciente, não por acaso uma mulher, percebe que no final, não há nada. Só o furo.

Essa maneira de se referir ao que se encontra ao final de uma análise, ou seja, com o nada é um dos modos da posição feminina situar-se, embora a entrevistada não coloque explicitamente. Saindo da lógica do fálico/castrado, se dirige, na posição feminina a se deparar com aquilo onde não se pode recobrir, se tamponar conforme outrora se imaginou.

O entrevistado 2 se situa em relação a questão posta retomando o percurso de uma análise e a formação. Ambos são tocados pelo não-todo. O que se transmite é uma falta. Ele retoma as balizas que Lacan colocou sobre a direção do tratamento, a saber: política, tática e estratégia. Em seu depoimento percebemos uma ligação da posição do analista com a posição feminina ao afirmar que este teria como posição colocar-se como objeto *a* como semblante de objeto e assim, fazendo aparecer o não-todo.

Ele vai estar ali como um semblante de objeto, olha aí o feminino aparecendo, o não todo, certo? A tática é onde o analista, a interpretação, as diversas modalidades, o corte, enfim, é onde a gente está mais livre, mais ainda sim marcado por uma política, que é qual? A política da falta a ser... Então todo o manejo vai passar nessa travessia por uma queda das identificações [...] após essa travessia, essa feminilização é o que está pra cada um e pra todos. E que leva a cabo uma análise.

O entrevistado 4 relaciona a posição feminina com a do analista levando em conta alguns aspectos no seu modo de conduzir e, principalmente, na interpretação. Remete à distinção que

percebe no seu trabalho clínico, ou seja, ele distingue que, em alguns casos, vai-se além da decifração, da busca do sentido. apoia-se nisso ao lembrar do real e da posição feminina. Falando acerca do trabalho do analista nos dias de hoje, o participante da pesquisa destaca que:

> *Nessa direção, eu tenho pego muita carona naquela inspiração do último ensino... tem sujeitos que é imperativo que o analista, no meu ponto de vista, se coloque ali no seu corpo, no sentido de fazer as intervenções que possam, de fato, apontar, a posição de gozo, [...]o sujeito antes se ficava só naquele campo do silêncio da associação, isso não tem tido efeitos. A outra forma de intervir naquela posição onde o sujeito goza e que faz ali uma questão de certos cortes, certas intervenções que aponte para o saber fazer com aquele sintoma, ou seja, o que vou fazer com isso, [...] Então, eu acho que essa posição do feminino aponta o seguinte pra mim, [...] todos têm seus sintomas e são vulneráveis a ele e que nesse lugar onde eu tenho sintoma há um limite importante que é real e entender o que significa isso, interpretar isso. É ler que tem ali um sintoma mesmo e o sujeito agora vai ter que se virar com ele. Então é essa a posição me parece que vai nessa aproximação da posição feminina com a aproximação com o real, com esse impossível que nesse segundo ensino de Lacan se aproxima da posição feminina, mostra o destino que cada um tem.*

O trabalho do analista é cernir o real que cada um com seu sintoma tenta por um anteparo, uma medida diante do furo estrutural que cada uma porta. De acordo com Ventura (2014) apesar das alterações do campo da sexualidade que vem ocorrendo no século XXI, o ato analítico, a visada do trabalho analítico ainda é operar sobre o real que comparece nos discursos e corpos daqueles que buscam uma análise, revigorando a presença do sintoma enquanto índice da desordem que não deixa de insistir, de se estabelecer.

Assinala o autor que o ato analítico deve operar na desordem do real e, para isso, “o analista não se prende ao Outro do sentido; ao contrário, atento ao real, deve sacudir e desarticular o que o gozo atrelado ao sintoma parece manter” (Ventura, 2014, p. 354).

O entrevistado 5 referindo-se à relação entre a posição feminina e o trabalho do analista indica que ela se traduz na paciência e na condução de uma abertura para a contingência e para uma mudança no que diz respeito ao amor na realização do trabalho de uma análise. Assim como a manutenção de um entusiasmo diante do que o processo analítico causa. Em suas palavras ressalta que:

> *Acho que essa paciência é uma questão própria da posição feminina no manejo de uma análise [...] então tem algo aí de uma dimensão do afeto que é também conseguir contagiar pra que esse sujeito também queira, transformar o seu desejo num desejo diferente pra que ele mude [...] para um amor mais digno, [...]Ou que ele se abra mais para contingências e que se abra mais pra essa solidão, mas que não seja uma solidão que isola, mas uma solidão que faça laço, [..] Porque isso é muito paradoxal,[..] Você se vê sozinho, sem o outro no final da análise, mas ao mesmo tempo isso permite que cada um se lance de forma diferente nos laços, nas relações que isso não seja um motivo pra um isolamento ou pra melancolia ou pra tristeza, mas que encontre aí um entusiasmo. Então eu acho que esse entusiasmo é algo que tem a ver também com essa posição, não toda.*

Observamos nesta resposta algo que parece estar próximo do lado mulher na tábua da sexuação, ou seja, a solidão, assim como a paciência. Pensemos que a posição feminina lembra que não há um outro da exceção, convocando a cada um lidar com esse vazio e, a partir de uma análise, inventar o que vai pôr como tentativa de amarração para seguir existindo. Este trabalho a ser feito, não se dará com um tempo pré estabelecido e nem junto com os demais. Trata-se de um trabalho solitário e paciente, mas não sem angústia. O amor também nos parece algo

caro para aqueles que se localizam no lado direito da tábua da sexuação. Diante do furo frente a existência de uma nomeação própria que dê uma noção daquilo que se busca, o amor seria uma tentativa de lidar com o nada.

De acordo com a Entrevistada 6 a posição do analista situa-se em uma outra lógica que não a toda fálica, mas sim, em uma lógica que vai abrir para a contingência, para os furos, para a posição da diferença absoluta própria do final da análise, ou seja, a diferença que cada um tem na sua posição em relação ao gozo. Para a entrevistada tudo isso está do lado da lógica do feminino e acrescenta que é neste ponto que se dá o aprendizado de que a relação entre feminino e o trabalho do analista se expressa.

> *O analista só suportará as diversas posições em que será colocado no processo de condução de uma análise a partir desse enfrentamento. Mostrar-se à altura desse trabalho diz de processo semelhante que tenha feito em sua própria análise, assim como seu manejo, sua flexibilidade, seu jogo de cintura de modo a conduzir a experiência analítica até o seu final.*

Ressalta ainda que: **"***isso só é possível ser feito desde uma posição não toda porque se o analista estar numa posição fálica, ele vai entrar no embate, ele vai entrar no jogo de poder, de afirmação ou negação que a demanda convoca*."

Na condução de uma análise, além do amor de transferência, qual seria a vertente do amor aí implicada? Se a mulher não encontraria no campo do Outro uma resposta que a nomeie, qual volta deveria dar e que modo de satisfação encontraria na condução de sua análise para lidar com esse além inominável?

Dentre as diversas nomeações que a posição do analista tenha tomado no ensino de Lacan (1964) destacamos a apontada no Seminário 11, a saber, a de que o analista deveria ser como Tirésias, que viveu um tempo como homem e um outro tempo como mulher, ou seja, experimentou os dois lados. Além dessa característica, Dafunchio (2014) ressalta que o analista

deve ter tetas. Não como algo que completa e sacia como a teta materna, mas sim como a teta feminina, que causa o desejo e descompleta a lógica da fantasia que enlaça o sujeito e o objeto no seu programa de gozo.

Pensamos que a posição do analista como a posição feminina se situa do lado direito da tábua da sexuação, pois nela vai-se além das insígnias e saídas fálicas. Há um encontro com a destituição que põe o sujeito frente ao real que, em certa medida, o lança a um vazio, a um gozo sem sentido e o provoca a inventar uma saída singular diante deste real que o feminino apresenta a cada na experiência analítica. Este efeito é do lado do analisante e, do lado do analista o que se passa?

Sabemos que Lacan dizia que as mulheres são as melhores analistas, pois guardam uma relação mais de perto com o real, apresentam menos embaraço com a lógica fálica enquanto vertente de saber. Por estrutura, a mulher detém uma proximidade com o inconsciente real. No entanto, não devemos apressadamente supor que elas sempre serão as melhores. Ressaltamos que se uma analista se deixar tomar pela via do real e corta seu laço com a lógica fálica, sem a via edípica, prescindindo da versão do pai, ela pode provocar estragos.

Segundo Laurent (2012), Lacan convoca o analista a um novo Édipo, ou seja, como aquele que poderia se aproximar da verdadeira lógica da posição feminina a saber: “denunciar os semblantes que visam a toda consistência do Outro” (p. 125). Para Laurent (2012) “Esse é o ponto de fazer cair o semblante. [...] e o analista ser aquele que diz: “Queres que haja esse Outro que exista pra ti? Lembra-te de que não existe Outro do Outro e que a última palavra sempre escapa, que há, na linguagem, esse ponto com o qual todos temos que lidar” (Laurent, 2012, p. 125). Se as mulheres detêm uma estreita relação com esse ponto, consideramos que o analista deteria uma proximidade com a posição feminina na condução de uma análise.

A entrevistada 10 é mais uma analista que realça o real na clínica atual sem refletir sobre a relação da posição do analista com a posição.

> *Então eu vejo essa questão por exemplo no segundo ensino de Lacan na minha clínica [...] a gente se volta muito mais para a dimensão do real do que do sentido porque Lacan está falando de uma dimensão do que enoda e não enoda. Daquilo que ele está pensando muito mais na perspectiva do nó do que na perspectiva do sentido e do significante, do S1 e o S2. Então eu me pauto hoje e vejo muitas questões das dimensões do sujeito e realmente só faz sentido se você pegar essa perspectiva do nó. Daquilo que pra o sujeito serve de enodamento e não serve. Daquilo que ele faz com aquilo que não tem nome. Aquilo que o sujeito faz. Quais as invenções possíveis que a análise pode ajudar esse sujeito a criar pra aquilo que ele não consegue nomear, que é esse gozo como tal. E eu vejo isso em várias questões no sujeito, na dimensão amorosa, na dimensão do trabalho, na dimensão da sexualidade.*

Ao nos dedicarmo-nos a escutar analistas a falar de sua clínica e o manejo transferencial levando em conta a posição feminina, estamos não só confirmando uma hipótese de que esta detém sim um lugar na teoria e na direção do tratamento na clínica psicanalítica. Estamos a recolher o que ressoa no trabalho realizado na clínica e se articula tanto com os acontecimentos de uma época tanto quanto a prática analítica.

Já a entrevistada 11 ao comentar acerca da participação da posição feminina no trabalho do analista, no manejo transferencial, destaca um outro ponto. Ressalta a importância de o analista atentar no caso de mulheres, para a sexualidade da mãe, ou como esta se posiciona frente ao feminino. Há algo aí que é transmitido de geração a geração. Como também destaca, na contemporaneidade, a histeria rígida, aquela do gozo do um, do um sozinho, da histeria que se dar sem o Outro. Apresenta em sua fala situações diversas que podem estar presentes no discurso de uma mulher em seu processo de análise, mas, no que se refere a dizer sobre a

relação entre a posição feminina e a posição do analista, considera que vai depender do caso a caso.

A Entrevistada 12 apresentando o que considera de mais atual na clínica psicanalítica enfatiza que:

> *Então eu acho que a minha clínica ela não é sem o referencial fálico, porque para as pessoas também poderem se reposicionar diante do seu gozo não é sem o referencial fálico, mas atentos aí ao que se apresenta do gozo nos três registros, né? Especialmente real e imaginário, uma vez que o simbólico está enfraquecido. Mas sabendo que não é sem ele. Não sei se seria mais ou menos por aí, né? Porque eu vejo assim, é uma Psicanálise hoje em dia que não está ordenada pela formação do inconsciente, mas pelo acontecimento de gozo. É isso que nos faz mudar a perspectiva da interpretação. Não é porque eu quero mudar essa interpretação, que eu acho legal. Não. Muda-se porque o mal-estar é de outra ordem. Então a gente precisa também inventar uma possibilidade de trabalho e não recuar diante desses sintomas mais enriquecidos porque não estão no simbólico, estão no corpo, né?*

Seguindo a questão acima levantada articulando a posição feminina com o trabalho do analista, a Entrevistada 12 destaca outro conceito que Lacan desenvolve: o nó borromeano. Evidente que a noção de posição feminina se articulou a outros no ensino de Lacan, tais como a do real, a do gozo e a do nó borromeano. A despeito destas novas conceituações o referencial fálico não é desconsiderado. Algo do seu primeiro ensino se mantém, tanto que na tábua da sexuação ele está posto do lado esquerdo. A singularidade do caso, a experiência que cada sujeito terá para mediar seu desejo e cernir o real que o gozo o coloca, faz com que os analistas não prescindam do referencial fálico. A posição feminina não o suplanta, apenas abre novas perspectivas para invenções e não apenas ressignificações.

A entrevistada 13 interroga:

> *Seria possível ao analista considerar uma clínica sem ter que lidar com essa alteridade radical que se chama o feminino?" [...] Então, me parece que a visada do analista desde o primeiro encontro com o seu analisante é tocar de alguma forma nesse ponto de opacidade, nesse gozo que está em um campo que não é representado ou representável. Então como ao receber o analisante que ainda não é analisante ou receber o sujeito pela primeira vez, o analista terá que desde* ali, desde este umbral é lidar com algo que o próprio fantasma, a construção fantasmática em se tratando de uma neurose, é, não dar conta. [...] *Esse manejo da posição feminina é desde o primeiro momento visar a singularidade, visar o que não é recoberto pelo campo das identificações, visar é como atingir a posição de gozo que é um outro nome que se dá a essa opacidade que o falo não vem recobrir[...]. Então me parece que quando o analista busca, ele busca, ele acolhe as identificações, mas, para romper em um final de análise, ele já está visando aí essa posição feminina.*

Interessante esta perspectiva, pois articula a posição feminina como aquele instante, aquele tempo em que o sujeito, independente de gênero, é colocado direto com o seu não saber, não ter como se situar frente algo que o fantasma não mais recobre e dar conta. Buscar uma análise é se deparar isso. O gozo feminino seria como um norteador da direção de uma análise e ajuda a pensar certas demandas, identificações que a significação fálica não recobre e a apontar como direção do tratamento visar se chegar a singularidade.

Logo, a posição feminina atrelada a noção de um gozo que não é drenado todo pelo falo, coloca para a direção do tratamento, um outro manejo na direção da cura analítica. Levar em conta o real é saber de um furo, de um buraco que não será de todo recoberto é se deparar com um dizer onde buscar o sentido e se debruçar sobre a significação convoque a algo a mais no manejo do trabalho analítico.

Considerações Finais

A experiência advinda de minha prática como analista em instituições públicas de saúde e no consultório particular, me colocou uma questão crucial: investigar a compreensão da posição feminina e o seu manejo na direção de um tratamento analítico na Psicanálise de orientação Lacaniana.

No percurso desta pesquisa nos detivemos sobre a sexuação no ensino de Lacan. A sexuação diz respeito ao trabalho e percurso e cada sujeito frente àquilo que apontará de sua posição de gozo, de seu modo de se relacionar, de assumir o seu funcionamento pulsional. Do lado direito nas fórmulas da sexuação o gozo não-todo fálico, abre-se para um olhar e uma escuta do que disso aparece nos sintomas, no discurso e na chegada dos sujeitos a uma análise. Pode nos guiar no trabalho da clínica em diversos pontos.

A posição feminina pode nos ajudar a pensar em maneiras de lidar com o gozo quando ele não se define por inteiro na lógica do significante. Instaura-se um outro destino a ser dado ao para além da castração, ao fora de sentido e, busca-se de forma singular, seja homem ou mulher, identificar a maneira de lidar com o que, na posição feminina, se encontra, se constrói como saída.

Podemos pensar que se trataria de um ponto de avanço dentro do ensino de Lacan. Aquela moção dentro do campo teórico que faz a virada naquilo que se passa não só no trabalho dos analistas, mas em sua formação também. A prática analítica, a partir do último ensino de Lacan, nos leva a revisitar o que seria o alcance de uma análise. Assim, a lógica que sustenta o que hoje se passa na condução desta experiência, nos põe em contato com a clínica das invenções, circunscrita ao real e, articulada, a posição feminina.

Movida por tal questão parti para esta empreitada de articular uma trajetória teórica acerca da posição feminina no ensino de Lacan e o que analistas, com mais de 10 anos de

experiência clínica e pertencentes a instituições psicanalíticas de orientação lacaniana, compreendem sobre a noção de posição feminina e como a articulam em sua prática clínica.

Encontramos impressões diversas. Identificam que já em Freud há indícios da posição feminina, mas foi Lacan que avançará acerca desta. Uma posição descolada do gênero e que pode ser ocupada tanto por mulheres como por homens e justamente por isso pode se abrir para a diversidade de sexos pela via da invenção, pela pluralidade de gozos.

Há respostas convergentes quanto à compreensão do que seja a posição feminina sobretudo quando se trata de discorrer teoricamente sobre ela. Em alguns depoimentos parece haver certa imprecisão quanto a posição masculina e feminina e homem e mulher. Entendemos que a própria tábua da sexuação dá margem a interpretações ambíguas.

Mas, quando passa a indicar como vê e lida com a posição feminina na clínica, aparecem mais imprecisões e cada um toma uma vertente diferente para indicar essa posição. Porém, todos reconhecem como algo posto na segunda clínica de Lacan que privilegia o real, o gozo, a invenção. Ordenados por essas noções indicam como se portam frente à direção do tratamento considerando as amarrações possíveis, a presença do real no corpo, nos sintomas e, promovendo assim a uma outra postura do trabalho do analista.

Quanto à relação entre a posição feminina e a posição do analista, fica claro que eles reconhecem que há relação embora seja difícil “demonstrar na prática”. Na tentativa de responder eles recorrem a textos lacanianos, para alguns, isto já está posto desde a primeira questão. Para eles não cabe mais restringir a orientação do tratamento pela via do sentido e da significação fálica, com a noção de real a interpretação e a direção do tratamento toma uma outra perspectiva e altera a posição do analista. O interessante é que isso nem sempre está exposto nos depoimentos de cada um, mas é possível ler nas entrelinhas. Talvez seja isso que esteja a posição feminina: algo que se deve ler nas entrelinhas do discurso, no gozo, no corpo e na escuta de cada analista, como também na formação dos analistas.

O recorte aqui apresentado diz de uma oscilação entre uma compreensão teórica e o saber fazer na prática. Encontramos no decorrer uma representação do que seria a posição feminina no ensino de Lacan e verificamos que a mesma não é compreendida de maneira uniforme pelos analistas e, com isso, distintas percepções sobre a relação entre a mesma e a direção do tratamento são colocadas e, nem sempre, trazem uma percepção estabelecida do que seja esta proximidade. Há de certo modo, uma imprecisão quanto à posição feminina e a mulher, muitas vezes colocadas como sinônimos.

Neste trabalho, tentamos focar em três pontos que consideramos importantes na direção do tratamento: a questão da posição feminina, o não-todo e a posição do analista. No entanto, o que constatamos é que nem sempre essas questões podem ser materializadas na análise. O trato delas do ponto de vista teórico, mesmo com diferentes posições, é mais fácil.

De modo a mantermos a vivacidade da Psicanálise consideramos salutar que a partir desta pesquisa outras questões que se apresentam aos analistas no trabalho da direção de um tratamento possam se servir desta pesquisa e, ao mesmo tempo, fazê-la avançar. Assim como também esperamos que essa pesquisa possa suscitar o interesse daqueles que dedicados a investigar conceitos importantes da Psicanálise tanto em Freud quanto em Lacan contribuam para o caminho da formação dos analistas e, consequentemente, fortaleçam a presença da Psicanálise no debate de problemas importantes junto às demandas de sofrimento psíquico.

Referências

Aran, M. (2003). Lacan e o feminino: algumas considerações críticas. *Natureza Humana*, *5*(2), 293-327.

Barros, R. do R. (2012). Da diferença sexual à diferença feminina. *Opção Lacaniana Online*, *3*(9).

Bassols, M. (2022). Fundamentos da Sexuação em Lacan. *Revista Latusa* – Revista de Psicanálise da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, 26.

Bassols,M. (2012). Lo real del psicoanálisis. *Virtualia*, *IX*(25). https://www.revistavirtualia.com/articulos/262/lo-real-en-la-ciencia-y-el-psicoanalisis/loreal-del-psicoanalisis.

Baudini, S. (2003). El psicoanálisis: una práctica a la altura de la época. *Virtualia, II*(7). https://revistavirtualia.com/articulos/686/destacados/el-psicoanalisis-una-practicaa-la-altura-de-la-epoca.

Bessa, G. (2023). Feminino: um conjunto aberto ao infinito. *In* C. Pittella, L. Grossi, M. Mezêncio, M. J. G. Salum e P. Ribeiro, *O feminino no extravio do falo* (pp. 21-34). Relicário.

Bittencourt, A. C. P. & Fontenele, L. B. (2013). Uma análise psicanalítica da compulsão e da impulsão a partir da perspectiva do gozo e do ato. *Cadernos de psicanálise, 35*(28), 183-202. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952013000100011&lng=pt&tlng=pt.

Bonfim, F. (2014). Todo fálico e não-todo: construções lacanianas sobre a sexuação. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *14*(1), 201-213.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812014000100012&lng=pt&tlng=pt.

Borsoi, P. & Mendes, L. R. (2001). Editorial. *Revista Latusa*, 6.

Brodsky, G. (2008). Entre sintoma e devastação. *Entrevários – Revista de Psicanálise e Saúde*

Brousse, M. H. (2019). O buraco negro da diferença sexual. *Cien Digital*, 23. https://ciendigital.com.br/index.php/2019/11/17/o-buraco-negro-da-diferenca-sexual/

Caldas, H. (2013). A fala e a escrita da mulher que não existe. *Opção Lacaniana online*, 4(10). http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_10/A_fala_escrita_mulher_que_nao_existe.pdf.

Camaly, G. (2021). Novas anotações sobre a feminização do mundo e a posição feminina. *In* M. Antelo & I. Gurgel (orgs), *O feminino infamiliar: dizer o indizível* (pp. 268-275). EBP.

Caroz, G. (2019). Momentos de crise. *Curinga*, 47, p. 194-203.

Dafunchio, N. S. (2013). *Seminários: Clínica da Sexuação*. EBP Editora.

Faria, M. R. (2004). O que é uma mulher? Respostas clínicas ao problema do feminino. *Psychê*, 8(13), 101-108. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382004000100009&lng=pt&tlng=pt.

Freud, S. (1893-5). Estudos sobre a Histeria *In* S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Volume II - Edição Standard Brasileira). Imago.

Freud, S. (1900). A Interpretação de Sonhos. *In* S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Volume IV - Edição Standard Brasileira). Imago.

Freud, S. (1920). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. Rio de Janeiro: Imago. *In* S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Imago.

Freud, S. (1932/1965). Feminilidade. *In* S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Volume XXII - Edição Standard Brasileira). Imago.

Freud, S. (1937/1969). *Análise terminável e interminável*. *In* S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Volume XXIII - Edição Standard Brasileira). Imago.

Freud, S. (1972). Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In* S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Volume VIII - Edição Standard Brasileira). Imago. (Texto original publicado em 1905).

Freud, S. (1974). Projeto para uma psicologia científica. *In* S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Volume I - Edição Standard Brasileira). Imago. (Texto original publicado em 1895).

Freud, S. (1976). A dinâmica da transferência. *Obras Completas*. *In* S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Volume VII - Edição Standard Brasileira, pp. 129-143). Imago. (Texto original publicado em 1912).

Freud, S. (1976). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. *In* S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Volume XII - Edição Standard Brasileira, pp. 145-159). Imago. (Texto original publicado em 1912).

Freud. S. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *In* S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Volume XIX - Edição Standard Brasileira). Imago.

Freud. S. (1931). A sexualidade feminina. *In* S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Volume XIX - Edição Standard Brasileira). Imago.

Freud. S. (1972). Fragmento da análise de um caso de histeria. *In* S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Volume VII - Edição Standard Brasileira). Imago. (Texto original publicado em 1905).

Grasseli, C. F. (2006/2008). *Considerações sobre a tábua da sexuação no seminário Mais, ainda de Lacan*. [Dissertação de mestrado]. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. https://bib.pucminas.br/teses/Psicologia_GrasseliCF_1.pdf.

Holk, A. L. L. (2020). *A mulher não existe* Boletim infamiliar, XXIII EBCF.

Kruger, F. (2013). *Abertura do VIII Congresso da Associação Mundial de Psicanálise* (pp. 246-249). AMP/ subversos.

Lacan, J. (1973). *Televisão*. *In* J. Lacan, *Outros Escritos* (pp. 508-543). Jorge Zahar.

Lacan, J. (1985). O Seminário. *In* J. Lacan, *As Psicoses*. Jorge Zahar.

Lacan, J. (1991). O Seminário. *In* J. Lacan, *A Ética da Psicanálise*. Jorge Zahar.

Lacan, J. (1993). [1972-1973]: *Seminário XX. Mais, ainda*. Jorge Zahar.

Lacan, J. (1998). *A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In* J. Lacan, *Escritos*. Jorge Zahar.

Lacan, J. (1998). *A significação do falo*. *In* J. Lacan, *Escritos* (pp. 92-703). Jorge Zahar.

Lacan, J. (1998). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. *In* J. Lacan, *Escritos* (pp. 734-748). Jorge Zahar.

Lacan, J. (2015). *"Nota sobre o pai". Opção Lacaniana*, 71.

Lacan. J. (2009). O Seminário. *In* J. Lacan, *De um discurso que não fosse semblante*. Jorge Zahar.

Landi, E. C. & Chatelard, D. S. (2015). O lugar do analista e a ética do desejo. *Tempo psicanalítico, 47*(2), 156-7. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010148382015000200011.

Laurent, E. (2012). *A Psicanálise e a escolha das mulheres.* Scriptum Livros.

Lima, M. A. C. (2011) A Interpretação nos confins do simbólico. *Curinga*, 32, 145-152.

Maia, A. W. (1999). *As máscaras d'a mulher: a feminilidade em Freud e Lacan*. Rios Ambiciosos.

Mandil, R. (2019). O mestre contemporâneo e o analista. *Curinga*, 47, 82-89.

Marcos, M. C. (2011). *Considerações sobre o feminino e o real na psicanálise.* Psicologia em Estudo, Maringá, v. 16, n. 1, p. 149-156, jan./mar. 2011

Mazzoti, M. (2014). Real. *In* O. Machado & V. L. A. Ribeiro (Orgs.), *Um real para o século* XXI (pp. 313-315). Scriptum.

Mental, São Paulo, n. 2, p. 57-79.

Miller, D. (2013). O A-todo feminino. *In* A. Harari (org.), *A Ordem Simbólica no século XXI.* AMP subversos.

Miller, J. (1993/2010). Mulheres e semblantes II. *Opção Lacaniana Online, 1*(1), 1-25. http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_1/mulheres_e_semblantes_ii.pdf.

Miller, J. (2010). Mulheres e semblantes I. *Opção Lacaniana Online*, *1*(1), 1-16. http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_1/mulheres_e_semblantes_i.pdf.

Miller, J. A. (2001). *Elementos da biologia lacaniana*. EBP.

Miller, J. A. (2004). *Uma fantasia*. Intervenção no IV Congresso da Associação Mundial de Psicanálise realizado na Ilha de Comandatuba.

Miller, J-A & Laurent, E. (2005). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Paidós.

Musachi, B. (2018). Ser Sexuado no século XXI: O que há de novo?. *Lacan Revista*, 21(2).

Otoni, F. (2019). O mestre, não todo. *Revista Curinga*, 47, 10-14.

Rosa, G. N. (2014). O falo, o amor ao pai, o silêncio e o amor no real. *Opção Lacaniana Online*, 15(5).

Salman, S. (2013). *Restos sintomáticos*. *In* O. Machado & V. L. A. Ribeiro (Orgs.), *Um real para o século* XXI (pp. 331-334). Scriptum.

Sampaio, R. S. & Oliveira, D. P. de. (2022). La jouissance: o gozo feminino em Freud, Lacan e na contemporaneidade. *Analytica*, *11*(21), 1-25.

Santiago, J. (2013). O analista e as desordens no real do sexo no Século XXI. *Revista Curinga*, 36.

Silva Neto, E. A. Os lugares do analista no ensino de Lacan. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Rio de Janeiro. https://teopsic.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/06/Os-lugares-do-analista-no-ensino-de-Lacan-Dissertacao-Erly-Alexandrino-da-Silva-Neto.pdf.

Sinatra, E. (2006). Real Nome-do-pai. *In* Associação Mundial de Psicanálise (AMP), *Scilicet dos Nomes do Pai*. Textos preparatórios para o Congresso de Roma. AMP

Souto, S. (2017). O inconsciente e o mestre contemporâneo: O que pode a transferência? *Revista Curinga*, 45, 180-189.

Ventura, O. (2014). *Sexualidade (novas formas). In* O. Machado & V. L. A. Ribeiro (Orgs.), *Um real para o século* XXI (pp. 352-354). Scriptum.

Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado para participar da pesquisa A POSIÇÃO FEMININA NO ENSINO DE LACAN E SEU MANEJO NA DIREÇÃO DO TRATAMENTO ANALÍTICO, como parte da dissertação de Mestrado do Programa de Psicologia Clínica da UNICAP.

Você foi selecionado de acordo com os critérios de inclusão citados no projeto, a saber: 1. Psicanalistas com mais dez anos de experiência clínica 2. Profissionais que pertençam a instituições de formação de analistas orientados pelo ensino de Lacan 3. Psicanalistas de ambos os sexos 4. Psicanalistas pertencentes a instituições psicanalíticas nos Estados da região Nordeste.

Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo ao pesquisador ou a instituição.

O objetivo principal deste estudo é compreender a noção de posição feminina no ensino de Lacan e o seu manejo na direção do tratamento na clínica psicanalítica atual. Para tanto pretendemos situar no ensino de Lacan o que se define como posição feminina e a sua relação com a posição do analista; localizar os aspectos presentes na direção do tratamento e a participação destes no desenrolar da experiência analítica; identificar, considerando a direção do tratamento, como se maneja no campo transferencial a posição feminina com seu gozo suplementar, não mais regido pelo gozo fálico.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista semiestruturada, que será agendada quando consultada para sua participação.

Entendemos que os riscos serão mínimos uma vez que o foco das entrevistas será a prática clínica e não sobre sua vida pessoal. Mesmo assim entendemos que possa haver algum constrangimento ao tratar de sua clínica. Conforme contato anterior, foi informado o objetivo da pesquisa e abordamos a sua disponibilidade em falar sobre o tema que está relacionado a sua clínica. De todo modo, sinta-se livre para interromper a entrevista ou não querer responder alguma questão. Ao final da transcrição de sua entrevista retornaremos para que possa ler e fazer algum reajuste, caso ache necessário

De modo a zelarmos com esta etapa do trabalho cuidaremos com o rigor e ética presentes na prática clínica para conduzirmos a entrevista, para você possa ficar à vontade para discorrer sobre o que entendeu a respeito do que lhe indagamos. Buscaremos cumprir com o tempo anteriormente agendado, sua identificação será secreta, a partir de um nome fictício que lhe será proposto e garantiremos que as informações serão incineradas após a análise de dados para evitar as possibilidades de vazamento.

Ressaltamos ainda que os dados serão divulgados apenas em eventos ou publicações científicas na área, e como mencionado de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possa identificá-lo.

Com relação aos benefícios, ressaltamos que não há benefícios diretos aos participantes, mas entendemos que a sua contribuição nos ajudará a refletir sobre a clínica atual da psicanálise, mantendo viva psicanálise enquanto campo teórico e clínico, de modo a avançar sobre as questões diversas implicadas no processo de formação dos analistas de orientação lacaniana e fortalecer a pertinência da psicanálise enquanto teoria que ao se debruçar sobre a investigação do psiquismo humano, pode ajudar a pensar acerca das manifestações de mal-estar que acometem aos sujeitos no momento atual.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL (ORIENTADOR).

_____

Prof.ª Dr.ª Edilene Freire de Queiroz

Endereço: Universidade Católica de Pernambuco, R. do Príncipe, 526 - Boa Vista, Recife - PE, 50050-900

Telefones: (81). 3268-5482 / (81). 99698-7978

DADOS DO PESQUISADOR ASSOCIADO (MESTRANDO).

_____

Ana Aparecida Rocha

Endereço: Universidade Católica de Pernambuco, R. do Príncipe, 526 - Boa Vista, Recife - PE, 50050-900

Telefones: (84). 9.9983-9874

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na Rua do Príncipe, 526 – Boa Vista – bloco G4 – 6º andar, sala 609 – CEP 50050-900 - RECIFE – PE – BRASIL. telefone: (81)2119-4041 ou 2119-4376 – endereço eletrônico: cep@unicap. br - Horário de funcionamento: 8h às 12h e das 13h às 17h - segunda a sexta-feira.

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

Recife, _____ de _____ de 2023.

_____

Assinatura do PARTICIPANTE DA PESQUISA

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP

SRTV 702, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte

CEP: 70719-000 - Brasília-DF

Anexo II - Roteiro para entrevistas

1.Identificação

Nome

Sexo

Idade

Instituição a que pertence há quanto tempo atua?

2**. Fale um pouco sobre sua formação**

Por que escolheu a psicanálise em sua formação?

O que (o)a levou escolher a abordagem lacaniana?

3, **Questões:**

3.1 Como compreende a posição feminina no ensino de Lacan?

3.2 Você percebe em sua clínica, manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado à posição feminina segundo o ensino de Lacan?

3.3 Como se daria no seu trabalho como analista o manejo da posição feminina na direção do tratamento na atualidade?

Anexo III - Transcrições das entrevistas

Entrevista 1

Entrevistadora: como você compreende a posição feminina no ensino de Lacan?

Entrevistado: O que eu acho, Ana Eu estava inclusive ontem lendo, *A intervenção do Paul Preciado* num congresso da escola da causa freudiana de 2019. Porque a M. ligou pra mim e disse: "ah é maravilhoso, é maravilhoso", eu falei "M, eu já li aquilo e achei que ele assim, de psicanálise, ele não entende p. nenhuma". Aí eu fui reler e a M achou maravilhoso. Qual é o grande equívoco do Paul Preciado? É porque ele acha que masculino e feminino é um gênero, quer dizer, é um sexo. E que a psicanálise lida com o masculino e feminino, como o google acha o que é masculino e feminino e, no entanto, Lacan ele precisou mais. Mas quem descolou o masculino e feminino desse modo que o google pensa o que é masculino e feminino, foi Freud. Feminino e masculino pra Freud, não tem nada a ver com homem e mulher. Nada a ver. São posições subjetivas que transcendem anatomia, que transcendem gênero. Só que Freud não tinha, como ele não trabalhava com a linguagem, ele não foi mais adiante. Lacan pôde fazer uma precisão maior a esses conceitos por conta do trabalho dele com o simbólico, com a linguagem, com o real e com o imaginário. Como outro dia eu estava discutindo com o grupo. O texto que a gente estava discutindo tinha aquela frase famosa do Freud: "A anatomia é o destino", o Preciado acha o que, que Freud está dizendo o que? Que o Freud está dizendo que se a pessoa nasce com o pênis ela vai ser homem e com xoxota vai ser mulher. Não é isso que Freud diz, de jeito nenhum. Freud tem um texto primoroso que se chama *Algumas Consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos.* O que que ele quer dizer neste texto? Não há como não haver consequências psíquicas a partir da anatomia de cada um, isso não define a posição sexuada porque as consequências psíquicas podem ser várias. *Joana, transsexual* é um livro que tem, bem interessante, era um homem e que no final da vida, aos 80 anos ele fez a cirurgia de ablação do pênis e ele disse que desde criança ele tinha horror ao pênis dele. Ou seja, qual foi a consequência psíquica pra esse sujeito de ter um pênis? Foi ter horror. Então é essa consequência psíquica que vai determinar a posição sexuada. É claro que

como ele tinha horror ao pênis, ele não foi ser homem. Ele se dizia lésbica, porque ele fez ablação do pênis, tentou ter relações com homens e não gostou e gostava de ter relação com mulheres. Ele falou "Não, eu sou lésbica". É um homem falando. Então, o Freud não conseguiu dar uma formulação mais consistente dessa coisa. Aí, o Lacan vem e escancara tudo.[...] não tem como nós simbolizarmos o nosso corpo de uma maneira única. Cada um vai simbolizar do jeito que contingencialmente vai acontecer e é essa simbolização, essa consequência psíquica que vai determinar a condição sexuada do sujeito.

O Paul Preciado, ele não acha isso. Ele acha que o Freud entende que quem nasce com pênis é homem, se nasce com xoxota é mulher, não é nada disso. Quer dizer, a escolha sexuada, ela se dar por uma razão simbólica mesmo de uma maneira como o sujeito significantiza o seu corpo. E pode significantizar das mais diferentes maneiras, por isso que eu acho que existe um sexo para cada sujeito. Nunca você vai encontrar dois sujeitos com o mesmo sexo, com a mesma posição sexuada, melhor dizendo. Então, eu acho que um dos conceitos mais difíceis de se entender em psicanálise é o conceito de feminilidade. Porque ele, é como o Lacan diz: a mulher tem uma maior... como é que eu diria, uma maior simpatia pelo real. Não é toda a mulher. Se pegar Margareth Thatcher, pelo amor de Deus, ela não deveria ter nenhuma simpatia pelo real porque ela era um homem. Então essa maior afinidade com o real, eu estou vendo no *Seminário 10*, o Lacan comenta um texto da Luci Tower mostrando como que as mulheres são mais sensíveis ao desejo do Outro, elas não estão tão atrapalhadas com o falo e mas é claro que algumas mulheres ficam muito atrapalhadas com o falo, então esse conceito de feminilidade é um conceito que aproxima mais o sujeito do real. O falo aproxima mais do simbólico então por isso, o masculino, o fálico tem mais afinidades com o simbólico e o feminino mais afinidade com o real. Mas isso não quer dizer que sejam homens e mulheres. Do contrário, pode ser. Mas eu acho que é um conceito precioso da psicanálise, um conceito de feminino, o feminino na psicanálise**.** É como Freud diz: No inconsciente só tem um sexo, é o falo. A mulher não existe, nem pra Freud. A afirmação do Lacan "A mulher não existe", não existe porque é real. Ela é equivalente ao fato que Freud fala que a vagina é desconhecida. A vagina não existe para as crianças. Por isso é que eles fracassam na tentativa de entender como é que as crianças nascem. Cada um na sua época, com os recursos que tinham, eu acho que falava a mesma coisa.

Entrevistador: Você percebe em sua clínica manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado a posição feminina segundo o ensino de Lacan?

Entrevistado: Olha, eu consigo, inclusive em homens. Não homossexuais, homens hétero. Quer dizer, eu consigo ver isso em homossexuais, em homens heterossexuais e em mulheres também. Como também consigo ver uma reivindicação fálica imensa em algumas mulheres. Quer dizer, uma recusa do feminino muito grande. Mas isso é bem palpável na clínica. Que eu acho que também tem as afinidades do quanto o sujeito pode suportar a falta. O quanto ele é capaz de lidar de uma forma não neurótica com a falta. Eu não sei se você conhece um recurso que o Freud usava logo no início quando tinha aquela discussão o que que era herdado e o que que era adquirido, ele usou um recurso que eu acho um recurso precioso que ele chamava de "séries complementares". Então, é uma, como é que eu diria...imagine um retângulo sem o comprimento de cima, o retângulo aqui, isso aqui, está vendo? Este eixo aqui e esse aqui vamos chamar de masculino e de feminino, então cada sujeito, essa linha debaixo é onde o sujeito se localiza. Então o sujeito que está localizado nessa linha daqui, nesse aqui, nesse tracinho, ele tem isso daqui de feminino e isso daqui de masculino. Então dependendo da posição do sujeito nessa linha, ele vai ter um tanto de masculinidade e um tanto de feminilidade de modo que não existe o masculino puro e nem o feminino puro. Então essa linha tem infinitos pontos, então são infinitas sexualidades constituídas de diferentes maneiras. Então, qual que é a pergunta mesmo?

(questão repetida para ela).

Então eu consigo nem sempre identificar mais ou menos em que ponto nessa reta ela se encontra, então ele pode essa pessoa daqui pode ser um homem, pode ser uma mulher que tenha um pouquinho de feminino e muito de masculino e [...]. Esse é o sujeito A, esse é o sujeito B. Aqui é masculino, esse aqui é feminino, o sujeito B já é totalmente diferente. Então não existem duas sexualidades iguais, porque a maneira como cada um vai subjetivar sua anatomia é totalmente singular. Então e a gente percebe isso na fala dos pacientes, você percebe como ele lida com o real que aparece, com o qual se esbarra na vida. Enfim, eu tive uma cliente homossexual por exemplo, uma mulher, que ela era extremamente fálica, mas extremamente fálica, apesar do que do ponto de vista fenotípico, do ponto de vista do fenômeno, ela era bem feminina, mas ela tinha um discurso completamente fálico. Quer dizer, o protesto masculino alí estava a mil por hora. Então é, você ficar atento, quer dizer, eu acho que a melhor bússola é como que o sujeito lida com a falta, com o desejo, com a falta, como que ele vai se virar com essa coisa.

Entrevistador: Como se daria no seu trabalho como analista o manejo da posição feminina na direção do tratamento na atualidade?

Entrevistado: Eu acho que a decifração tem o seu lugar. Você, quer dizer, a decifração do inconsciente, ela vai bater no furo. Nesse furo, custa muito o sujeito acabar se deparando com isso e aí o trabalho é de outra natureza, é muito mais de criação mesmo. Não mais de decifração. Eu tive uma cliente que ela falava uma coisa que achei ótima, ela muito inteligente, ela não era psi, e aí ela dizia assim: "muito interessante, a análise é como se a gente tivesse descascando uma cebola, camada por camada. Será que quando descascar toda eu vou encontrar o meu verdadeiro eu?" Eu cá com meus botões, não falei nada. Aí assim, uns dois, três anos depois ela pega e diz assim: Eu estou achando que depois que descascar essa cebola não vai ter nada lá. A descascação da cebola é a decifração do inconsciente, mas vai chegar o momento que não tem nada lá. Você vai se deparar com o furo mesmo e é isso, quer dizer, eu acho que o grande desafio do psicanalista é nós não sabemos, não há uma receita, não há teoria que nos diga o que que a gente pode fazer pra que aquele sujeito acesse o seu objeto *a*.É na base da invenção. Sendo que você não tem como dizer pra ele: faça isso, faça aquilo, porque não há. Nem mesmo a gente sabe como fazer isso com o nosso objeto *a*. Quer dizer, o objeto *a* ,eu acho que o encontro com o objeto *a* é algo da contingência mesmo. Não é como aquela coisa do verso budista: "como mandar uma palavra, por um caminho onde a carruagem da palavra não encontra trilhos por onde seguir?" Então o verso budista continua "a seus questionamentos oferece-lhe o silêncio e o dedo apontando o caminho". Quer dizer, eu acho que [...], por isso que analisar é impossível, é uma profissão impossível, impossível e eu tenho descoberto ultimamente na minha análise que o analista não está lá para decifrar nada. Pelo menos eu já estou no vigésimo e sei lá quanto ano da análise, evidentemente que decifração já não é a conduta mais aconselhável. O analista tem que está lá pra que você solte o seu discurso, passe em volta dele e esse discurso volte. E essa coisa, algo do objeto *a* se presentifica aí. O analista é um catalisador, o catalisador no sentido químico mesmo. Aquela substância que tem que estar presente para que a reação aconteça, mas que não se altera com a reação, nem se modifica com a reação. Enfim, então essa questão depois do segundo ensino "ah não decifração do inconsciente!" o Lacan num dos seminários dele falou e eu não me lembro qual é, ele diz que nas supervisões ele ficava espantado de ver o quão pouca decifração do inconsciente havia nas supervisões que ele fazia. Ele ficava espantado com isso, então tem que haver mais porque esse é o descascar da cebola pra poder chegar lá no núcleo que não tem nada.

Entrevista 2

Entrevistador: como você compreende a posição feminina no ensino de Lacan?

Entrevistado: Vou voltar um pouco. Tudo que eu falar aqui sobre a posição do feminino você pense também na formação do analista e na Escola de Lacan. Mas, assim: qual é uma das grandes contribuições do Lacan ao meu ver pra teoria Psicanalítica e evidentemente para a clínica, a Psicanálise em intenção. É que Freud foi até onde pôde. Então, no que diz respeito ao feminino, a famosa expressão dele *o que quer uma mulher*, as outras (expressões freudianas). o rochedo da castração onde ele teria esbarrado, na questão da análise finita e infinita, as próprias saídas da feminilidade que Freud coloca, e coloca acertadamente dentro do que ele tinha ali, são todos limites vamos dizer assim. Quer dizer o rochedo da castração como o limite de uma análise, aí o Freud vai pensar, a finitude e a infinitude de uma análise, no sentido mesmo do limite matemático. Vamos dizer assim que Lacan vai retomar e você tem as três saídas que Freud vai dar para a feminilidade como a histeria, o complexo de masculinidade, e a maternidade. Se você olhar tudo isso acabam sendo respostas no campo fálico. E o próprio Freud, não vou lembrar agora qual é o texto, se é nos *Três Ensaios* ou se é um daqueles textos dele em torno dos *Três ensaios.* Quando ele diz que algo do recalque, quando ele diz que algo não sucumbe ao recalque, uma espécie de moção pulsional que o recalque não resolve, ele tá falando ali também de um além. Então, me parece que o Lacan vai conseguir avançar nisso a partir do conceito dele de real e avançando sobre a teorização dele sobre o gozo. Ao tomar, ao propor o gozo fálico e o gozo não todo fálico, o Lacan abre aí uma perspectiva teórica e clínica muito grande, que é como se ele dissesse olha, há algo ali, há uma posição aí que ela é, ao mesmo tempo, fálica e não fálica. É uma lógica que é do quadro da sexuação, é uma lógica que ele vai dizer, discordancial, eu acho que ele diz. A expressão é essa. Está no seminário XVI. É o nem nem. O nem nem sem excluir. Ela é uma e outra. O que é diferente por exemplo porque Lacan quando usa o gozo do ser e o gozo do Outro em várias acepções e, às vezes confunde. Você tem o gozo do ser numa perspectiva mítica da Coisa, do objeto perdido, essa de recuperar essa perda, vamos dizer assim, a expressão não é a melhor, mas aquém da castração, você tem a castração como essa cifra de gozo, como esse enxugamento de gozo pelas malhas

significantes. Portanto, nós estamos no campo do Outro, do simbólico, do pai e, tem algo que tá além, tá nisso e além disso. Que é não simbólico, mas não é esse gozo do ser que taria também na psicose. Tanto é que ele vai escrever o gozo outro no nó borromeano aqui em cima, sem passar pelo simbólico, imaginário e real. Então, ele está falando de alguma coisa que está além simbólico né? Então, em linhas gerais, é essa uma das grandes contribuições de Lacan. Ao mesmo tempo de revigorar esse pensamento freudiano que estava sucumbido aí no biologicismo ou enfim, e muitas vezes num machismo e pra uma outra coisa. E aí isso vai de mãos dadas com a significação do falo e todo o percurso do falo no ensino de Lacan, né, que vai lá da significação do falo até os anos 70. Enfim, é isso. Em linhas gerias é isso.

Entrevistador: você percebe em sua clínica manifestações daquilo que poderia dizer tratar-se de algo ligado a posição feminina segundo o ensino de Lacan?

Entrevistado: Olha, vamos devagar. É claro que sim. Porque uma análise ela é uma experiência de perda. Quando Lacan fala "perda de gozo" é pra que se possa de algum modo, [...]ao final de uma análise, [...]estar no horizonte para o sujeito que, o Outro absoluto não existe, o gozo absoluto não existe. E que ao sair dessa queixa de que ele não goza e de que ele não vive porque o outro impede, ele se reposiciona nisso. Quando eu estou lhe falando isso estou falando indiretamente dessa travessia da fantasia e desse campo fálico para uma outra posição. Quer dizer, não é que o amor desapareça, mas o amor é vivido de uma outra forma que não aquela de uma certa suplência do inexistente pela via do mais de gozar. Então eu não vou aqui lhe colocar, dizer exemplos clínicos por uma questão ética também. Mas nem sei o que pensar, eu não posso responder também só em tese. Queria poder falar mais disso assim. Mas a gente tem que levar em conta de que, por exemplo, tanto a fantasia como algo do gozo são respostas, não quero dizer respostas, mas são recursos e anteparos ante ao real. Certo? E que de algum modo admita essa possibilidade de recuperar o objeto perdido, de que há o objeto, certo?

Por isso que a gente fala dessa travessia, da queda disso e das identificações. Tudo isso que estou lhe dizendo ao meu ver estão implicados também com a ideia do Lacan de que a análise feminiliza. Neste sentido de assunção da castração e de fazer uma outra coisa com isso, de poder legitimar esse real sem recorrer ao sintoma ou a tanto sintoma, mas há um saber fazer outro, talvez há um desejo de saber que não seja o desejo de amor de tamponamento. Então isso eu lhe diria que é constante na clínica, é um trabalho constante isso. A gente verifica constantemente nessa perspectiva. Embora de modos diferentes, ela sempre está na clínica, Se

estamos falando da neurose, mesmo quando nós não estamos falando da neurose, nós estamos levando em conta uma outra posição frente a esse real, do sexual, da morte, né? Então o fálico é uma delas.

Entrevistador: Como se daria no seu trabalho como analista o manejo da posição feminina na direção do tratamento na atualidade?

Entrevistado: Ana, vamos lá. Essa história do manejo eu vou lhe responder assim, é o que está me ocorrendo agora. Vamos voltar uma coisa. Eu lhe disse que a formação do analista e uma análise ela está fortemente marcada pela lógica do não todo, né isso? Então, a cada análise, a psicanálise se renova, se ela é levada a cabo, se ela é levada dentro de uma ética, ela renova a psicanálise. E se a gente pensar em termos de escola, o passe está alí pra isso. O dispositivo do passe, certo? E que é um dispositivo de transmissão. E o que é que se transmite? É uma falta. Algo de uma falta. Que é o que se transmite também em qualquer análise, certo? Então, esse manejo, porque que eu fiz essa volta? É porque ele retoma aquela coisa. Não dá pra gente falar em tese no caso a caso, o que é que nós temos em tese? Vamos dizer assim, as balizas de uma análise, nós temos a estratégia, não é isso o que Lacan fala na direção do tratamento? Nós temos a estratégia no que diz respeito a transferência o saber que está do lado do analisante portanto por isso que na estratégia que é onde o Lacan fala que o analista está menos livre, que ele depende da transferência, que é do analisante. Ele vai estar alí como um semblante de objeto, olha aí o feminino aparecendo, o não todo, certo? A tática é onde o analista, a interpretação, as diversas modalidades, o corte, enfim, é onde a gente está mais livre, mais ainda sim marcado por uma política, que é qual? A política da falta a ser, é porque a neurose é uma paixão pela ignorância, é um horror ao saber e ao saber da castração. Então todo o manejo passa por isso aí, claro, sendo atualizado, afinado e sintonizado no caso a caso, certo? E aí nós precisaremos entrar para outras questões assim do amor, sobretudo. Por que veja, o que é que o Édipo fornece? É semblante. Um menino sai, como é que o Lacan fala, com a sua identidade no bolso forjado(...)). e a menina, não. A que que ela acede com o Édipo? A mascarada que está no campo fálico. Então todo o manejo vai passar nessa travessia por uma queda das identificações. [...] chama isso de identidade de análise e vai chamar uma outra no final, a identidade real, que é uma identidade após essa travessia, após essa feminilização que está pra cada um e pra todos. E que leva a cabo uma análise. E se está do lado do analista, é pautado por isso que eu acabei de dizer. Obviamente que Lacan vai avançar muito aí por exemplo, a partir do seminário 20 cujo a tese é em matéria de amor, o sexo não conta, e vai avançar muito aí, vai nos permitir

pensar e se posicionar e teorizar de muitas formas. Quer dizer, as respostas à insuficiência você encontra no sintoma, você encontra pela via do mais de gozar e encontra no amor, nas diversas formas do amor.

Então a gente está escutando a partir daí desse lugar e quando eu falo isso é sempre com muito cuidado porque eu não posso, o analista é uma função que a gente ocupa e que está submetida a essas balizas que eu lhe falei: a política, a tática e a estratégia de alguma ética do bem dizer. Então isso serve para as neuroses, como serve também para esse manejo que você chamou de feminino. E em outras palavras o que estou lhe ponderando é que pra eu lhe dizer caso a caso, eu teria que lhe falar de alguns casos e eu não tenho como lhe falar aqui. Tanto porque eu estou falando de bastidor e eticamente eu não poderia fazer esse trabalho mais detalhado. Mas, acredito que tenha lhe falado aí das balizas e das referências principais. Só mais uma coisa, quando eu lhe falei do amor é porque ele franqueia e pra mulher ele franqueia, aí é que está, caso a caso, ele franqueia o acesso ao desejo sexual ou de outro modo, faz um anteparo e fica naquela satisfação da fantasia pelo amor sem o sexo, aí são muitas possibilidades. Então é nesse estranho que a gente está mexendo e que seu trabalho certamente vai avançar.

Entrevista 3

Entrevistadora: como você compreende a posição feminina no ensino de Lacan?

Entrevistada: É bom, eu acho que ela é bem ancorada, né? Ela é ancorada melhor dizendo, ela tem uma base sólida de partida no texto de Freud, né? Na sexualidade feminina e na feminilidade, em que Freud meio tropeçando, mas já diz assim que é mais do que a mulher, é de uma posição. Então acho que a compreensão lacaniana dá uma sustentação de que nascer com órgão genital não é destinto, ele proporciona a diferença né? A partir disso o sujeito vai e se apropria da posição que ele toma pra si. Então eu entendo que essa posição feminina é de uma posição que tem uma marca fálica, não necessariamente ela é fálica, mas ela é marcada por uma posição, por algo que impõe a esse sujeito se a ver com a falta. Não sei se eu falei, mas é um pouco do que me vem agora. Acho que também uma vez que tem essa marca, uma vez que o sujeito precisa se apropriar de alguma forma eu acho que há uma possibilidade de um saber fazer com essa falta de um outro modo assim. Eu acho que a esse sujeito, dito feminino né? É quase que imperativo em saber fazer com a falta assim, senão o sujeito se atrapalha na vida completamente. Ele precisa aprender se a ver com isso. Necessariamente assim. Ou se não, ele vai se atropelando assim. Em razão de se deparar com isso.

Entrevistadora: Quer falar mais alguma coisa sobre essa questão?

Entrevistada: Não por hora não.

Entrevistadora: Ok.

Entrevistadora: você percebe em sua clínica, manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado a posição feminina segundo o ensino de Lacan?

Entrevistada: Não entendi muito bem.

Entrevistadora: Vou repetir. Você percebe em sua clínica, você como analista, manifestações nas situações que você acompanha nas análises, ou melhor dizendo manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado, relacionado à posição feminina segundo o ensino de Lacan?

Entrevistada: Sim. Inclusive mulheres que não ocupam essa posição. Eu acho que isso já me deparei. E se tratar de um momento clínico, de uma situação que nos requer inclusive um manejo mais delicado porque em geral vão ser mulheres que têm mais dificuldade em se a ver com a falta. Vão ser sujeitos que tem dificuldade inclusive, as vezes, de deslizar assim metonimicamente, se a ver com o próprio desejo, talvez, porque vem muito mascaradas. Então eu acho que a gente vê a não posição feminina em algumas mulheres e também doações por exemplo de homens que ocupam uma posição feminina e que às vezes inclusive são casos difíceis porque tem alguns elementos que nos fazem às vezes até titubear se a gente não cuida, até tem gente que pode ter mais dificuldade no diagnóstico, diferencial por exemplo de estrutura, em razão de estarem numa posição feminina assim sabe? Enfim eu acho que são, é eu poderia assim de cabeça pensar já ter me deparado com esses dois modos de funcionamento na minha clínica. Que aí fazem com que a gente possa escutar de uma outra forma porque escutar mulheres numa posição feminina é um pouco mais comum, é um pouco mais frequente eu diria né? Mas ver essa posição diferente tanto em alguns homens quanto ver mulheres que não ocupam essa posição, nos colocam num trabalho cuidadoso inclusive.

Entrevistadora: Como se daria no seu trabalho como analista o manejo da posição feminina na direção do tratamento, da experiência analítica, na atualidade?

Entrevistada: O manejo da posição feminina...

Entrevistadora: Vou ler pra você a questão devagar. Como se daria no seu trabalho como analista o manejo da posição feminina na direção do tratamento da experiência analítica na atualidade?

Entrevistada: Então, não sei se a gente poderia dizer, fico pensando isso que eu pedi pra você repetir nesse manejo de uma posição né? Mas eu acho que no manejo do que a gente escuta desses sujeitos que talvez operem desse lugar, funcionem desse lugar, talvez nos convoque a primeiro pensar numa pluralidade hoje e de uma escuta que não nos engesse, porque alguém que ocupe uma posição, pareça ocupar uma posição não quer dizer que essa pessoa ocupe para todo o sempre, amém, ou já tenha ocupado para todo o sempre essa posição né? Eu acho que

esse é o primeiro manejo, primeira percepção, primeiro cuidado em termos de manejo que é o mesmo cuidado quando a gente considera o diagnóstico diferencial de estruturas por exemplo. Então assim parece que neste momento a partir desse modo de se posicionar desse discurso esse sujeito parece ocupar determinada posição, então eu acho que primeiro de tudo é considerar que a gente tem uma pluralidade né, uma pluralidade que os sujeitos são plurais independente da orientação sexual, independente do reconhecimento de gênero, de saída, sujeitos diferentes e que hoje a gente tem essa pluralidade de identidade que faz com que o sujeito vá se apropriando e possa se posicionar de um modo mais recorrente mas não quer dizer que de forma engessada. Então acho que estar atento a essa diversidade do mundo e essa pluralidade de discursos, narrativas e identidades faz com que a gente esteja mais advertido para as possibilidades que se apresentam na nossa clínica. Acho que essa é um primeiro ponto. O primeiro ponto é estar atento à esta diversidade. O segundo ponto é essa concepção de que ninguém é engessado a vida inteira num determinado modo de funcionamento, em que ele pode mudar, mas ou ele está de um movimento mais sintomático que pareça ser de uma posição ou daquela. Então eu penso que são duas advertências necessárias na clínica.

Entrevistadora: Isso lhe lembra o regime não todo?

Entrevistada: Sim, acho que sim, acho que a gente poder pensar, né? Eu acho que aí quando você teve me perguntou, você sobre Lacan eu acho que toda a essa concepção da tábua da sexuação de Lacan, dos sujeitos todos não todos e que de alguma forma não há um todo uniforme e que há exceção, ela é regra. Eu acho que são advertências necessárias. E penso também que é um tópico lacaniano que a gente precisa estar em dia. Precisa estar ali presente nessa perspectiva.

Entrevista 4

Entrevistadora: Como você compreende a posição feminina no ensino de Lacan?

Entrevistado: Agora, no momento, um dos grupos que eu participo no Círculo, a gente está estudando no momento o seminário 5 de Lacan. Tem um grupo que a gente está estudando o seminário 5: formações do inconsciente e, no outro grupo de estudo, no ano passado, nós terminamos de estudar o seminário 19, estamos no seminário 20. Por que é que eu estou dizendo isso? Pra mostrar como estes dois tempos temos um Lacan contado também lá, principalmente no seminário 5, nas insígnias do falo, a menina e o falo parece o título do capitulo, temos todo um trabalho voltado para desenvolver com Lacan a posição feminina, retomando os ensinamentos freudianos, da inibição e da lógica fálica, localizando numa perspectiva da lógica fálica, no sentido que a gente vai ver em Freud ainda o interessante desse paradoxo, uma origem do pensar sobre o masculino e o feminino, mas trazendo a noção da biologia, tem aí um pênis e um clitóris, essa questão da biologia aparece, mas, ao mesmo tempo tentando se afastar e ao mesmo tempo aparecendo.

Entrevistadora: (Isso. Não sem ele, não sem essa referência, não só com ela, mas não sem ela.).

Entrevistado: E isso a gente observa lá no outro seminário 5, é a minha leitura, é uma leitura que estou tendo agora, mas que vemos também aí Lacan comentando sobre o Édipo e a castração em Freud, mas também se localizando, o que é a forma dele, o estilo, dando um percurso, fazendo o seu percurso, sob o que seria essa, a questão da posição feminina. Mas temos a perspectiva fálica, ela aparece bastante, a perspectiva da dimensão fálica não é mais pênis, é o falo, quem tem e quem não tem. E o que é que acontece, em relação a esse tempo de

Lacan, nós temos aí, e aí como ele fazia uma reflexão crítica também, como essa referência ao pai da menina, a saída do Édipo e a castração, a respeito da castração, do Édipo, como a insígnia do pai, a referência ao pai, para a posição em relação aquilo que o pai, dirigindo-se ao pai, buscando aquilo que o pai teria a ofertar. Inclusive em Freud seria até a mulher buscando um filho, né? A gente sabe disso, mas o que eu quero chamar atenção, é que nós aí uma lógica ainda, embora bastante interessante de se pensar, mas que marca a posição feminina, com uma questão assim, onde a dimensão fálica permanece aí. A dimensão fálica, do falo, de quem tem e quem não tem, o que é que eu acho, até onde a minha leitura, não tenho uma pesquisa, estou falando aquilo que está me tocando em cima da leitura. O que é que acho da perspectiva lacaniana que avançou muito nesta questão da dimensão da posição feminina. Primeiro, pensar e nós sabemos disso, que a posição feminina diz respeito a homens e mulheres, não é uma questão de ser homem ou mulher, embora no que diz respeito a literatura, a literatura fala: posição feminina! Posição masculina! Mas é o homem e a mulher! A gente vê muito isso nas produções, né? O homem e a mulher, mas o que eu acho que avançou no meu ponto de vista, principalmente no segundo ensino, a partir do seminário 19, da questão do há Um, da referência, da existência do Um e aí entrando no seminário 20 com a questão do "mais, ainda" é que com a lógica da sexuação ,é que a posição feminina, no lado masculino e feminino, a posição feminina nesse não todo submetido a castração é nessa questão, me parece que abre possibilidades outras, muito interessantes, de se pensar destinos do sujeito, destinos diversos do sujeito e abertura para a pluralidade. Não é mais aquela referência fálica "eu não tenho pênis" ou quem tem. Colocando a exceção do lado do todo do homem, da referência falida, do todo, que teria um universal e um excluído, ele estaria excluído e faz parte do lado, na lógica da sexuação, do lado masculino, mas esse outro que é o da posição feminina, que é do nãotodo submetido a castração. É nessa dimensão que parece muito interessante para pensar os destinos do sujeito, seja homens, mulheres, trans e etc. Quer dizer, na medida que a posição feminina, ela abre para esse aí, para uma dimensão da alteridade, da dimensão com uma feminilidade, com uma fenda aberta as alteridades, as diferentes possibilidades. Então esse nãotodo submetido a castração me parece uma noção muito interessante para se pensar, em Lacan a posição feminina, sabe, não nega a dimensão fálica, quer dizer, não é negar, mas há outro destino possível para homens e mulheres. E eu fico pensando também que é o lado, esse lado da sexuação, essa posição do lado feminino, podemos pensar nisso que eu estava acabando de dizer, nas diferentes formas de se enunciar como sujeitos, o que nós sabemos desse lado, cada um é contado um a um. A mulher é contada uma a uma, na singularidade, uma a uma, uma exceção, é todo uma a uma.

E nesse sentido abre então essa teorização lacaniana, faz então a gente pensar. Primeiro, que é uma posição que remete a possibilidades de ser contado um a um, a singularidade e o destino de cada um, são destinos que remetem, porque é singular as diferentes formas de se enunciar sujeitos e aí a gente pode atentar a questão dessa lógica do lado feminino, como a lógica, aquilo que a gente vê na cultura contemporânea, a questão de gêneros, das possibilidades de gêneros, as possibilidades de ser sexuado. Isso é uma questão.

A outra questão também da posição feminina que me faz pensar, além também, somando a isso que eu estou falando em Lacan é exatamente desde lá, na questão do corpo, o corpo, aliás, o outro como corpo e um corpo de se goza dele é a noção de gozo e a noção de real. Então se tem um corpo que é a substância gozante, um corpo que goza dele mesmo, é deste lado também que eu vejo as diferentes formas do sujeito gozar e aí é uma posição que abre a perspectiva de pensar na singularidade de gozo, quer dizer, ela sai dessa dimensão da lógica fálica, do lado masculino para pensar as diferentes dimensões de possibilidades de gozar e o corpo não é mais agora uma relação com o grande Outro, que a gente ta pensando aqui, mas é a dimensão do gozo com o corpo.

Eu acho que aí também tem algo da posição feminina.

Entrevistadora: Você percebe em sua clínica manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado a posição feminina segundo o ensino de Lacan?

Entrevistado: Se eu percebo que na minha clínica alguma coisa que esteja acontecendo façam uma certa ligação com...

Entrevistadora: A nível dos sintomas contemporâneos, né? Das queixas, dos discursos, dos corpos, na sua clínica você consegue perceber, vislumbrar mesmo que ali realmente tem algo que lembra a posição dos sujeitos como você muito bem colocou nessa pluralidade, nessa diversidade? O que que se apresenta pra nós enquanto analistas hoje na nossa clínica atual?

Entrevistado: Eu penso o seguinte que sim, sem dúvida eu acho que isso que eu acabei de falar anteriormente é uma grande contribuição pra gente ir se virando diante dos novos sintomas diante, dizendo assim, dessa trajetória da sexuação dos sujeitos contemporâneos né?

Dos destinos e sujeitos, como estão se constituindo no contemporâneo. Então, sem dúvida que a segunda clínica lacaniana, sem negar a primeira, é sempre importante a gente voltar pra primeira, né? Isso é um campo que a gente tá sempre voltando, mas tem contribuído. Agora eu penso o seguinte, que da mesma forma que Freud fez o gesto de escutar as histéricas e na escuta do caso adentrar, pesquisar, construir toda uma teorização, quer dizer, trabalhar, teorizar muito a partir daquilo que ele estava escutando de sua época, eu penso, lógico que a gente não a gente não entra nesse universo desprovido de teorizações, a gente tem um pouco de teorização, mas o que desses casos também que se chegam na clínica podem estar inclusive fazendo certas refutações sobre o que nós já temos como teoria, advertindo o próprio campo teórico para rever algumas questões conceituais que é necessário a gente circular pra ir poder, provido dessas conceitualizações, dessa disso que o próprio Lacan nos oferta e ofertou, mas poder até fazer questões às próprias teorizações. Porque o caso, a clínica, a escuta localizam o gesto freudiano, não é? E aí eu penso que por isso que é interessante, por um lado temos um campo de teorização interessantíssimo que contribui pra gente dar conta,

pensar o que a gente tem recebido da clínica, por exemplo, a questão da do destino sobre a questão, a questão dos gêneros, a questão de nomear-se, os sujeitos se nomeiam, por exemplo, eu não sou cis, eu sou cis, essa nomeação significante né? Eu sou bi, eu estou mudando o meu nome, meu nome não é mais esse é aquele. Essa forma de tentativa de nomeações do sujeito, sem dúvida que nessa lógica da sexuação já desenvolvida por Lacan, este lado da posição feminina, dá abertura, dá um campo aí interessante de investigação para esse fenômeno, mas a gente não pode ficar, se reduzir a ele, porque o caso ele está dizendo alguma coisa então que gente não sabe ainda o que, que é isso que é interessante, não é? E aí o trabalho: o seu, o nosso de pesquisar ouvindo o caso. Então de fato, na minha escuta dos casos hoje, do que era há vinte e cinco anos atrás, de tantos anos atrás, mudou. Tem mudado, isso é interessante. Temos fundamentos psicanalíticos importantes, porque o campo das teorizações já formuladas ajuda muito a escutar e aprender a se virar com o inusitado do singular do caso, mas temos um trabalho permanente. Seria interessante na psicanálise, né? Que é fazer valer e teorizar sobre isso, né? Sobre o que está no contemporâneo ou nesse nome do pai, não é mais esse insignificante de amarração que se via no passado, é um dos nomes, como Lacan diz, é um dos nomes, mas tem tantos outros nomes, né?

Entrevistadora: A última questão. Como se daria no seu trabalho como analista o manejo da posição feminina na direção do tratamento na atualidade?

Entrevistado: Nessa direção, aí eu tenho pego muita carona naquela inspiração do último ensino, né? Em algumas situações sem ficar preso também a esse último ensino, porque a gente tem hoje, interessante isso né? Ouvido dos sujeitos bem dentro da lógica do significante, da livre associação, mas tem sujeitos que é imperativo que o analista, no meu ponto de vista, se coloque ali no seu corpo, no sentido de fazer as intervenções que possam, de fato, apontar, a posição de gozo, aquilo que vai inteirando na clínica, vai inteirando e o sujeito antes se ficava só naquele campo do silêncio da associação, isso não tem tido efeitos. A outra forma de intervir naquela posição onde o sujeito goza e que faz ali uma questão de certos cortes, certas intervenções que aponte para o saber fazer com aquele sintoma, ou seja, o que vou fazer com isso, né? Mas o que que isso significa? Então, tem pacientes que a gente ainda não é bem o que isso significa. É o que você vai poder operar com isso aí. Como é que você vai se virar com isso aí. Recentemente foi isso que eu falei com uma jovem, uma mulher, né? E que exatamente é isso que você está, disso que você está aí tentando dar conta, eu disse pra ela todos têm seu sintoma, esse é o seu. E agora, que que tu vais fazer com isso? Então, nessa direção aponta para invenção do singular. Então, eu acho que essa posição do feminino aponta o seguinte pra mim: Primeiro aquela noção da feminilidade como apontando para uma vulnerabilidade onde todos são vulneráveis. Todos têm seus sintomas, então essa dimensão, no meu ponto de vista aponta para isso todo têm seus sintomas e são vulneráveis a ele e que nesse lugar onde eu tenho sintoma há um limite importante que há real e entender o que significa isso, interpretar isso. É ler que tem ali um sintoma mesmo e o sujeito agora vai ter que se virar com ele. Então é essa a posição me parece que vai nessa aproximação da posição feminina com a aproximação com o real, com esse impossível e esse impossível que nesse segundo ensino de Lacan se aproxima da posição feminina mostra o destino de cada um fazer suas dimensões. Então, por exemplo, foi isso que eu disse pra essa moça que eu acompanho já há algum tempo e eu disse a ela, veja, chegou a hora que eu tive que dizer, todos têm seus sintomas, esse é o seu. E agora, o que é que tu vais inventar com isso? Quer dizer, não foi exatamente assim, mas nessa direção, e pra dar conta né? Porque mostra como todo povo vulnerável, quer dizer, é uma posição de abertura a vulnerabilidade e a invenção, então acho que essa posição feminina ajuda a pensar também, sabe? E a leitura, um pouco nessa direção aí, o lugar do analista, o mundo do analista, a intervenção muda em relação a escuta da associação de significantes, ela muda, ela exige, ela é um tempo de exigir um pouco disso, né? É e aí localizar o gozo, né? E aí, localizar, também, a saída pela invenção.

Entrevista 5

Entrevistadora: como é que você compreende a posição feminina no ensino de Lacan?

Entrevistado: Eu acho que você até quando você colocou as perguntas você, acho que já foi direcionado pra uma coisa que eu acho que tem tudo a ver com isso, que é a posição feminina, acho que é um dos diferenciais do Lacan em relação a Freud, é um ponto em que o Lacan consegue avançar um pouco mais na psicanálise e consegue continuar a linha cortante, a saga cortante de Freud por esse viés. E hoje eu entendo que essa aproximação da posição feminina ela tem tudo a ver com a posição do analista. Então com a posição o que eu acho que é o maior interesse do Lacan em toda a obra dele é que posição é essa do analista, né? Qual é a ética do analista, o que que faz alguém querer ser analista, qual é o desejo do analista. Então eu acho que a posição feminina ela tem a ver com isso, né? Ela não é uma posição das mulheres como se entende biologicamente ou classicamente ou enfim, mas uma posição de gozo que tem a ver com a lógica. A lógica dos discursos, a lógica do gozo e que é a posição do não todo, é uma posição de que justamente a gente não vai ter uma completude e que vai haver sempre algo faltante aí e que esse algo faltante ele não é algo necessariamente que a gente precise tentar preencher, mas é algo justamente que faz a coisa funcionar. Então eu acho que tem a ver com essa posição do analista né? Acho que essa é a importância né? É lógico que a gente vai ter muitos exemplos clínicos em relação a isso ao que seria uma posição fálica, o que seria uma posição não toda, a relação disso com o sintoma, com o sofrimento, com a angústia, mas eu acho que a principal contribuição disso é realmente a posição do analista, né? O que faz esse analista, como é que atua esse analista já que a gente não tem, não é interessante que tenha uma regulação oficial, mas que a gente tenha parâmetros, né? Com base na própria análise, com base na experiência, então acho que isso é um bom parâmetro pra essa prática de um analista.

Entrevistadora: você percebe em sua clínica manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado a posição feminina segundo o ensino de Lacan?

Entrevistado: Assim acho que primeiro na análise pessoal né? Eu acho que a primeira coisa é na análise mesmo, porque a gente só consegue sustentar uma clínica se for a partir da nossa análise então a gente só consegue escutar, a gente só consegue suportar algumas coisas eu acho

que se tiver essa análise. Então eu acho que é interessante porque como analisantes a gente percebe essa questão do não todo, do não conseguir dizer tudo, não conseguir falar tudo, de ter sempre alguma coisa que que fica a desejar, o que fica por dizer e uma análise tem uma das coisas que eu acho que isso foi um dos pontos de virada muito grande pra mim é que a psicanálise ela não é uma experiência só digamos assim, intelectual ou reflexiva, né? Mas ela é uma experiência do corpo. Então quando a gente está falando dessa posição feminina a gente está falando também do gozo no corpo né? Não é só uma questão assim de uma linguagem sem o corpo, de um pensamento sem o corpo. E a gente sabe como as palavras ou como a gente tem efeitos de corpo, com análise, né? Com as com a angústia, com as experiências que a gente vai tendo. Então eu acho que esses efeitos de corpo eles indicam esse algo de que não é completamente coberto pelo significante. De que não é só o significante que dá conta e de que existe, existe uma a psicanálise. Essa foi uma questão que fez com que eu buscasse a psicanálise, era justamente uma questão no corpo. Então pra mim desde o início essa questão está colocada. É uma questão no corpo que tem dificuldade em ser colocada insignificantes e eu acredito que pra todo mundo que procure uma análise que chega é justamente essa questão, tem alguma coisa ali que o significante não consegue dizer tudo, e que é lógico, uma análise vai permitir que se diga um pouco mais, né? Mas que é preciso que haja também uma alteração que não seja só no significante mas que seja no corpo. Isso pra mim hoje é uma questão enigmática, mas que de certa forma, porque o ato analítico a gente só tem como saber depois então não tem como a gente fazer cálculo do ato, não tem como a gente fazer um contrato, que é ótimo essa coisa de não poder porque o contrato é contra o ato né? Então não tem como a gente fazer um contrato prévio, é o ato analítico né e pra isso precisa que esse analista ele esteja bem posicionado. Pra poder que esse ato funcione, que esse ato leve esse sujeito a uma maior liberdade em relação ao outro, há uma liberdade em relação ao seu corpo e poder gozar melhor da vida, acho que talvez seja por aí.

Entrevistadora: Eu diria até que você já adentrou um pouco nela, mas vamos mantê-la. Como se daria no teu trabalho como analista o manejo da posição feminina na direção do tratamento na atualidade?

Entrevistado: O analista eu acho que desde o começo ele já está numa posição de não saber. Ele só não pode saber de antemão sobre o que o paciente vai trazer. Essa é a questão que está desde a transferência também. Porque o paciente, ele vai fazer a transferência com um significante qualquer e com isso ele vai supor um saber do lado do analista e isso vai fazer com

que ele se engaje num trabalho analítico, né? Mas o analista ele sabe que quem vai que quem tem esse saber está do lado do paciente, tá do lado do analisante. O paciente na verdade seria mais o analista, acho que essa paciência é uma questão pra uma posição feminina no manejo de uma análise e saber, mas acho que talvez também tenha algo aí que é experimentar isso do ato analítico. É assim que é saber esse ponto em que há uma certeza, em que o analista sabe que o outro não tem as respostas e que por isso ele consegue fazer com que um sujeito consiga chegar até aí e consiga ultrapassar isso. Porque na verdade, por que as pessoas estudando a psicanálise isso por si só não funcionaria, né? Porque há o orgulho de saber, né? Então há um horror em que as pessoas elas simplesmente por estrutura, elas não querem saber, né? Então tem algo aí de uma dimensão do afeto que é também conseguir contagiar pra que esse sujeito também queira com o seu desejo, transformar o seu desejo num desejo diferente pra que esse desejo mude e eu estou estudando agora esse semestre o amor mais digno né, lá da nota italiana e eu acho muito legal isso porque é esse amor que não é um amor só imaginário ou não é um amor só narcísico, mas é um amor que ele vá além dessas questões e que ele tenha mais do real e mais do simbólico do que do próprio imaginário. Ou que ele se abra mais para contingências e que se abra mais pra essa solidão, mas que não seja uma solidão que isola, mas uma solidão que faça laço, né? Porque isso é muito paradoxal, né? Você se vê sozinho, sem o outro no final da análise, mas ao mesmo tempo isso permite que cada um se lance de forma diferente nos laços, nas relações que isso não seja um motivo pra um isolamento ou pra melancolia ou pra tristeza, mas que encontre aí um entusiasmo. Então eu acho que esse entusiasmo é algo que que tem a ver também com essa posição, não toda. Desse gozo no corpo pra esse entusiasmo. Então eu acho que tem a ver com isso com essa posição feminina e esse entusiasmo que se transmite numa análise e onde a gente pode pelo menos dentro da nossa escola verificar se há do analista. Porque eu acho que até essa coisa de compreender o analista tem a ver com a posição feminina porque se a do analista quer dizer que os analistas são não todo, né? Há do analista, a algo do analista que se verifique cada um, ou não, né?

Entrevista 6

Entrevistadora: Como você pensa a posição feminina, como você compreende no ensino de Lacan?

Entrevistada: Bom, eu acho que pra poder falar da posição feminina no ensino de Lacan a gente tem que começar com Freud, né? Porque eu até dou as notas com... está bem fresco na minha cabeça pra responder a sua pergunta pois estou estudando o seminário vinte, e pra falar no seminário vinte eu tive que voltar um pouco nas questões como elas se colocaram pra Freud, né? E inclusive me caiu a ficha, como a gente diz, recentemente o quanto o seminário vinte é o seminário mais dedicado do na questão da posição feminina está relacionada com a questão da formação do analista na verdade. Eu lia muito esse seminário antes como sendo uma coisa da sexuação, que também é, né? Mas ficou mais claro pra mim como a questão que o Lacan está perseguindo ali é a questão do final da análise, né? Por quê? Freud termina o texto, análise terminável e interminável apontando um impasse, né? Quando eles perguntam se a análise pode ser finalizada, ele diz que a análise esbarra numa dificuldade que se apresenta tanto pra homens como pra mulheres que é o rochedo da castração, que aparece como protesto de masculinidade pro homem e como inveja do pênis para as mulheres, mas que em ambos os casos o que está em jogo é uma recusa a feminilidade. Então não é por acaso que Lacan vai perseguir essa formalização lógica do feminino. Porque eu acho que ele vai se dando conta com o Freud, com a leitura que ele aplica o simbólico aos textos de Freud na leitura da trilogia do significante de todo esse primeiro período do ensino dele, ele vai se dando conta de como o Édipo dá conta do que é a posição masculina. Inclusive, as três saídas pro feminino que Freud identifica no texto, agora não lembro se é sexualidade feminina ou questões sobre a feminilidade porque são dois textos de Freud bem que tocam nesse tema, mas tem um deles que ele apresenta a saída pra menina do complexo de Édipo e ele diz abrir mão da própria sexualidade, aferrar-se ao complexo de masculinidade ou esperar ter um filho do pai. O desejo de um filho de um pai e eu acho que o Lacan vai se dando conta que nem em uma dessas três posições são propriamente femininas. Porque abrir mão da sexualidade é evitar o feminino, aferra-se a masculinidade é não ir pro lado feminino. E se desejar, esperar um filho do pai é fazer a mãe. Então no seminário

vinte ele diz isso. A mulher no Édipo só entra como mãe, *mater*. A expressão que ele usa lá em latim. Então ele vai se dando conta disso, que por essa via simbólica, por essa via do Édipo, pela metáfora paterna, a gente só consegue discernir o que diz respeito a posição fálica né? Seja homem ou seja mulher o sujeito pela via do Édipo constrói alguma coisa que diz respeito a posição fálica e a mulher nessa versão, só pode aparecer como fazendo essa mascarada, né? Do falo. Então eu acho que ele vai se deparando com isso como um impasse, agora isso é um impasse que se coloca não só pra aceder ao feminino, mas pra aceder a posição de analista. Porque a posição de analista tem a ver com poder, situar-se numa outra loja que não seja a lógica toda fálica. Porque é uma lógica que vai abrir pra contingência, é uma loja que vai abrir os furos, que vai abrir pra posição da diferença absoluta que cada um é ao final da análise. O analista precisa levar o sentimento. A singularidade, a diferença absoluta, né? Tem, um autor, que é o Luiz Scowich, que ele redonda muito esse termo. A diferença absoluta que cada um tem na sua posição em relação ao gozo. Então isso é, tá tudo do lado da lógica feminina. Então a questão do feminino no pensamento de Lacan não é só o que se coloca hoje em dia, né? Porque quer ser homem, o que é ser mulher e se é binário ou se não é, e questões de gênero, foca nisso também, mas eu considero hoje que o mais importante que ele está perseguindo ali.

É o que o feminino tem a ver com o analista. Por isso que eu achei curiosa a sua pesquisa.

Entrevistadora: Você percebe em sua clínica manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado a posição feminina segundo o ensino de Lacan?

Entrevistada: Ana, eu diria que todo processo de análise se trata de uma abertura pra essa posição e que não se trata de tornar mulher os analisantes, não tem nada a ver com isso né? Eu sei que não é assim que você entende, mas pra quem vai ler é importante situar isso. Fazer análise não é um movimento de tornar homens e mulheres ou de mulheres possa se tornar mulheres, não é disso que se trata. Mas é que pra ceder ao invés de um outro sexo é preciso que o sujeito se permita acessar algo desse não todo fálico, né? E se a gente considera que a neurose é uma defesa contra a feminilidade, que é isso que o Freud fala, é uma recusa do feminino, todo o arcabouço com que o sujeito chega da fantasia, do sintoma, são diques de proteção contra a aproximação disso. Então muita dificuldade de se deparar com a falta, muita dificuldade de se deparar com estou lembrando especificamente de um sujeito pra qualquer coisa que quebre, qualquer coisa que rache, qualquer coisa e a pessoa usa, tiver uma rachadura

na parede, aquilo já vem aqui como uma coisa ameaçadora, né? Tem que tá tudo dentro do sentido, como vocês, tudo tem que tá fazendo sentido, tudo tem que ficar e a gente sabe como isso é muito angustiante porque a vida não faz o menor sentido né? A gente se depara o tempo todo com... Estou lembrando da frase do Shakespeare, que a vida é um como é que diz alguma coisa de som e fúria, é uma história de som e fúria escrita por um idiota. Coisa assim. Seguem manifestações completamente sem sentido e que o sujeito é jogado em algum momento da vida pra lá ou pra cá e ele tem que se virar, a neurose faz uma tentativa de evitar tudo isso né? E a análise vai permitindo ao sujeito não só se permitir entrar em contato mais com esse som e fúria, mas também permitindo a ele operar com isso. Não mais se defender disso, mas operar com isso que não é possível ser evitado. A angústia surge exatamente porque essas defesas que ele constrói pra evitar isso não o protegem. Então eu poderia dizer que sim a cada momento que um caso avança, que alguma coisa vai se escrevendo, né? Para aquele sujeito, é uma pequena abertura que vai se dando pra essa dimensão do feminino até que chegue o momento que seja possível concluir algo de tudo isso.

Entrevistadora: Como se daria o seu trabalho como analista o manejo da posição feminina na direção do tratamento analítico na atualidade?

Entrevistada: Eu considero que esse é um dos aprendizados, se eu for colocar assim, aprendizados no sentido da relação com o saber mais importantes na formação do analista, né? Freud diz assim, que tudo se trata da questão do manejo da transferência. O mais importante do tratamento tem como fundamento a questão do manejo da transferência e eu entendo que pra que o analista possa permitir que o sujeito vá incluindo algo desse feminino é preciso que o analista tenha incluído pra si algo disso. Porque nisso que ele vai manejar, que é nada mais nada menos do que a posição desse, desse objeto causa pra esse sujeito, pra que esse objeto possa ir surgir como causa e não como horror é preciso que o analista responda de um lugar que não seja nem reafirmação do sintoma e nem também tentativa de evitação do sintoma. Como é que eu quero dizer, na medida em que transferencialmente essas demandas vão comparecendo, o analista não vai dizer nem sim nem não a demanda ele vai apontar pra um outro lugar, que é o lugar do desejo. Então pra poder apontar pra esse outro lugar é preciso que ele possa suportar ser colocado nos lugares piores possíveis pelo seu analisante, porque é isso a condição de objeto, exige que que o analista suporte ser colocado no lugar da fantasia reserva a esse objeto pra cada analisante, mas que ele possa responder de um lugar novo. Que aponte

pra algo da singularidade da relação desse sujeito com esse objeto e não com esse objeto que vai ser esvaziado, que não dê consistência a esse objeto nem pela via do si nem pela via do não, mas que aponte pra dimensão de causa desse objeto então sujeito. Então eu acho que isso só é possível ser feito desde uma posição não toda. Porque se o analista estar numa posição fálica, ele vai entrar no embate, ele vai entrar no jogo de poder, de afirmação ou negação que a demanda convoca, né? Então sair da demanda e poder apontar pra algo que seja da hora do desejo, como Lacan coloca, exige do analista um jogo de cintura, vamos dizer assim. Ele tem que surfar a onda. Essa metáfora do surfista eu acho interessante porque se ele endurecer em cima da prancha ele cai e se ele for flexível demais também ele não consegue surfar. Para que seja possível escutar onde é preciso ter essa malemolência, esse jogo de cintura que eu acho que tem uma afinidade aí com a muito mais com a posição feminina do que com o enrijecimento fálico.

Entrevistadora: Exatamente, eu acho que é por aí . Gostaria de falar mais alguma coisa?

Entrevistada: Eu só dizer o quanto é importante que você esteja levando essa discussão pra universidade e bem orientada como você tá aí nessa questão porque não é comum a gente ver isso, ainda mais dentro da universidade e tem muita gente que tem essa psicanálise como uma resposta edípica, como a resposta do sentido, né? Isso. Então, não só manter a psicanálise viva na universidade, mas manter viva numa perspectiva que não joga fora completamente as ferramentas do atravessamento do Édipo, da fantasia, porque é por essa via que a gente pode chegar ao não todo. Então, precisa passar por aí também.

Entrevista 7

Entrevistadora: Como você compreende a posição feminina no ensino de Lacan?

Entrevistada: Olha eu acho que Lacan ele trata do feminino, eu diria assim, que ele dá continuidade à questão que Freud fez. O que quer é uma mulher? E colocou a mulher, o feminino, ele vai tratar do feminino pelas fórmulas, lá no final de seu ensino, pelas fórmulas da sexuação, falando da mulher não toda, que a mulher não existe. Né? E ele vai tratar o feminino pelos três registros do real e imaginário simbólico, ele vai abordar por aí também e pelas fórmulas da sexuação sobretudo. Pra dizer que, pra falar da falta, pra falar daquilo que, do real sobretudo. Então eu acho que o feminino de Lacan, ele vai tentar responder, aliás ele vai dar continuidade aquilo que Freud intuiu, quando ele quer uma mulher, o que quer uma mulher. Lacan quando fala da mulher não toda, quando ele traz a fórmula da sexuação pra dizer que a mulher exsiste. Então ele vai tratar essa questão a partir do significante fora, a partir daquilo que Freud falava, do falo que era, não tem no inconsciente, não tem dois sexos, né, não tem dois registros, não tem, só tem apenas um, Lacan vai tratar disso lá na frente falando então a partir daquilo que ele vai continuando, o objeto a, do real,é que mais? Por todos os conceitos que ele vai dar continuidade, digamos assim, a teoria da analítica. Eu acho que o feminino ele vai ser tratado por aí. Né? A partir dessa fórmula, né? Da sexuação que ele vai trazer. Quando ele disse que a mulher não toda, porque a mulher não existe, porque não existe A mulher. Né? Quando ele vai dizer que não existe A mulher. Que é o que Don Juan procura né? A mulher.

Ele vai dizer a mulher não existe. Exsiste. É por aí que ele vai tratar o feminino. E o que não é nada fácil.

Entrevistadora: Você percebe em sua clínica manifestações daquilo que podemos dizer tratarse de algo ligado a posição feminina segundo o ensino de Lacan?

Entrevistada: Sim, por exemplo. É sim. Eu vou dizer agora sim e não, porque a posição feminina, ela pode estar no homem ou na mulher. Não está em João e nem Maria quando chega aqui sou mulher, eu sou homem, essa é uma posição, é disso que Lacan está falando, uma

posição. Então quando eu escuto um sujeito independente dele ser homem ou mulher biologicamente falando eu vejo que essa posição que diz respeito a uma, como é que eu poderia dizer, de uma relação com a falta, uma relação com o Outro, uma relação com as suas identificações né? Tudo isso que o Lacan vai tratando também dando continuidade à Freud, de uma posição que não responde de uma maneira insatisfatória até as questões que lhe são colocadas, enigmáticas, as questões que são colocadas por essas pessoas. Quando chegam esses sujeitos, quando chegam aqui. Então, por exemplo, casos em que o sujeito se interroga sobre o seu lugar nas relações amorosas, quando interroga por exemplo o seu lugar na maternidade ou na paternidade, eu acho que é nesses momentos assim que pra mim fica mais claro as questões que Lacan traz, desse sujeito às voltas aí com as identificações, com as identidades com o seu nome, com o seu lugar com seus enigmas, eu acho que é mais ou menos nesses pontos que eu localizaria.

Entrevistadora: como se daria no seu trabalho como analista, a outra era um pouco dos analisantes que você tem recebido, agora como se daria no seu trabalho como analista o manejo da posição feminina na direção do tratamento analítico?

Entrevistada: Manejo da posição... deixe ver se eu entendi a pergunta, como é?

Entrevistadora: Vou repetir: como se daria no seu trabalho como analista, o manejo da posição feminina na direção do tratamento da experiência analítica? A questão anterior era se você vê ou não manifestações disso nos seus analisantes e agora é você como analista. Inclui isso no seu manejo na direção de tratamento? Ou não?

Entrevistada: Eu não sei, eu não saberia, eu acho que eu não sei responder essa pergunta. Vou lhe dizer por que. Eu acho que eu teria que pensar mais sobre ela, né? Mas por quê? Porque na psicanálise, cada caso, a radicalidade da singularidade ela se impõe né? Do caso único, então a cada caso o manejo vai sendo feito considerando a estrutura, considerando o prognóstico, considerando uma série de coisas que os analisantes vão trazendo pra você e que aí você vai fazendo esse manejo, né? Eu nunca parei pra pensar particularmente, por exemplo, quando alguém se coloca diante do real, da angústia, das suas questões ou então quando essa pessoa está às voltas com o seu lugar nas relações amorosas como eu falei a pouco. Eu nunca havia parado pra pensar sobre o manejo ligado a essa posição do feminino. Mas o manejo, eu estou sempre atenta ao manejo em relação ao caso em si e a complexidade que ele me traz, que horas ele pode surgir pra mim, digamos assim, fazendo uma questão, uma questão como esta, ligado

ao feminino, isso que eu estou isso que eu estou dizendo agora aqui pra você que está na esteira de uma posição e não de uma identificação social, por exemplo. Mas muito mais de uma posição e que diante disso, diante dos impasses de cada um que vai trazendo o manejo, ele vai se dando de uma maneira que às vezes eu penso só depois nele. Inclusive, eu acho que o que tem no fim das contas na clínica é que tanto o analista quanto o analisante são não-todos. Pra que possa operar a clínica são não-todos. Então, há uma falta do lado do analisante, há uma falta do lado do analista e aí eu não saberia lhe responder diferente. Eu posso parar pra pensar. Aliás eu acho que eu vou parar pra pensar a partir de talvez de agora. Mas eu não consigo fazer uma especificidade. Entende? Não consigo dar uma especificidade. Mas assim, a questão do feminino, no divã, digamos assim, né, a questão do feminino na clínica, ela me põe pra pensar uma série de coisas relacionadas principalmente ao lugar e não ao lugar de uma posição que às vezes, move esse sujeito, que faz com que ele se interrogue com seus questionamentos, mas como eu disse a você, eu vejo isso tanto nos homens quanto nas mulheres. Não vejo porque está tão descolado do sexo biológico ou da identidade social que eu não consigo dar a uma especificidade. Está entendendo?

Entrevistadora: Mais alguma coisa? Gostaria de falar mais algo?

Entrevistada: Não. Eu só vou eu só vou ficar com essa questão pra mim. Foi interessante porque eu vou ficar com essa questão pra mim. Uma questão que eu nunca tinha me feito. Por exemplo. E é interessante eu falando aqui com você quanto eu me despossei mais. Assim quanto na clínica bem lógico atendi várias mulheres, vários homens, vários adultos e várias estruturas né? Mas como essa questão não compareceu pra mim da forma como você abordou, nunca vi surgir da forma como você trouxe. Mas foi muito interessante.

Entrevista 8

Entrevistadora: como é que você compreende, como é que você pensa, a posição feminina no ensino de Lacan?

Entrevistado: Quando você me procurou pra participar das entrevistas eu já tava, já fiquei de alguma forma buscando em mim encontrar essas questões sobre a feminilidade. E como eu também sou professor de psicologia e psicanálise, mesmo em disciplinas como psicanálise do adolescente eu me deparei com alguma coisa que parece que falava pra mim dessa posição feminina e pode ser que eu esteja enganado, mas ao final a gente vai vendo e o que esses enganos também promovem pra gente. Primeiro quando a gente teve aquele encontro e a gente começou a me ver em uma música na voz de Gal Costa que eu acho que é de Caetano Veloso, que eu gosto muito que ela diz assim: "Não me venha falar da malícia de toda mulher, cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é, não me olhe como se a polícia andasse atrás de mim...", alguma coisa que ela diz ainda nessa música e o equívoco que conta "não me venha dizer que a mulher vá viver sem mentir". Primeiro tem esse aspecto da música de Caetano que diz pra mim, eu acho que essa posição feminina pode dizer pra outra pessoa, outro analista de outra forma. Isso pode por exemplo dizer pra você da posição histérica, mas pra mim diz ainda muito da posição feminina seja ela no homem ou na mulher. E quando eu dava psicanálise do adolescente eu me deparei com um trecho de um livro de um psicanalista. Estava descrevendo sobre a posição feminina, ele não entrava nas fórmulas da sexuação, não abordava na forma de um matema, mas ele diz uma coisa muito interessante que está no seminário das formações do inconsciente. Eu não fui até o seminário das formações do inconsciente checar, mas isso me fisgou na minha clínica também. Quando ele vem falar da posição do macho como que dá testemunho e a posição do lado da mulher como do lado do álibi. Então, eu vou, eu fiquei fisgado por essas palavras pra tentar falar da minha forma, de forma equivocada mesmo tudo o que eu penso nessa posição feminina. As palavras-chaves pra mim seriam, logo que você conversou comigo, seriam malícia, mentira e álibi. Eu vou tentar dizer alguma coisa agora sobre isso. A posição da malícia me joga numa lembrança e uma pessoa maliciosa. É possível que eu esteja falando da minha percepção de homem, depois a gente encontra algum outro

fundamento pra isso. Essa música sempre me despertou muito. Depois eu encontrei um texto de Maria Rita Khel que você deve conhecer que são os deslocamentos. Essa posição malícia me veio, essa fala de malícia despertou também pra uma fala de Maria Rita Kehl, onde ela está discutindo por que é que a mulher não tem supereu. Lá no texto dela, que ela comenta um conto de Ibsen, sobre a casa de bonecas. Ela diz, vou ver se acho o que foi que me fez chamar essa palavra malícia, talvez. Ela diz que a mulher na casa de bonecas vem tentar elucidar pro leitor porque é que essa história de que a mulher não tem supereu teria uma coisa muito centrada numa perspectiva masculina ou machista de Freud. Essa personagem da casa de bonecas, ela é obrigada a mentir e aí eu estou usando minha lembrança do comentário de Maria Rita. Ela é obrigada a mentir para salvaguardar a posição dela dentro de uma cultura masculina, ou seja, ela precisa mentir pra dar conta das questões dela financeira e outras e, Maria Rita diz que isso é um reflexo de uma época, que essa mulher ela, socialmente, se ela não fizesse essa mentira ela ia cair num certo abandono, numa posição de muita complicação em função do que o social assegurava para as mulheres e pros homens. E então vem essa noção também de abandono. Depois eu vou lembrando dessa posição de álibi. Essa posição de álibi, o próprio Lacan usa no texto dos *Outros Escritos*, esse autor que comenta Lacan, (Thiago C. Matheus). falando sobre a adolescência e a puberdade nas meninas e vai comentar um texto de Lacan, que é *O Despertar da primavera*. É um comentário, uma peça de mil oitocentos e noventa e um, e o que interessa nessa posição de álibi é que são dois rapazes conversando sobre sexo, nesse momento Melchior e Moritz, e Moritz, em algum momento pede instrução e instruções a Melchior de como fazer com as meninas, como é que é o sexo, como nascem os bebês, essas questões ele é o pior de como fazer com as meninas, como que é o sexo, como é que nascem os bebês, essas questões. E aí Melchior diz que vai ensinar a ele. Vai de alguma forma. Tem um livro que ele está escrevendo isso tudo sobre o sexo Melchior e ele pode mostrar esse livro ao Moritz, O Moritz diz pra ele, isso me chama atenção pra posição feminina em relação ao Melchior. O Moritz diz: Não, não me mostre, nem sente comigo não. Deixe esse livro de uma certa forma fácil pra que eu me surpreenda, que eu me depare com ele. Não venha me ensinar não, deixe esse livro de uma certa forma pra que eu esbarre com ele e aí eu veja sobre a sexualidade e o autor comenta que essa posição é uma posição de álibi. Isso me marcou muito com esses alunos, tinha muitas alunas feministas. Eu acho que a gente descobre muita coisa na análise da gente e ouvindo as outras pessoas, mas em sala de aula também. E essa posição de álibi está no seminário das formações do inconsciente, mas que esse autor usa para pensar a posição de Moritz, me fez pensar exatamente também nessa malícia e esse álibi quando eu fui olhar no dicionário, eu não sei se a gente vai encontrar essa mesma definição, mas o álibi ele é uma desculpa que o sujeito

usa para se ausentar, para se inocentar e se ausentar da presença do lugar em que um crime ocorreu. Então esse álibi funciona de alguma forma pra pensar pra mim, pra pensar esse desejo feminino que vem dizer exatamente dessa posição de alguém que não. Seria de uma forma grosseira a gente dizer que não assume o próprio desejo. Isso seria uma grosseria, mas nessa delicadeza que de alguma forma me engana que eu gosto e me faz parte dessa tentativa de dizer o que é que está nesse lugar. Então acho que álibi, malícia e eu acho que essa palavra malícia quando Gal Costa canta, ela já diz que essa posição feminina ela não deve receber acusação, punição ou crítica, "não me venha falar da malícia de toda mulher, cada um sabe a dor, a delícia de ser o que é". Então eu acho que essa posição feminina ela, como se ela reivindicasse, não é como se ela reivindicasse. É como se ela marcasse com essa música, a importância desse lugar que é difícil de compreender porque é esse desejo não é só um desejo fugidio que desliza, mas que está nessa posição de álibi, está nessa posição de provocar algo no outro, mas ao mesmo tempo não se consolidar, não se, não tem uma consistência tal qual não só se espera. Veja que eu tô aí exatamente (..)). nessa posição. Mas são esses elementos que eu utilizaria. Acho que na clínica, eu acho que a gente tá inteiramente às voltas com isso. Eu acho que a experiência de analista, pelo menos talvez outros analistas possam sair melhor do que eu disse, é como se a transferência positiva com as mulheres, das analisantes mulheres, pra mim, elas, eu embarco e eu consigo talvez sustentar, mas sempre vem um pouco de decepção como quando começa a aparecer a transferência que Freud chamava negativa das mulheres que talvez elas dizendo um pouco pra mim essa frase de Gal Costa "não venha falar da malícia, não venha apontar que gostou, que foi suave.", faz parte. Você não estava suficientemente advertido ainda desse furtido, desse álibi que é o desejo feminino. Isso sempre de formas diferentes. Cada mulher de uma forma diferente da outra. Eu acho que na experiência de transferência é isso um pouco. A gente sente. Talvez é como se de outro homem a gente sempre esperasse uma carga de agressividade e da mulher, pelo menos pra minha posição, claro que isso pra outros analistas é mais tranquilo do que pra mim, da mulher dessa manifestação não viesse exatamente na maioria das vezes de uma forma agressiva, mas de uma forma que faz a gente experimentar essa separação dela, é como se essa separação delas do sujeito suposto saber que não é o analista, mas que é o que ela própria está colocando em jogo né com a gente na transferência é como se essa separação ela fosse do sujeito suposto saber. Talvez ela desamparasse mais o analista do que a maneira como os homens fazem essa separação do sujeito suposto saber em análise, pelo menos assim na minha experiência de analisando enquanto analista. Mas a gente pode voltar pra isso.

Entrevistadora: Relaciona com a primeira e com a terceira que é a última, a segunda é: Você percebe em sua clínica manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado à posição feminina segundo o ensino de Lacan?

Entrevistado: Sim. Quando eu falei sobre essa experiência da linguagem foi me convencendo da força da palavra, do analisante, da força da minha palavra, da palavra das pessoas que chegam, no sentido de terem efeito sobre a dor, sobre o sofrimento. Em seguida a gente começa a se colocar a questão de como é que para as mulheres que a gente recebe, que a gente poderia identificar nelas algo em comum, mas cada uma é muito diferente, como disse Lacan. Por que que elas são mais diferentes do que os homens entre si, isso sempre é uma questão que é retomada pelas colegas, pelas alunas principalmente porque eu acho que as colegas como você fazem uma adesão a gente já está mais ou menos aderido e eu acho que seu trabalho visa buscar encontrar essa experiência da gente, então partindo dessa coisa da linguagem que molda a gente. No ensino de Lacan as figuras da linguagem vão mostrando como um sujeito, fala de outras coisas pra inventar os pontos de sofrimento de dor que ele tem, como que sujeito consegue se vestir numa série de significantes para dar corpo a forma como ele vive, como ele experiencia a falta. Então, a partir dessa experiência aí da linguagem e que Lacan convoca a gente a fazer uma exploração aí, com o analisando e todo esse rebuscamento que a linguagem traz de todo esse rebuscamento e essa estruturação que o sofrimento e que a dor vão ter. As mulheres que eu atendi que eu poderia chamar de mulheres, segundo talvez meu preconceito, a concepção da análise, elas são sempre muito pródigas, sempre muito pródigas e muito ricas de falar sobre seus sofrimentos em si e se envolver nas suas análises. Então eu me lembro por exemplo, de algumas mulheres mais silenciosas, mais caladas em relação a própria dor e ao próprio sofrimento também. Mas ainda assim elas se deixavam tocar e se deixavam envolver. Isso parecia ter efeitos no olhar delas quando eu fazia uma exploração através da conversa e uma exploração linguageira daquele sofrimento que ela estava trazendo. Logo eu encontrava uma via de facilitação da parte dessas mulheres, logo eu encontrava um consentimento nelas e se não fosse pra elas falarem, mas pra ela ouvir, pra elas ouvirem o que eu tinha a falar sobre o sofrimento delas. Então uma prodigalidade, uma generosidade mesmo que escondida e mesmo que inibida das mulheres para essa linha que a gente encontra de Lacan e das figuras de linguagem e de todo o desenvolvimento linguageiro do sintoma que a dor e o sofrimento podem dar margem. No caso dos homens em geral é como se essa prodigalidade, eles não fossem tão pródigos assim. E mesmo os que são bastante falantes achatassem o sentido, achatassem os desenvolvimentos que essa linguagem poderia ter. Diferente do que eu falei das

mulheres que elas podem ter inibidas nelas, mas essa exploração, essa prodigalidade da linguagem está ali né, no caso dos homens não é uma inibição, mas eu chamaria de um achatamento. Achatamento inclusive no que isso se equivoca com a palavra chatice. Então é como se as mulheres, essa malícia, essa mentira que o Lacan fala depois que toda fala é mentirosa né, mas é como se a mulher ela tivesse esse talento, essa malícia, essa prodigalidade e esse álibi e o homem não fosse por essa via, o homem fosse por uma via mais do sentido. Mas no sentido achatado, na fala, no gesto, na pontuação, na respiração, na entrega, no aferimento, na condução, eles tivessem um certo achatamento. Quando a gente encontra homens gays em análise, eles são contrários às experiências que eles conseguem se aproximar mais da mulher, nessa prodigalidade, nessa malícia que leva a me esconder, a um velar e a um mostrar que fizesse uma certa animação desse inconsciente, essa dor, esse sofrimento. Mas ainda assim eles são diferentes da forma como uma mulher endereça e desenvolve ai seu inconsciente. Tenho essa impressão que falaria assim.

Entrevistador: Como se daria no seu trabalho como analista o manejo da posição feminina na direção do tratamento da experiência analítica na atualidade?

Entrevistado: Um outro instrumento além da escuta das mulheres, quem me ajudou a pensar um pouco na posição feminina, quem me ajudou a refletir, considerar, encontra-la na clínica escutando as mulheres, inclusive as mulheres contemporâneas apesar de não terem, não se dedicarem a escuta. Como essa autora faz sempre, desde cedo me interessei muito por Clarice Lispector então Clarice é como se fosse esse clarão de nos ajudar a perceber um pouco o que do que é que padece a mulher também e talvez ela ofereça então condições de a gente acompanhar um pouco essas mulheres contemporâneas que trazem seu sofrimento. A gente tem feito atualmente a escuta de mulheres da classe média alta e também mulheres que trazem as suas crianças para trabalhar e elas também se abrem nas análises dos filhos e eu consigo talvez. Eu estava me aproximando agora da ideia de que esse sofrimento atual na contemporaneidade ouvindo essas mulheres me ocorreu uma outra palavra que talvez ajude também a gente a situar o feminino que é a palavra solidão e falando no contemporâneo, a gente não pode deixar de falar em solidão, sempre. A ideia de pertencimento no mundo contemporâneo ela é sempre uma questão que a gente leva em consideração quando a gente está falando do sofrimento então acho que tem alguma coisa na solidão feminina que seja diferente da masculina também pra gente apostar que isso seja interessante também pra pensar

e acho que isso serviria de baliza para uma direção clínica, pra uma atenção clínica da nossa parte. O que seria uma solidão desde a posição feminina na contemporaneidade indiferença ou indiferentemente da posição masculina? A solidão é o seu projeto de ser, o seu projeto de falta a ser, ele não consegue se conectar com outros projetos para se animar, para animar-se, para ter ânimo e tenho a impressão que, também lembrando das passagens de Clarice Lispector que a mulher ela faz uma experiência de solidão mais radical. Como seria essa radicalidade? Como a gente poderia tratar essa radicalidade da solidão? Como homem, nesse ponto também eu acho que na experiência do homossexual masculino...Vamos tentar pensar um pouco sobre esse desfrouxamento de solidão nesse mundo contemporâneo e o tratamento que isso pode ter. Eu acho que isso é um ponto aí que me chama atenção nessa clínica, nessas mulheres que eu tenho estudado e diferentemente da solidão, agora eu estou me lembrando de uns homens, experimentada pelos homens, é como se os homens, os rapazes que estou ouvindo-os, estou me lembrando me lembrando de cada um deles agora. Uma outra palavra também que eu gostaria de marcar pra refletir sobre o feminino, isso está me vindo por ocasião dessa terceira questão é a palavra também "entrega". Então eu colocaria aí pra chegar até esse ponto que a gente está agora: malícia, mentir, álibi, prodigalidade, solidão, entrega. Que a mulher ela faz esse álibi como Lacan comenta nas *formações do inconsciente* de conseguir se retirar do lugar que ela própria causa a atenção e o desejo do outro e nisso existe uma prodigalidade também desse gesto, ela veio, eu acho que o texto de Clarice Lispector também mostra muito isso. Ela tem uma vocação pra entrega, um chamado pra entrega que os homens é como se eles tivessem um recurso de apelo. Eu estou me lembrando desses homens que estou atendendo e fizesse com que a solidão deles, por eles não precisarem de álibi fosse uma solidão mais passível de contornar o que essa exigência que a sexualidade feminina tem do álibi e da entrega. Então algumas mulheres recentemente se divorciaram, elas falaram pra mim, em análise, de um sabor na boca muito amargo. Todas independentes financeiramente, mas, elas tinham um sabor amargo na boca após a separação. São mulheres de 50 anos ou mais, ou um pouco menos, mas como se elas tivessem ficado descobertas e expostas nessa posição que é uma posição de entrega e que precisa do álibi para se sentir operante. Eu acho que Clarice, ela rasga mesmo e ela vai às últimas consequências disso e como é que a gente poderia dar conta do feminino dessa foi assim que eu entendi a pergunta, como é que a gente poderia dar conta, pensar as intervenções, que promove um reconhecimento dessa forma característica de gozar pela entrega, pelo álibi e fosse oferecer não o consolo para essa solidão experimentada pelas mulheres diante mesmo do contemporâneo sem pensar em outras culturas, pensando na nossa mesmo a brasileira. Então como é que a gente pode pensar numa escuta que promova, um tipo

de lida com essa posição que é de entrega e é de álibi nessa solidão que essas mulheres relatam e mostram com o corpo e dão provas disso, principalmente as que se divorciam ainda que sejam elas tendo sofrido violência psicológicas ou não. O fato de separarem já expõem a mulher a um desabrigamento e a uma coisa muito forte e os homens eles tivessem, eu não sei se isso é só social, mas é como se eles tivessem um socorro para essa solidão como um consolo para essa solidão. Eles estão expostos naturalmente a outro tipo e a outro tipo de situação, os homens. Mas é como se em relação a essa solidão, eles achatassem essa solidão. Essa posição feminina por outro lado tem uma coisa interessante, pra esses homens mais achatados no sentido, quando a gente, você falou da posição do analista como uma posição feminina e o Lacan vai lembrar no *Seminário 11,* a posição do analista é a posição de Tirésias e ele vai dizer nessa posição de Tirésias que não basta que o analista escute, é preciso que ele tenha perdas, deixa eu confirmar, ele diz assim na página 255 do seminário 11 "*O analista, não basta que ele suporte a posição de Tirésias que é a função de adivinho que imite interpretação oracular, é preciso ainda como diz [...] que ele tenha pênis, quer dizer que a operação e a manobra da transferência devem ser regradas de maneira que se mantenha a distância do ponto desde onde o sujeito se vê amável e esse outro ponto em que o sujeito se vê causado como algo, como pelo ar de onde há venha a rolhar a hiância que constitui a divisão inaugural do sujeito"*. E então acho que isso vai servir para tentar agora fechar um comentário sobre como lidar com essa solidão, que é uma solidão de quem quer a entrega e que precisa do álibi. E isso talvez venha apontar pra gente o que você falou na sua pergunta que é porque a função do analista se assemelha a posição feminina, mas eu diria também porque é que as mulheres tem um talento e uma vocação maior para análise do que os homens? O que é esse deslocamento do i(a), do ideal e do minúsculo "a", o objeto pequeno "a". O achatamento que eu estava falando que talvez o homem faça, qual seria o sofrimento do homem em análise, o sofrimento do homem que a gente recebe, em que que isso se distingue da posição feminina, nesse achatamento, na fala do homem, eu percebo desde o princípio da minha escuta analítica, esse achatamento, essa avareza com o verbal, com o linguageiro e também com a multiplicidade da linguagem corporal, essa avareza masculina com a exceção dos homens gays, dos drag queens e por aí vai, sem dizer que todos eles são iguais mas apontando para outra coisa aí. Acho que é isso, na solidão feminina, a mulher precisa ser convencida pelo analista que está manobrando esta transferência como diz Lacan, que essa solidão dela possuí uma riqueza e que essa solidão dela não é árida e nem precisa ser árida ao contrário do que ela pensa nessa entrega, nessa entrega dela fosse prevalecer esse deserto de gozo, um deserto de gozo. Então ela precisa ficar convencida de que essa entrega, essa aposta que ela faz de entrega, é renovada pela análise e de alguma forma pode ser relançada para fora

da análise pelas intervenções exatamente apontando para essa, para que ela não iguale essa entrega ao deserto da solidão e no caso disso eu acho que a posição feminina está presente no analista encontra esse feminino na mulher, esse feminino pródigo que ela pensa que seria um desperdício. No caso do homem, que é avaro, que achata, a gente vai também fazer uma aposta de que ele possa desfrutar na análise dele de um acesso ao feminino, então pra concluir, eu diria assim: que do lado da mulher, ela precisa renovar, a mulher precisa renovar o funcionamento dela em direção a continuar pródiga, a apostar ainda na entrega, só numa entrega, vamos dizer assim, advertida de que, em que que essa entrega da mulher ela precisa estar advertida? É somente que, o objeto do desejo é dito ele não existe, o objeto que satisfaz o desejo, ele não é só por isso porque isso estaria posto tanto para as mulheres quanto para os homens. O que é que faz a especificidade? E a gente renova nessa posição de entrega da mulher, é, em relação ao homem, seria ele experimentar a presença do feminino nele de alguma forma retirando dele a certeza do achatamento do sentido, da certeza desse falo, dessa posição assim mais convencida, que ele está mais convencido.

Na mulher já tem essa prodigalidade, essa prodigalidade ela fica atingida exatamente quando ela é posta a, estava falando dos divórcios na mulher, exatamente quando ela perde esse acesso ao falo, esse acesso a um outro homem que de alguma forma dava limite a essa entrega dela, essa entrega pode alastrar-se mais. No caso do homem, essa entrega ela é. Eu poderia finalizar com um comentário e talvez eu esteja me estendendo, mas eu queria finalizar, tentar finalizar. Esse tentar finalizar é exatamente isso. O desejo ele é infinito para homens e para mulheres, o falo ele dá uma medida de finitude, mas o desejo em si, ele talvez seja diferente, é metonímico. E esse falo que ajuda metaforizar de alguma forma mas, então como é que essa entrega da mulher ela encontra um limite na análise que a faça não ficar completamente perdida ou completamente submergida pela experiência de solidão que a entrega dela pode fazer e a gente tem algumas idosas, a elas se agarrarem aos netos, por exemplo, muitos se agarrarem aos netos, os avôs não fazem isso também, e fazem, mas não de se agarrar, mas de promover nos netos homens que eles sejam miniaturas e cópias deles e as avós, elas de alguma forma pretendem como se fossem não fazer deles modelos ou cópias delas mas como se elas pudessem contar com aquele garoto pra tudo. Isso levando a uma agitação ou outros sintomas na criança. Mas, como é que a gente faz pra renovar essa perspectiva de entrega, renovar se a gente torna isso velho, é como eu disse que essas mulheres sentem o gosto amargo na boca. Isso eu não escuto dos homens, esse gosto amargo na boca, eu queria destacar isso. Esse amargor as mulheres temem entrar nele, amargor que os homossexuais femininos na minha escuta clínica reclamam

que podem entrar nele também. Mas eu não escuto esse amargor nos meus pacientes masculinos, eles não falam, não tem essa perspectiva amarga. Renovar a entrega nessa experiência dessa solidão que é a feminina, me vem uma outra imagem agora que é as flores nascerem do deserto, uma outra expressão que Lêda Guimarães usava muito e que está stand out, uma capacidade de amar, eu acho que o homem pode inventar uma coisa, pode constituir famílias, pode, a mulher também pode trabalhar, constituir famílias mas isso que na mulher reclama que é nela, ela pode até ter um discurso feminista, um discurso psicanalítico e entenda que ela diz que ela não tem essa requisição mas na prática clínica, isso vem do corpo dela e reclama essa entrega, esse álibi, essa possibilidade de usar esse álibi, de desfuncionamento e qual é o lugar que na cultura da gente, a gente pode pensar para poupar as mulheres disso, de que lugar essas encontram a experiência pra isso?

Elas encontram uma experiência pra isso, eu digo: vou pensar agora nas saídas que essas mulheres elas têm que sair um pouco da abstração. Elas fazem saída pelo álcool também, mas elas, esse amor, amar é dar o que não se tem. Talvez seja a função do analista na maioria das mulheres, que não são geniais, as mulheres banais, a maioria que a gente recebe. Talvez seja a gente sustentar, por isso que as análises das mulheres se prolongam muito também. Talvez seja a gente sustentar essa capacidade de amar até que a sorte faça com que essas mulheres possam novamente se entregar a esse gesto aí de entrega, de álibi, de amor do um parceiro fora da análise. Eu sinto isso, principalmente as mulheres que se divorciam, elas poderiam inventar alguma coisa no trabalho delas, mas elas reclamam nelas uma coisa que não esteja no âmbito do trabalho nem uma criatividade do trabalho delas. Elas querem no âmbito afetivo, seja criando sobrinho, seja encontrando parceiros eventuais, seja parceiros mais bonitos, seja aumento o ciclo de amizades, é assim que eu tenho encontrado. E no caso dos homens se passam coisas muito diferentes disso porque eles não têm essa sede de amar, eu observo. Não pensei nas mulheres das classes trabalhadoras para responder isso, faz muito tempo que eu não escuto as mulheres das classes trabalhadoras, estou pensando nas mulheres que elas trabalham, vivem do trabalho muito mais leve, não conquistaram postos que deram a elas excedentes financeiros, possibilidades muitos grandes no campo dos negócios, enfim, empregos ou de negócios que dão a elas uma condição muito mais confortável do que aquelas mulheres que trabalham para sobreviver.

Talvez a gente deveria falar sobre essas mulheres. Eu escutei muitas. Mulheres do povo, certo? Você acabou me dando a oportunidade de retomar esse tema da feminilidade que eu não tinha

estudado há muito tempo. Eu estudei com Lêda Guimarães e foram essas as palavras. Espero que tenha ajudado.

Entrevista 9

Entrevistadora: como você compreende a posição feminina no ensino de Lacan?

Entrevistada: Sim. Veja, a gente sabe que com Freud, só tocando um pouco em Freud, a partir dos casos clínicos dele, os clássicos, entre eles Dora, se percebe uma certa dificuldade de Freud de enxergar esse universo feminino. A ponto de ele dizer que a mulher só seria entendida pelos poetas e tem uma coisa muito engraçada porque eu gostava muito de um poeta daqui de Recife, Marcos Accioly e certa vez eu fui assistir, ele faleceu infelizmente excelente escritor e poeta.

Então eu disse a ele assim: Ou Marcos, na palestra dele, "O que você poderia dizer sobre a mulher"? Aí ele disse "não sei dizer sobre a mulher". Hum. Eu fui em busca desse dito de Freud e, no entanto, o poeta não soube dizer né? Então, o que eu gostei de Lacan é que ele vai trazer na fórmula da sexuação que não é nada fácil, mas o lado homem e o lado mulher. E com isso vem toda uma teoria abrangendo essa questão se bem que com esse binário lado homem, lado mulher, e que hoje está muito debatido, mas que me parece que faz sentido ainda hoje, apesar das diferenças que são colocadas já com a psicanálise que continua muito viva entre uma coisa e outra, o universo feminino e o universo masculino. Então ele na fórmula, eu até estive procurando, porque não sei se você já leu, mas a gente tem aqui esse gráfico feito por Lacan né? onde ele coloca o lado masculino onde ele vai trazer, a partir mesmo do escrito de Freud o mito edípico. Onde apenas um, apenas um, que é o pai da horda, não é submetido à castração. Que é o pai. Então, ele coloca os homens nesse universo e que do lado feminino ele coloca que não existe nenhuma que não seja submetida à castração. Então, dentro desse universo que não tem nenhuma que não seja submetida tem todo um contexto teórico aí humano, por isso que é complicado para falar em poucas palavras, mas que vai fazer uma certa diferença entre homem ou mulher. Só que veja, Lacan também vai colocar e aí que eu acho que foi muito feliz na colocação dele e que isso não tem a ver necessariamente com o ser biológico. Nasceu homem tem pinto, nasceu mulher sem pinto. Não. Isso não é da anatomia. É o lugar que a o homem ou a mulher ocupa, porque uma mulher pode ter, vamos dizer assim, uma conduta masculina e o homem pode ter todo o lugar feminino. Então isso não destrói, vamos dizer, não atrapalha a

teoria. Porque são apenas lugares onde as pessoas vão se posicionar nos relacionamentos sexuais. Então há casais, vamos dizer, casais hétero, um exemplo onde o homem pode ter muito mais uma função feminina e a mulher tem muito mais uma função masculina. Quer dizer, não é fato ou vice-versa, né? Quer dizer, as coisas não tem a ver com a coisa biológica, o corpo biológico. Então isso me agrada muito, porque a clínica traz muito essa questão, a clínica é repleta dessas trocas de lugares. Principalmente agora na contemporaneidade. Entendeu?

Entrevistadora: Segunda questão é a seguinte: Você percebe em sua clínica manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado a posição feminina segundo o ensino de Lacan? Vou repetir, você percebe na sua clínica manifestações sintomáticas, sintomas, questões, discursos, né? daquilo que se poderia dizer, tratar-se de algo ligado, relacionado à posição feminina do ensino de Lacan?

Entrevistada: Muito. Porque a posição feminina ela se liga muito a uma insatisfação e a mulher, na atualidade de uma maneira geral, agora isso a gente pode estender para todos. Mas como você está perguntando em relação a mulher, a mulher traz sempre, na base mesmo, né? uma questão que tem a ver com a insatisfação. Então há algo de insatisfação que hoje se trabalha, hoje já há algum tempo, quando eu digo hoje, mas não é hoje, há algum tempo, que essa insatisfação está ligada exatamente à falta. A falta foi trabalhada de alguma forma, foi trazido por Freud como a falta da inveja do pênis. E o homem é o medo, o medo de perder o pênis. Depois se caminhou e Lacan traz a falta como aquilo que não houve marca no corpo da mulher. Aquilo que não tem o registro, porque o que é que aconteceu? O pênis passou a ter uma conotação de falo. Porque é algo que tá, vamos dizer assim, tá no corpo, mas fora do corpo, não é interno e, tem a ereção. Quer dizer. E aí vamos ver todas as artes vão trazer, a arquitetura, as peças, as esculturas vão trazer muito nesse universo fálico, Brenan aqui no Recife vamos dizer assim é uma né? É aquele que traz todo o universo fálico, falicizado da construção do mundo. Então Lacan vai trazer essa marca e essa marca que está no corpo, porque não tem, quer dizer, essa ausência da marca, na verdade na mulher a ausência da marca faz com que ela vá buscar em algum lugar. Freud dizia que ela ia ter filhos, homens. Principalmente se fosse menino. Mas que caminhou muito a psicanálise, ainda bem, e a mulher que ainda rivaliza muito com a mãe, é uma coisa que, isso é na clínica presente, então a mãe é aquela que volta-se a Freud até nesse momento, mas a grande rival, a grande rival da menina é a mãe. E ela entra porque a mãe não deu aquilo que ela sabe que o irmão tem ou que o colega do colégio tem. Então ela sabe que o menino é diferente dela biologicamente falando. Mas essa falta ela

vai buscar em outro, não mais em casar. Aí é mudança. Então as meninas vão ver, as pessoas estão mudando essa forma de busca. Não é mais naquele homem que podia lhe lidar, aquilo que ela precisava ter. Então o homem, príncipe, rico, se possível. Né? Não é mais isso. Ela não está assim querendo parcerias no sentido de buscar alguém que tenha. Não, ela pode buscar em questões do ter. E aí entra outra coisa que são os consumos, né? As mulheres vivem consumindo em todos os patamares, consumindo objetos, consumindo bebidas, consumindo cigarros, fumam muito ainda hoje, bebidas demais e o parceiro não é mais tão necessário. Então há algo que houve uma dispensa-se um pouco do homem. Porque vão buscar entre outras formas. É isso que eu observo na clínica. Uma insatisfação e uma busca sistemática por alguma coisa que tampone essa falta, esse vazio. Isso é muito presente na clínica, muito, que é um vazio. O feminino.

Entrevistadora: Terceira questão. Justamente, se você encontra na sua clínica tudo isso aí que você falou a pergunta então seria: Como se daria no seu trabalho de analista o manejo da posição feminina, na direção do tratamento analítico na atualidade?

Entrevistada: Veja, isso é uma questão que requer de fato o manejo onde a direção seria um trabalho em cima disso, que é ilusório, a obtenção de algo que tampone aquela angústia, aquela falta, porque ela vai trazer... Eu tenho muitos exemplos, vai trazer essa insatisfação e traz aquisições de objetos, como Lacan fala gadgets para tamponar e a insatisfação continua a mesma. Quer dizer, ela vai numa loja, compra dez bolsas, como uma paciente minha ia, pegava Arezzo, por exemplo, e diz “eu quero essa prateleira”, ela não olhava nem direito. Então o trabalho é em cima dessa busca incessante para tamponar na verdade algo que ela não tem como fazer. Essa falta, essa ausência, Freud já falava na questão da castração, né? Porque o ser humano, o parlêtre, o ser que fala que tem a linguagem, é naturalmente o ser que salta. Quando o ser adquire a palavra, a palavra entra e a falta já está ali. Parlêtre é o ser que fala. Então se supõe que no processo analítico a fala vai ser extremamente importante para que a gente possa fazer um trabalho onde esse universo faltante seja extremamente, a partir de várias sessões, inúmeras, ninguém pode dizer quantas serão, mas que essa falta vai ser bordejada por criações, invenções. Invenções que vão dar uma direção a um caminho satisfatório, certo? Então, ao invés da infelicidade porque não encontra, eu estou dizendo em poucas linhas, viu? Isso é muito mais complexo do que isso, do que eu estou falando. Infelicidade porque não encontra algo que supra esse o buraco, que se coloque nesse buraco, ela vai bordejando o buraco através das suas questões e vai vendo que pode se fazer outras coisas que não comprar objetos, que não... Então

parte-se para projetos, parte-se para possibilidades de aceitar a vida como ela é. Então é isso que a psicanálise apesar da gente estar num momento que Zygmunt Bauman vai falar da sociedade líquida, não sei se você conhece, então dos afetos líquidos, de que tudo se dissolve, mas que é algo que Lacan já trazia, de que a palavra também é líquida. Então a palavra vai ser ouvida da forma que está nesse momento da contemporaneidade. Temporaneidade. Então a psicanálise continua viva e trabalhando esse momento líquido até que é uma outra condição. Né? Onde as sessões curtas, as intervenções vão dar lugar a aquilo que se fazia muito que era interpretação. Então tem outra condução. Mas o que é importante ressaltar é a possibilidade de você circular esse vazio e encontrar propostas e objetivos pra sua vida. Porque enquanto você está procurando ou pelo vício do álcool ou pela compra ou por qualquer coisa é algo que é sintomático, então enquanto se tivesse com sintomas para na verdade não lidar com o próprio vazio, a pessoa está no buraco, literalmente no buraco. Então a psicanálise tem essa possibilidade de bordejar esse vazio e trazer outros caminhos, e não esse de preencher a falha. Que essa falha é constituinte do ser humano. Todo parlêtre, está sujeito a uma falta. Zygmunt Bauman, esse que falou da vida líquida, do momento líquido, ele diz uma coisa ele é sociólogo, ele não é psicólogo. Ele diz assim: a vida líquida é uma vida precária vivida em condição de incertezas constantes porque uma vida que se dilui, você cria um vínculo aqui, no computador eu tenho mil amigos na internet. Você deleta aquilo na hora que você quiser. Então, não há vínculos. Ah eu tenho duzentos amigos. Ou então, as pessoas se encontram e não se encontram mais né? As vezes tem até um relacionamento sexual e não tem o elo. Então, ele diz o seguinte: a vida líquida é uma vida precária vivida em condições de incertezas constantes. Aí outro pensamento dele: a vida líquida é uma sucessão de inícios e precisamente por isso, finais rápidos e indolores tendem a ser os momentos mais desafiadores e as dores de cabeça mais inquietantes. Então, ele faz uma crítica enorme à vida líquida que é o que a gente vê e é mais estudado mesmo, que está se estudando, está se vendo que é a condução da psicanálise diante dessa vida líquida. É só um adendo porque eu gosto muito de falar que a Psicanálise continua viva. Não se furta a acompanhar sua época.

Entrevista 10

Entrevistadora: Como é que você compreende a posição feminina no ensino de Lacan?

Entrevistada: Bom, eu acho que Lacan vai abordar a questão da sexualidade feminina fazendo uma diferenciação entre gozo fálico e gozo suplementar. Eu acho que quando ele dá uma percepção que Lacan tem na clínica de que alguma coisa que não é representável, de alguma coisa que não se dá a ver, que não se dá nomear e que ele identifica isso e vê isso a partir da sexualidade feminina. Então eu penso que Lacan ele traz uma contribuição enorme porque ele se adentra a esse universo feminino que Freud deixou como interrogação. Aquilo que Freud deixou como enigma no campo da sexualidade feminina, a questão central de Freud que era abordar o feminino a partir da ordem fálica, Lacan ele vai abordar o feminino por uma ordem para além da dimensão fálica. Então eu acho que isso foi uma chave fundamental e eu acho que ele se adentra nesse campo aí da sexualidade feminina, no seminário *Mais ainda* né? Seminário XX. É onde ele chega, no meu ponto de vista, ele chega a produzir esse novo sobre a sexualidade feminina, que eu situo assim no seminário XX eu situaria ali dentro das fórmulas da sexuação. Ele define lá como uma posição feminina. Quer dizer, em Freud esse outro lado do falo foi nomeado como continente negro, né? Freud falava de continente negro, do enigma indecifrado, mas ele queria pensar esse enigma, essa terra incógnita do feminino, mas ele pensava a partir do falo né? Mesmo que fosse o lugar inexplorado, mas Lacan ele avança nisso aí, do meu ponto de vista, do ponto de vista do gozo. As fórmulas da sexuação elas vão relativizar também essa dimensão anatômica. Eu acho que essa é outra dimensão que Lacan traz, ele relativiza a determinação anatômica e situando o masculino e o feminino como modos de habitar a linguagem. Não tinha a ver com o anatômico, tinha a ver com modos diferenciados de habitar a linguagem. E outra coisa que que Lacan vai dizer sobre o feminino muito importante de destacar que eu acho que é que o gozo feminino ele não é exclusivo das mulheres. Assim como o gozo fálico não é uma prerrogativa dos homens. Né? Interessante isso essa questão que Lacan traz, é muito interessante. Claro que no *Mais ainda* ele ainda está servindo essas duas dimensões né, ele fala de gozo feminino, gozo masculino. O gozo feminino sinaliza o limite do simbólico. Mas que esse limite do simbólico está pra homens e mulheres. Então o gozo feminino pra Lacan ele está fora desse registro do todo. Não é isso? Quer dizer o gozo feminino está fora desse registro do todo, do universal. Vai se caracterizar por essa extrema

heterogeneidade, é um ponto obscuro do gozo de qualquer ser, na sua radical singularidade. Embora que no *Mais ainda* ele diga, ele vai fazer um pouco esses campos de mulher e homem, de mulher e homem. A mulher não inteiramente no simbólico teria uma relação mais privilegiada com o real, lembra que ele diz isso, né? A mulher, ele se refere a mulher, o real, mesmo que ele diga que o gozo feminino está pra homens e mulheres, mas ele chama essa atenção que a mulher teria uma relação privilegiada com o real e o real pra Psicanálise é essa ausência de lei pra predizer as relações sexuais. Ou melhor, é uma ausência de escrita da relação sexual e as consequências pra cada um desse, digamos assim, desse defeito aí que o humano tem, que não se estabelece a relação, numa escrita da relação sexual. Então é isso, acho que do feminino um pouco pra começar, poderia dizer isso. Essas questões, que Lacan também vai dizer que o gozo como tal, ele parte dessa questão da separação do gozo masculino e do gozo feminino pra chegar a uma ideia de o gozo como tal é o gozo feminino. Então você fala de gozo masculino e gozo feminino, mas quando ele quer falar do gozo como tal é o gozo feminino. Então, isso é muito interessante também. É um caminho que Lacan vai fazendo e até chegar a esse ponto, que o gozo é o gozo feminino. Então, pra iniciar, eu diria essas questões. A gente pode retomar isso aí depois.

Entrevistadora: Você percebe em sua clínica manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado à posição feminina segundo o ensino de Lacan?

Entrevistada: Então eu acho que isso fala da posição do analista. Lacan vai fazer uma aproximação que eu acho que é muito fecunda entre a posição feminina e a posição do analista. Até afirmar que as mulheres podem até ser melhores analistas, mas também as piores, então ele fala isso e eu entendo que há algo da autorização do feminino, né? E quando a gente chama dessa autorização do analista, ele autoriza também ao feminino. Mas, mas dessa questão mesmo assim do ponto de vista do que que eu encontro na clínica eu vejo... Lacan parte no início do seu ensino que é assim, que é o manejo da transferência a partir da exaltação de um certo universal, do pai. Ele ainda está no registro do pai. Naquela ideia de pai como aquele que diz não, liberando a criança da sujeição a mãe e do gozo implicado na relação, o fim da análise seria uma noção de travessia da fantasia onde se desnuda as questões do ser, tudo isso é um pouco que caminhou Lacan no seu primeiro ensino, onde a pergunta era quem sou, né? Devesse lidar com a questão das significações sustentadas pelo desejo, não é? E que havia essas questões todas que eram suscetíveis de uma resolução. E tendia para um nada que Lacan vai nomear de desser, é o Lacan na perspectiva ainda de uma resolução ontológica. Então, mas o Lacan, Miller

traz uma contribuição muito interessante que eu sempre registro essa passagem, que no curso dele de 2011, *O ser e o Um* né? Um curso de Miller, ele vai afirmar uma coisa que eu acho fundamental pra gente entender essa segunda clínica de Lacan, ele vai dizer que o que abriu a porta pra o último ensino de Lacan foi o gozo feminino, ele entra no segundo ensino a partir do que ele foi adentrando nessa questão do gozo feminino. Esse gozo suplementar ao gozo fálico que certas mulheres experimentam, que elas possam dizer algo sobre isso. Então Lacan em um primeiro momento ele vai isolar, como eu disse, essa relação desse gozo, em relação ao gozo masculino, mas no segundo tempo do ensino dele, que é esse que você está me perguntando, ele generaliza, ele vai dizer que o regime do gozo como tal é exatamente o gozo não edipiano, é porque esse gozo masculino e feminino é um gozo na dimensão do Édipo né? Mas o gozo concebido como subtraído por alguma coisa fora da máquina do Édipo, é esse gozo como tal. É um gozo reduzido ao acontecimento de corpo. Então, no último ensino de Lacan, ele vai se orientar por outra bússola. Que é a bússola do sintoma. Então eu vejo essa questão por exemplo no segundo ensino de Lacan na minha clínica a questão que a gente fica muito mais se perguntando na perspectiva do que que é que o sujeito, a gente se se volta muito mais para a dimensão do real do que do sentido porque Lacan está falando de uma dimensão do que enoda e não enoda. Daquilo que ele está pensando muito mais na perspectiva do nó do que na perspectiva do sentido e do significante, do S1 e o S2. Então eu me pauto hoje e vejo muitas questões das dimensões do sujeito e realmente só faz sentido se você pegar essa perspectiva do nó. Daquilo que pra o sujeito serve de enodamento e não serve. Daquilo que ele faz com aquilo que não tem nome. Aquilo que o sujeito faz. Quais as invenções possíveis que a análise pode ajudar esse sujeito a criar pra aquilo que ele não consegue nomear, que é esse gozo como tal. E eu vejo isso em várias questões no sujeito, na dimensão amorosa, na dimensão do trabalho, na dimensão da sexualidade. Hoje é muito mais fecundo, claro que você tem toda uma dimensão da análise que você se pauta ainda pela história, por tudo que conduz o sujeito. É uma certa historieta que a gente chama. Mas o que o analista visa e pensa é cernir esse gozo como tal. A dimensão de gozo, a dimensão real, esse aqui é o foco central de hoje do que eu escuto dos sujeitos a partir da segunda clínica de Lacan. Isso foi muito útil pra direção do tratamento. Você pensar na dimensão de gozo, na dimensão do que não se representa. Porque se você vai pela via do que representa a via é uma. Você fica muito mais em cima mesmo deste código que faz sentido. Que é um tempo da análise. A análise também precisa disso. Mas ela precisa de um analista que tenha no horizonte essa dimensão do gozo, essa dimensão do real. Essa dimensão que não tem história que dê conta. Não tem historinha que caiba. Não tem historinha que dê solução. A não ser a invenção do sujeito em relação a esse inominável. Que

que o sujeito vai, é um saber fazer do sujeito com isso. A gente chama dos restos sintomáticos que não cabe em canto nenhum e que ele vai ter que encontrar uma maneira de se virar com aquilo. É dessa maneira que eu faço a diferença entre um certo ensino, certa direção do tratamento no primeiro ensino e no segundo né, eu sei que não foi bem exatamente isso que você perguntou, mas eu me situo um pouco assim, pra dizer de como eu trago para minha clínica essa dimensão feminina.

Entrevistadora: como se daria no seu trabalho como analista o manejo da posição feminina na direção do tratamento? Acho que você acabou respondendo mais essa. O manejo, o que você considera, em que você se pauta hoje, não mais na decifração do sentido, e essa daqui é se você, tomando como bússola a posição feminina em Lacan, se você encontra manifestações em sei lá, nas toxicomanias, nas parcerias amorosas...

Entendeu?

Entrevistada: Eu vejo nos novos sintomas, nas parcerias amorosas, eu vejo essa dimensão, é que eu misturei, trouxe essas duas dimensões ao mesmo tempo. É visível hoje uma coisa que chega também para o analista, o sujeito ele chega com as nomenclaturas do contemporâneo já muito sedimentadas.

Entrevistadora: Você percebe em sua clínica manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado a posição feminina segundo o ensino de Lacan? Pode continuar.

Entrevistada: Então, eu vejo as manifestações do que chega hoje na clínica, pessoas, sujeitos que eles chegam muito mais com essa dimensão do real, essa dimensão daquilo que o sentido e o significante não ajudam muito esse sujeito porque ele já chega sempre sem fazer muitas perguntas sobre o porquê do seu próprio sintoma, que era o que a primeira clínica ajuda, ela permitia né pensar. Os sujeitos chegavam perguntando sobre a causa do seu sintoma. Havia um desejo de saber e que o analista seria esse suposto saber pra esse sujeito. Hoje esse sujeito já chega com um certo saber. Ele já chega ali numa certa montagem de saber e que a segunda clínica, que é isso que eu estou chamando, já chega com essa montagem que é a montagem do próprio real ali e que a segunda clínica vai ajudando muito a pensar esse enodamento do sujeito ou esse enganche e desenganche do sujeito. A pergunta da questão da clínica, do que chega hoje da clínica, das toxicomanias, dos novos sintomas, das novas parcerias, eles vêm com essa coisa muito mais densa e que cabe ao analista ir afrouxando esses nós, encontrando os enlaces

e desenlaces esse sujeito. As invenções que esse sujeito pode ter. Então, eu encontro sim na minha clínica essa dimensão e a segunda clínica de Lacan me ajuda.

Entrevistadora: Gostaria de falar mais alguma coisa?

Entrevistada: Deixa ver se tem mais alguma coisa do manejo que poderia falar... Acho que eu acabei falando no manejo. É, então é isso, eu acho que essa articulação entre o feminino e o irrepresentável na clínica ela segue realmente essa via do que eu poderia chamar também do fazer poético e da invenção a gente fala disso, que funcionam, eu acho que funciona pra cena analítica como um saber fazer. Ali diante do real, do impossível e dos limites que o gozo impõe à palavra, a gente precisa encontrar isso. Por que que a gente fala da do fazer poético? Porque a poesia é invenção. A poesia é você transformar uma dor em uma palavra, em uma criação. Então eu acho que essa dimensão do manejo na clínica é são essas questões que a gente traz, quer dizer, um saber fazer com esse vazio. No sentido de se virar, do sujeito com esse gozo que insiste em não se representar. É o sujeito se virar com esse traço que é radicalmente singular, que é a marca de gozo dele que insiste em repetir. Então, na clínica, o trabalho com o feminino convoca a essa interpretação, que inclui esse irrepresentável, que nos leva ao campo da escritura, que nos leva aos limites da interpretação, que nos leva a uma invenção, uma saída singular e criadora. Que é a dimensão da letra, da escrita que bordejam de maneira muito especial esse impossível de dizer e de simbolizar. Então eu acho que realmente esse manejo com a segunda clínica ela é muito rica. Muito rica. Essa dimensão do feminino que Lacan traz de dizer que o gozo como tal é feminino. E é com ele que a gente trata quando a gente está tratando com a dimensão de gozo dos sujeitos é muito interessante, é muito rico, é muito fecundo.

Entrevista 11

Entrevistadora: como é que você compreende a posição feminina no ensino de Lacan?

Entrevistada: Então uma coisa importante é fazer uma distinção entre feminilidade e feminino na teoria de orientação Lacaniana. A posição feminina, você está se referindo à feminilidade ou ao feminino? Porque se você estiver se referindo a feminilidade, é algo que a gente trata desde Freud, diferença anatômica entre os sexos, na relação da menina com o falo que é diferente da relação do menino com o falo, toda aquelas que a gente vai pra questão edípica. A primeira fase, a segunda fase e a passagem que uma menina tem que fazer para ter do lugar de ter o falo da inveja para ser o falso. Isso está no campo da feminilidade. O campo do feminino, esse significante feminino na orientação lacaniana, ele se presta a algumas confusões. Tenho dito da importância de precisar de que referencial estamos falando. Portanto, eu estou respondendo a você a partir do referencial da psicanálise de orientação lacaniana, porque ele se presta a confusões com gênero, com o feminismo (....). O feminino em psicanálise é uma posição que vai além do falo, ela se relaciona ao modo de gozar e não a questões relacionadas a gênero nem tão pouco feminilidade. Ela vai, portanto, além do falo, é um gozo que tangencia o que é do campo do excesso e ao mesmo tempo Lacan, no seminário 20 nos diz que o gozo feminino dele nós não temos uma palavra. As mulheres não soltam uma palavra. Não somente as mulheres podem estar no gozo feminino, tá aí a dificuldade que o significante feminino provoca, porque nós temos exemplos de místicos como São João da Cruz que são termos de gênero do masculino, mas em cima de gozo localizado no feminino e quer dizer um gozo que tem um pé no falo, mas que vai além dele. Então seria isso na contemporaneidade. A gente diz que é um predomínio do gozo e detrimento do desejo, o que faz com que a ascensão, digamos assim, da feminilidade, da feminilidade que a gente diz na contemporaneidade. Isso equivale a dizer que é uma ascensão do gozo desenfreado que a gente vê por exemplo nas adições para citar apenas um exemplo. Isso. Acho que estar de bom tamanho.

Entrevistadora: Você percebe em sua clínica manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado a posição feminina segundo o ensino de Lacan?

Entrevistada: Sim, e a gente vê especialmente essas questões ligadas ao amor. Então a gente vê por exemplo mulheres que tem essa dificuldade desse deslocamento de ter o falo, para ser o falo. Então são mulheres, por exemplo, que tem uma ascensão profissional muito boa. Que ganham bem, a gente vê isso muito bem na contemporaneidade, mas no momento em de fazer o jogo de sedução, sair, de ter o falo para ser o falo, talvez exercer a mascarada, elas têm dificuldades. Então entram, por exemplo, numa competição sem fim, com a questão masculina, com o lugar, com o falo. Ainda você vê, porque a questão do tempo pra psicanálise não é cronológica, é lógica, então a gente vê voltando o que eu ia dizer, mulheres que comparecem na clínica com a idade avançada, trinta e cinco, quarenta anos, mas com uma posição adolescente ainda. Esperando receber o falo do outro para tê-lo. Então sem sombra de dúvida é muito comum, sobretudo no campo do amor, e o manejo transferencial é justamente levá-las a fazer essa passagem de ter o falo para ser o falo, né? E poder, por exemplo, se dar conta de que a competição lá de trás, primária, muitas vezes com o irmão, muitas vezes, aí vai depender do caso a caso, é uma fala clichê, mas é verdade. A psicanálise trabalha com a singularidade do caso. Então se dá conta de que aquilo que ela queixa, "não me dá atenção", "não sou importante", que as queixas aparecem assim, "tudo menos eu".Há uma referência teórica de Jacques Allain Miller, no *Osso de uma análise* em que ele traz muito isso. Então a gente vê a relação embaraçosa que é feminina, as mulheres, a posição feminina tem, com as palavras, quando por exemplo ela queixa de não receber palavras de amor, os homens falam pouco, dizem pouco, porque a relação com a palavra na posição feminina é diferente na posição masculina, então por não terem uma inscrição no inconsciente da posição feminina elas falam, falam, falam tentando adquirir essa posição, porque no inconsciente nós só temos a representação de um significante que é o falo. Então lhe respondendo que sim, há uma manifestação, uma outra manifestação interessante que é a dificuldade com a maternidade. Hoje a gente tem visto que as mulheres postergam a maternidade sempre com o discurso, quando eu digo sim, porque eu quero dizer a maioria, mas cada uma se manifesta na sua singularidade, preciso da minha independência, não posso depender de homem. Estão muitas vezes ali realizando o que as mães não puderam realizar. E quando querem a maternidade, vem toda uma dificuldade contemporânea que aí a gente precisa entender que a psicanálise também é atravessada pela cultura, pela biologia, pela alimentação e hoje é muito comum as mulheres terem uma endometriose, por exemplo, que dificulta a gravidez. E para concluir, eu queria lhe dizer que há algo também importante que é a relação que essas mulheres contemporâneas tem por ter um filho com o desejo caprichoso. custo. E um pra concluir ainda a gente tem hoje a manifestação de mães que são mães Aí já é uma manifestação, o desejo da mãe caprichoso é

aquele que não tem limites pra alcançar o objeto que se supõe, objeto do desejo, que termina virando objeto mais de gozar. Então elas pagam fortunas pra engravidar como se o filho fosse um objeto a mais que se pega na prateleira. É como se o filho objeto pudesse ser pego prêt a porter. Então essa é uma outra manifestação contemporânea. Aí a gente já pode pensar que vai um pouco além do falo porque cai no excesso. Precisa ter o filho a qualquer preço e a qualquer extremamente fálicas justamente que ainda estão em ter, no campo do ter o falo, que geram crianças por exemplo fóbicas, sufocadas né? com o excesso de desejo da mãe, já fazendo aí uma relação com o declínio da imago paterna, da função paterna que deixam essas crianças à mercê desse desejo. É o que me ocorre hoje.

Entrevistadora: Como se daria no seu trabalho como analista o manejo da posição feminina, da direção do tratamento analítico na atualidade?

Entrevistada: Então, essa é uma pergunta ampla que infelizmente nos leva a ter que dizer que é um manejo que depende do caso a caso. De modo geral, a gente precisa tomar cuidado sobretudo com sujeitos histéricos que tendem a querer colocar o analista a trabalho delas. Então, como em todo caso, o primeiro manejo que a gente faz é o que a gente chama de histerização. Quer dizer, implicar o sujeito no que ele ocorre, porque a tendência é achar que é algo de fora. Então ele não me quer porque, falando agora já das parcerias amorosas, "ele não me quer porque ele tem outra". A gente vê por exemplo a preocupação muito grande com a questão performática, "ela é melhor", "ela é mais bonita". Então, a gente vê, por exemplo, o crescimento na clínica da depressão feminina, porque o nível de exigência de performance da cultura é muito grande e a gente vê que se submete na tentativa de ter esse falo ainda. Então como eu lhe disse antes, todo manejo é no manejo de implicar, de histerizar, que quer dizer buscar a relação, de apontar o lugar que esse sujeito se coloca na relação com o Outro, tanto que implicar o que ela faz ou o que ela não faz pro que está lhe ocorrendo. Isso é freudiano, a gente vê isso desde o caso Dora, né? Como a gente vê isso até o final do ensino de Lacan, quando ele criou o termo histoeryia. A histoeryia é um neologismo que se escreve com "Y" que é uma junção da história e da histeria. É sobretudo uma história feita para o Outro. Então quando a gente diz histericizar é tirar desse campo do Outro pra implicar o sujeito. A gente vê na contemporaneidade também, pensamos já no avanço da teoria lacaniana a histeria que a gente chama de histeria rígida, é aquela do gozo, do um, do um sozinho. Uma histeria que se dar sem o Outro. Mas eu diria pra você que a grande questão do manejo das histéricas é apontar

a preocupação com a outra mulher, a disputa imaginária. Então a gente parte de tratar um imaginário que é bem forte para depois conseguir chegar numa posição simbólica, frente a esse Outro. Agora o manejo é uma pergunta difícil porque ela vai realmente depender do caso a caso. Então tem pessoas que chegam muito na competição como analista que precisa sair dessa rivalidade, outras são mulheres frágeis a posição feminina. Outras são pessoas. Um dado importante no trabalho com mulheres na clínica é saber como foi a sexualidade feminina na mãe. Porque tem algo que é transmitido de geração em geração e que leva à repetição. Então recentemente eu, pra dar um exemplo clínico, fazia supervisão de um caso de uma mulher muito bem colocada profissionalmente, mas que ela tem uma compulsão pelo trabalho. Aí é uma manifestação do gozo do feminino, além do falo, e numa dada sessão ela pode dizer que o modelo era avó. O que que essa avó fazia? Era uma dona de casa, mas não uma dona de casa qualquer. Era uma dona de casa excelente, então isso sim será lido e interpretado por ela como "tudo que você fizer tem que fazer na excelência". E o que que acontece? Uma insatisfação enorme que é outra marca da posição feminina, da posição histérica, porque o ideal está lá em cima como sempre. E o ideal é feito pra não ser alcançado. Cada vez que ela tem uma promoção já não basta. Precisa de outra, precisa de outra, está caindo agora na exaustão. Então a conclusão que chegamos é que se trata de uma compulsão pelo trabalho, mas que tem na origem uma identificação muito forte com a mulher. Quase com a mulher com letra maiúscula que se transformou pra ela a avó. Na qual a avó se transformou pra ela. Então são algumas manifestações que trago pra exemplificar e o manejo vai ser no caso a caso, derrubando essas identificações, mas você não é a sua avó, e fazendo ler o lugar que o sujeito coloca o Outro. Por isso a histoeryzação. Para daí partir pra implicação. Obviamente que tem todas as dificuldades com os homens, que sempre não prestam, que sempre são tão fracos, se aproxima de pessoas que ganham menos, enfim, são exemplos clínicos onde se vai apontando o núcleo, né? do recalque que está aí, pra que o sujeito possa avançar e mudar de posição.

Entrevista 12

Entrevistadora: Como você compreende a posição feminina no ensino de Lacan?

Entrevistada: Eu acho que Lacan ele vai no esteio freudiano de interrogar esse feminino como um continente negro. Algo da ordem do enigmático. O feminino trata-se de um enigma tanto para homem quanto pra mulheres. É aquilo que toca um gozo que a gente não sabe dizer. Gozo que está no corpo, é um enigma que pode provocar aflições, pode provocar curiosidade, e também pode provocar o horror, no campo do que a gente chama em psicanálise lacaniana, do estrago. Porque aquilo que transborda vai para além do sentido, então quase sempre no campo, quase sempre não, é do campo do objeto, do objeto a. O sujeito se apaga aí né? Nesse campo que fica sem forma. Então eu acho que pra começo de conversa. Agora se a gente for pegar um pouquinho mais teoricamente, eu localizo ali por volta dos anos setenta no *Seminário 20* de Lacan, as fórmulas da sexuação. Então aquela, a questão de que os homens estão todos dentro do referencial fálico e que a mulher é não-toda no referencial fálico, ou seja, ela é dividida num pedaço lá no referencial fálico e o outro pedaço está nesse gozo outro, que é o gozo que Lacan recorta como feminino. Ali quando ele está fazendo essas formulações que pela chamada da famosa tábua da sexuação, acho que muita gente ficou preso no que ele chamou o lado homem e o lado mulher. Mas como eu entendo, não se trata do gênero, mas de modo de gozo. Então quando a gente está falando do feminino acho que Lacan tem esse campo muito diferente do campo masculino em relação ao falo no campo, vamos dizer, masculino né? Seria dos sujeitos que se inscrevem, de todo completamente na função fálica e o lado feminino seria esse gozo outro né? que remete ao impossível de dizer, à falta de ter limites claros. Enfim, eu acho que assim, diferentes formas de velar o nada que o sujeito traz aí né.

Entrevistadora: Você percebe na sua clínica manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado a posição feminina segundo o ensino de Lacan?

Entrevistada: Demais, demais. Eu acho que o mal-estar da contemporaneidade não é o mesmo da minha clínica de vinte anos atrás. Vamos dizer, na civilização atual, pensando naquele texto do Miller que a gente gosta, *uma fantasia*, com as quedas dos ideais, o objeto a no zênite sustenta sim isso que fica sem forma e que não é referente a um sentido. Não corresponde ao

sintoma e que seria uma formação do inconsciente. Então se antes, a vinte anos atrás ou no início da minha clínica o trabalho era mais com o simbólico, escutar o que o significante velava, o que que se poderia dizer, o que se era decifrável de um sonho, de um chiste. No sintoma atual é um corpo que está em primeiro lugar. Então é o gozo do corpo, é o acontecimento de gozo no corpo que nos orienta para a prática clínica, orienta nossa prática clínica. Então, muitas vezes o sujeito não chega com a formação do inconsciente, mas chega com esse corpo investido de libido, ou então desinvestido de libido a palavra não sustenta mais da ordem de uma interpretação pelo simbólico. Então, a gente começa a ficar mais atento também a questão de *lalíngua*, o significante é da ordem da estrutura do inconsciente. E *lalíngua* é isso que seria a via prínceps para o real né? Que nos aproxima da orientação que está interrogando o opaco do gozo. Eu acho que isso pra mim é orientadores fundamentais na clínica atual. Então, antes eram os sintomas muito mais da ordem simbólica, a gente vê agitações, as toxicomanias, as violências, os cortes, muita passagem ao ato suicida, é a clínica do ato nesse sentido, eu diria. Eu acho que isso tem a ver com o feminino é justamente isso que transborda, é o mais além do falo. Não tem lei. Então fica do lado do estrago aí que eu havia falado né.

Entrevistadora: Como se daria no seu trabalho como analista o manejo da posição feminina na direção do tratamento na experiência analítica atual?

Entrevistada: Então, eu escuto muito atrelado com essa última pergunta. É muito atrelado, né? Porque assim, eu fico pensando no manejo do analista, né? Antes o manejo do analista estava muito mais vinculado a clínica estrutural que levava em conta o significante, o significado, os deslizamentos metafóricos e metonímicos. Hoje a estrutura que daria conta desses sintomas que beiram o não sentido é a estrutura do nó borromeano que leva em conta três registros, o RSI, real, simbólico e imaginário. Então, uma clínica mais continuista, eu diria assim, no sentido de as estruturas não estão tão separadas, o que a gente vai ver é onde que o simbólico entra, onde é que o imaginário entra, onde é que o corpo está ali funcionando né nessa relação com os outros registros. Então, eu diante desse sintoma que não responda ao sentido, né? a gente vai estar orientado pra o sintoma do lado do gozo. Então eu acho que a minha clínica ela não é sem o referencial fálico, porque para as pessoas também poderem se reposicionar diante do seu gozo não é sem o referencial fálico, mas atentos aí ao que se apresenta do gozo nos três registros, né? Especialmente real e imaginário, uma vez que o simbólico está enfraquecido. Mas sabendo que não é sem ele. Não sei se seria mais ou menos por aí, né? Porque eu vejo

assim, é uma Psicanálise hoje em dia que não está ordenada pela formação do inconsciente, mas pelo acontecimento de gozo. É isso que nos faz mudar a perspectiva da interpretação. Não é porque eu quero mudar essa interpretação, que eu acho legal. Não. Muda-se porque o mal estar é de outra ordem. Então a gente precisa também inventar uma possibilidade de trabalho e não recuar diante desses sintomas mais enriquecidos porque não estão no simbólico, estão no corpo, né?

Entrevista 13

Entrevistadora: Como você compreende a posição feminina no ensino de Lacan?

Entrevistada: Então. A posição feminina...Freud deixou muitas questões abertas e alguns impasses e essas questões abertas elas se dão sobretudo no que Freud chamou no final da vida dele: "O Rochedo da Castração". E, no meio desse rochedo, ele se deparou com um grande impasse que foi sobre a sexualidade feminina porque a orientação de Freud era que o Édipo era o que teria que dar conta da sexualidade né. O Édipo, a saída pelo Édipo era como homens e mulheres, meninos e meninas, se localizavam no que dizia respeito a sexualidade e esse aparelho freudiano não foi suficiente, o próprio Freud reconheceu, para dar conta do que é ser mulher, do que era uma mulher, aqueles últimos textos de Freud "A Sexualidade Feminina" e a "Feminilidade" são textos onde ele realmente vem demonstrar o quanto ele não conseguia dar conta do que seria, do que hoje a gente pode chamar com Lacan "Uma posição feminina". O que é essa tal posição feminina? Então Lacan precisou, construir um outro tipo de lógica, uma lógica das fórmulas da sexuação onde ele localiza um lado que está para além da lógica fálica. Não é que ele largou a lógica fálica, mas é uma lógica que não serve para avançar no que diz respeito a posição feminina. Então a questão é como eu compreendo a posição feminina...

Entrevistadora: No ensino de Lacan

Entrevistada: Tá. Então, eu penso que a psicanálise conseguiu avançar para além do falo e Lacan encontrou saídas que até então não foram possíveis a Freud, e foi através da mulher ou da posição feminina se a gente compreender que a posição feminina está para além do gênero ou do homem ou da mulher, então foi por essa via do feminino que Lacan pode construir o que ele chama de "não todo". O "não todo" submetido a castração. Esse tal rochedo que Freud se deparou foi a partir daí como outro tipo de caminho, um caminho que Lacan faz pelo meio das pedras que ele vai se deparar com a outra alteridade e com o modo de gozo que ele chama na época né, e que Jacques Allain-Miller vem, Erick Laurent e tantos outros vem extrair as consequências disso que é: O que fazer com esse outro gozo que o próprio Joyce e que as mulheres místicas já anunciavam pra Lacan? Então, onde Freud teve medo de avançar, Lacan

ele teve uma coragem e ele quis saber um pouco mais, ele quis se deixar ser orientado, ser guiado por essas mulheres e pela própria obra de James Joyce que o arcabouço teórico ancorado na castração e na lógica fálica não dava conta né, então algumas mulheres como a própria psicose ensinou a Lacan sobre alguma coisa que não é operado pelo falo, esse irredutível, essa alteridade, isso que lança para um campo que não é mensurado, que não tem uma medida, tendo o falo aí como bitola, como medida. Então, é nesse sentido que a posição feminina foi a grande saída que Lacan encontrou para os impasses freudianos.

Entrevistadora: Você percebe, em sua clínica, manifestações daquilo que se poderia dizer tratar-se de algo ligado a posição feminina segundo o ensino de Lacan?

Entrevistada: Então, eu acho que pra gente poder conversar um pouco mais e conversar um pouco mais sobre essa questão e avançar. Existe o feminino que tanto homens quanto mulheres se defendem, encontram saídas pela lógica fálica, tanto a mulher quanto o homem vai estar às voltas com essa dimensão do que é ser homem e do que é ser mulher e se tratando mais de uma questão histérica, digamos assim, que é muito comum que algumas demandas cheguem por essa via interrogando diretamente sobre o feminino mas muito mais no sentido de uma recusa a esse feminino, de uma defesa a esse feminino, e é muito comum recebermos mulheres histéricas que são completamente tomadas pelo feminino na via da devastação, do arrebatamento, ou no estado de êxtase ou no estado completamente devastada, né? Aquilo lá que Lacan já diz desde "*Televisão*", desde *O Seminário XXIII* né? O homem, a parceria amorosa da mulher como uma aflição. Então me parece que esse campo da aflição que uma mulher trás pra análise tem a ver com esse feminino, essa alteridade radical onde ela se desconhece, onde ela se sente uma outra para ela mesma. Essa outra para ela mesma que é o feminino, a posição feminina, tanto pode levar a um campo de invenções quanto também pode levar ao pior, se sentir outra para ela mesma é um campo aberto pela angústia muitas vezes. Quando não há uma travessia fantasmática e até uma identificação, uma nomeação desse modo de gozo, a mulher ela pode muitas vezes se perder nesse campo que é a da alteridade e cada vez mais buscar no outro o que poderia responder a isso. É quando a demanda de amor, o retorno dessa demanda de amor retorna para a mulher como devastação. Certamente que há homens que também chegam com essa afetação que é o próprio feminino, mas, ainda é mais comum chegar na clínica, mulheres tomadas pelo feminino. Agora, segundo o ensino de Lacan, nessa posição feminina segundo o ensino de Lacan, a gente tem que se perguntar também sobre o final de análise onde essa posição feminina aparece como uma forma de consentimento, não

é mais como uma aflição, não é mais como um completo desconhecimento onde a mulher é arrebatada e muitas vezes chega ao pior mas como um campo onde ela pode nomear algo do um gozo ilimitado, digamos assim, sem se impredar ao ilimitado do gozo que leva realmente muitas vezes ao que Lacan vai chamar a loucura feminina que leva essa posição de loucura. Então me parece que a autorização à posição feminina que uma análise propicia tanto para homens quanto para mulheres é bem diferente daquele momento em que a mulher chega à analise completamente invadida, tomada pelas experiencias com esse gozo ilimitado.

Entrevistadora: Como se daria no seu trabalho como analista o manejo da posição feminina na direção do tratamento da experiência analítica na atualidade?

Entrevistada: Seria possível ao analista considerar uma clínica sem ter que lidar com essa alteridade radical que se chama o feminino? Uma análise orientada pela lógica fálica tocaria nesse irredutível do gozo, nessa opacidade, nesse irredutível radical onde se encontraria o que a psicanálise lacaniana chama de singularidade? Então, me parece que a visada do analista desde o primeiro encontro com o seu analisante é tocar de alguma forma nesse ponto de opacidade, nesse gozo que está em um campo que não é representado ou representável. Então como ao receber o analisante que ainda não é analisante ou receber o sujeito pela primeira vez, o analista terá que desde alí, desde este umbral é lidar com algo que o próprio fantasma, a construção fantasmática em se tratando de uma neurose, é, não dar conta. Procurar um analista já é de uma certa forma a busca por essa alteridade, por alguma coisa que o inconsciente, a gente poderia dizer que o inconsciente feminino chegou na vida daquele sujeito que as soluções que ele deu até então à vida dele pela via do sintoma já não mais funciona. Então ele é invadido ou ele é tomado por uma experiência onde ele se desconhece. Então, como se daria na minha clínica esse manejo da posição feminina? Esse manejo da posição feminina é desde o primeiro momento visar a singularidade, visar o que não é recoberto pelo campo das identificações, visar é como atingir a posição de gozo que é um outro nome que se dá a essa opacidade que o falo não vem recobrir. Então, desde o primeiro momento quando o analisante chega com uma questão é como escutar isso a partir desse encontro traumático com o significante, com o constitucional de cada um. Então me parece que quando o analista busca, ele busca, ele acolhe as identificações, mas, para romper em um final de analise, ele já está visando aí essa posição feminina.

Por exemplo, vou dar um exemplo da minha clínica. Mulheres que chegam e dizem: eu lhe procurei porque eu estava querendo ter uma experiência com uma analista negra porque seria

a única forma de lidar com as minhas questões enquanto mulher negra. Quer dizer, mulher negra ou preta a depender do analisante usa um significante ou outro. Ou então eu lhe procurei se for, porque você tem condições de lidar. Então é sempre, sempre chega um ponto muitas vezes onde as identificações estão em jogo então quando o analista vai para além desse traço de identificação acolhendo o que vem mas fazendo disso uma outra coisa, me parece que tá apostando nessa alteridade e nessa diferença absoluta que Lacan trás no final do *Seminário XI* quando ele diz né que a visada do analista é pegar a demanda e remeter a pulsão né onde possa encontrar o que é da dimensão de um amor inédito, de um amor mais digno que tem a ver com a diferença absoluta. Então os analisantes eles sempre chegam com as diferenças relativas, numa diferença em relação ao outro, o que eu sou no campo do outro e isso não recobre essa opacidade, essa singularidade que está encoberta pelo campo das identificações.

Uma das vezes que uma paciente chegou e me diz: Daqui pro final da sessão você vai me dizer, me falar, quem é o seu cabelereiro. Era uma mulher negra que não se reconhecia como tal, passava por processo de se localizar como uma mulher branca no sentido dos cabelos, da pele e aí numa hora dessa, eu digo: E você riu de uma certa forma recolho e digo: E você pode falar os traços da negritude na sua vida e aí ela ficou surpresa com isso, impactada porque até então ela não tinha tocado no assunto e aí aparece esse Outro traumático que é uma mãe racista, como ela é morena que não aceitava ela ser uma mulher negra, o pai era negro e ela começa a falar do quanto desde criança ela foi marcada por um processo de embranquecimento dessa mãe levar ela desde os dez anos para salão, quantas vezes o couro cabeludo dela não foi queimado por causa dos produtos que eram colocados, dela ir para a praia e a mãe exigir que ela voltasse da praia com a sombrinha para a pele não ficar mais escura. Em público, a mãe dizia: Você não precisa dizer que é minha filha porque as pessoas não vão entender sua cor eu sendo sua mãe, né? Como é que você é uma menina preta de uma mãe. Então a mãe, ela começa a falar a partir de uma vertente imaginária da transferência mas quando o analista muitas vezes não tem medo de tocar na ferida, alguma coisa aparece aí da dimensão da *Lalingua* daquele sujeito, dos significantes e apareceu muito mais neste caso. Que eu não vou entrar em detalhes mas muito mais questões desde ela filha depois de vários abortos ditos naturais da mãe, ela foi a única sobrevivente. Então assim, ela se dizia uma sobrevivente desse racismo. Então quando o analista entra, o analista entra interrogando sobre que alteridade é esta que está em jogo mas que de uma certa forma não aparece porquê as identificações e as defesas elas estão alí para encobrir. Então me aparece que manejar com a posição feminina é não abrir mão do que há de opacidade na vida de um sujeito e como do que não foi, do que não passou pelo filtro do falo,

o que não pôde ser negativizado pela castração. Então não sei se a gente usando esses termos mais herméticos da teoria ajuda muito a pensar. Mas, aquilo do qual o sujeito sofre e não sabe que esse sofrimento é porque ele está renunciando algo que é mais próximo de si, digamos assim, mas de si no sentido de uma posição de gozo da qual ele não pode abrir mão. Ele passa a vida inteira abrindo mão, né? Então esse significante sobrevivente na história dessa analisante foi fundamental e começou por essa, uma demanda que nada a ver se a gente pudesse dizer assim, mas começou por um certo ato da analista quando ela quis ir um pouco além dessa demanda inicial, transformar essa demanda retornando-a ao que há de pulsional, o que há de posição de gozo aí e o que apareceu na posição de gozo dessa analisante foi a partir do significante sobrevivente porque ela era uma sobrevivente depois de quatro mortes, de crianças que morriam sempre pela questão né na fantasia dela do leite e aí, foi quando o médico passa e diz alguma coisa pra mãe no sentido de que é preciso que a mãe dê o leite materno e não o outro de leite de vaca. Então assim, ela vai construindo a história dela da sobrevivente. Então é isso, me parece que isso é o manejo dessa posição feminina, do que está em jogo como alteridade.